



UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LINGUÍSTICA  
CENTRO DE COMUNICAÇÃO E EXPRESSÃO  
VARIAÇÃO / MUDANÇA LINGUÍSTICA E ENSINO  
MESTRADO EM LINGÜÍSTICA

**Patrícia Graciela da Rocha**

**O PORTUGUÊS DE CONTATO COM O ESPANHOL NO SUL DO BRASIL:  
EMPRÉSTIMOS LEXICAIS**

Florianópolis, março de 2008.



UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LINGÜÍSTICA  
CENTRO DE COMUNICAÇÃO E EXPRESSÃO  
VARIAÇÃO / MUDANÇA LINGÜÍSTICA E ENSINO

Patrícia Graciela da Rocha

**O PORTUGUÊS DE CONTATO COM O ESPANHOL NO SUL DO BRASIL:  
EMPRÉSTIMOS LEXICAIS**

Dissertação de Mestrado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Lingüística, do Centro de Comunicação e Expressão da Universidade Federal de Santa Catarina, como pré-requisito para a obtenção do título de Mestre em Lingüística.

Orientador: Prof. Dr. Felício W. Margotti

Florianópolis, março de 2008.

**Patrícia Graciela da Rocha**

**O PORTUGUÊS DE CONTATO COM O ESPANHOL NO SUL DO BRASIL:  
EMPRÉSTIMOS LEXICAIS**

Dissertação defendida e aprovada no Programa de Pós-Graduação em Lingüística do Instituto de Letras da Universidade Federal de Santa Catarina como parte dos requisitos para a obtenção do Grau de MESTRE em Lingüística, pela comissão examinadora composta pelos professores:

**Comissão Examinadora:**

---

Professor Doutor Felício W. Margotti – Orientador  
Universidade Federal de Santa Catarina.

---

Professora Doutora Izete L. Coelho – Membro interno  
Universidade Federal de Santa Catarina.

---

Professor Doutor Cléo Altenhofen – Membro externo  
Universidade Federal do Rio Grande do Sul

---

Professora Doutora Edair Görski – Suplente  
Universidade Federal de Santa Catarina

Florianópolis, março de 2008.

Às minhas duas famílias: a primeira – meus pais e namorado – uma base sólida para a vida; a segunda – amigos e professores do mestrado – a expressão de toda a essência do companheirismo.

## AGRADECIMENTOS:

---

Agradeço inicialmente e principalmente ao meu orientador Felício W. Margotti pela atenção desde o primeiro e-mail enviado e respondido e, desde então, pela disponibilidade em me ouvir, pela sabedoria em me aconselhar, pela humildade em me responder, pela paciência em apontar meus erros e pelo otimismo em me encorajar. Certamente este trabalho não existiria se o senhor não acreditasse em mim. Muito obrigada!

Não poderia deixar de agradecer também à querida professora Hilda Gomes Vieira (*in memoriam*) que sempre me incentivou e me entusiasmou a me arriscar pelos caminhos da Geolingüística.

Agradeço ao quarteto fantástico da lingüística (Ani, Salete, Rodrigo...), pois juntos passamos na prova de seleção, passamos pela angústia da proficiência, descobrimos o caminho das pedras da Pós-Graduação, aprendemos sintaxe e, quem sabe, um pouco dos mundos possíveis da semântica, promovemos até o I SINPEL na UFSC. Juntos fizemos churrascos, almoços, lanches, jantas e cafés da manhã, passeamos, dançamos, viajamos (ah! Como viajamos!), comunicamos, discutimos, escrevemos, dormimos, fomos à praia, fizemos amizades, procuramos empregos, escolhemos vagas, tiramos fotos, rimos, choramos e, é claro, estudamos, e como estudamos! Mas o mais importante é que construímos uma grande amizade que, apesar das diferenças, levaremos pela vida toda, mesmo que o destino nos espalhe por Universidades diferentes pelo mundo afora, tenho a certeza que nossa amizade continuará, que ainda escreveremos muitos artigos juntos e que sempre daremos um jeito de estarmos por perto.

Agradeço aos amigos que vieram por acréscimo de outros amigos (Andréa) e aos namorados que, mesmo não sendo lingüistas aturaram nossos papos e continuaram sendo nossos amigos embora não entendessem muito do que estávamos falando.

Ao Douglas que sempre me entendeu, me apoiou e me incentivou a correr atrás dos meus objetivos, mesmo que isso acarretasse vivermos longe por um tempo, o que me faz acreditar que o amor não é egoísta, mas solidário, compreensivo e generoso.

Finalmente, agradeço aos meus pais que, mesmo sem entender o que eu faço, acham ótimo e se sentem orgulhosos por terem uma filha quase mestre, embora se culpem por não

terem estudados e por não saberem “falar certo o português” pra ajudar os filhos. Mal sabem eles que foi a vontade de entender esse “falar errado” que me trouxe até aqui.

*“As palavras vivem mais do que os feitos”*

Píndaro

## RESUMO:

---

Este trabalho é um estudo, com base em dados e mapas lingüísticos do ALERS, das variantes lexicais do português falado no Sul do Brasil, consideradas empréstimos do espanhol. O objetivo é identificar variantes lexicais de origem castelhana incorporadas ao português falado no Sul do Brasil e delimitar as áreas de uso dessas variantes nos três estados sulinos. Considerando que esses empréstimos resultam do contato do português com o espanhol, supõe-se que as ocorrências e distribuição no espaço geográfico estejam fortemente associadas às áreas de fronteira, mas isso não significa que todas essas áreas sejam lingüisticamente homogêneas. Supõe-se, também, que existem, no ALERS, variantes hispânicas ainda não identificadas e descritas quanto à distribuição geográfica e que é possível, com base nessas variantes lexicais, delimitar as áreas dialetais do português de contato com o espanhol. Para este trabalho foram selecionadas 41 itens do Questionário Semântico Lexical do ALERS os quais foram realizados, descritos e analisados com base na bibliografia consultada. A partir dessas análises concluiu-se que a difusão de empréstimos do espanhol varia quanto ao modo e quanto à intensidade. Há casos cuja diatopia se restringe a áreas de fronteira, em particular às fronteiras meridionais com o Uruguai e Argentina, enquanto outras variantes, além de serem largamente usadas nas regiões próximas às fronteiras, alcançaram grande difusão, ocorrendo, inclusive, em regiões de baixo ou nenhum contato com o espanhol. Além disso, existem casos de variantes registradas em alguns pontos de fronteira, mas não em outros, avançando, as vezes, pelo território, em áreas afastadas da fronteira. As causas da maior ou menor difusão são diversas, mas o deslocamento de populações na Região Sul, seja em razão do comércio de gado, seja devido a migrações internas em busca de novas terras, tem alta relevância, pois com os falantes, também deslocase a língua, ou deslocam-se as línguas. O estudo segue os princípios da teoria dialetológica, que tem a tarefa identificar, escrever e situar os diferentes usos em que uma língua se diversifica, conforme sua distribuição espacial, sociocultural e cronológica. O método utilizado é o da Geolingüística Tradicional.

Palavras-chave: Empréstimos Lexicais; Português de Contato, Espanhol.



## **ABSTRACT:**

---

This work is a ALERS and linguistic map data-based study of the lexical variants of spoken Portuguese in the southern Brazil that embody loans from Spanish. It aims at identifying lexical variants from Castelian incorporated in the spoken Portuguese language in the southern Brazil as well as demarcating lexical areas in the borders of the three southern states. Considering that these loans are formed by Portuguese-Spanish contact, it is assumed that the occurrences and distribution in the geographical area are strongly associated to the border areas, but it does not mean that all of these areas are linguistically homogeneous. It is also assumed that there are, at ALERS, Hispanic variants not identified yet and described as the geographical distribution. Upon this perspective, it is possible, based on these lexical variants, to delimit the dialectic areas of the Portuguese-Spanish contact. To do this study it was selected 41 items from the ALERS lexical semantics questionnaire which were arealized, described and analyzed by using the selected review of literature. Up to this it was concluded that the diffusion of loans from Spanish varies in relation to the mode and intensity. There are cases whose diatopy is restricted to border areas, specially the southern border with Uruguay and Argentina, while other variants achieved wide dissemination, occurring even in areas with low or without Spanish contact. In addition to this, there are cases of recorded variants in some borders but not in others, sometimes moving, by the territory in border remote areas. The causes of greater or smaller diffusion are diverse, but the displacement of populations in the Southern Region are related to the trade of cattle or to the internal migration in search for new lands, it is relevant, because with the speakers, the language also moves. This study uses the Dialectology Theory that attempts identifying, describing and locating different uses that a language can diversify by taking into account its spatial, sociocultural and chronological distributions. To do so, it is used the Traditional Geolinguistics.

Keywords: Lexical Loan; Portuguese of Contact, Spanish.

## LISTA DE FIGURAS:

---

<b>Figura 1</b> – Mapa ilustrativo das fronteiras do extremo sul brasileiro com o Uruguai, e da localização das cidades de Santa Vitória do Palmar e Chuí, brasileiras, e Chuy uruguaia. (SANTOS, 2004, p. 57).....	27
<b>Figura 2</b> – Mostra a linha demarcatória do tratado de Idelfonso em 1777 e a linha demarcatória do tratado de Madrid em 1750, além da localização da Colônia do Sacramento e o Rio da Prata (SANTOS, 2004, p. 57).....	28
<b>Figura 3</b> – Mostra a localização das cidades do Chuí e Rio Grande no Brasil e Maldonado e Montevideú no Uruguai. Mapa adaptado de Santos (2004, p. 57). ....	29
<b>Figura 4</b> – Mapa que marca 3 áreas lexicais referentes ao termo <i>rastilho</i> já citado anteriormente. (KOCH, 2000, p.66). ....	51
<b>Figura 5</b> – Mapa correspondente ao item 001 do QSL – Monte. ....	56
<b>Figura 6</b> – Mapa correspondente ao item 012 do QSL – Riacho. ....	59
<b>Figura 7</b> – Mapa correspondente ao item 148 do QSL – Ancinho. ....	63
<b>Figura 8</b> – Mapa correspondente ao item 163 do QSL – Galpão. ....	65
<b>Figura 9</b> – Mapa correspondente ao item 187.a do QSL – Bagual / coiúdo / colhudo / pastor. ....	69
<b>Figura 10</b> – Mapa correspondente ao item 191.a do QSL – Cria do ovelha. ....	73
<b>Figura 11</b> – Mapa correspondente ao item 208.a do QSL – Chifre. ....	76
<b>Figura 12</b> – Mapa correspondente ao item 208.c do QSL – Rabo. ....	79
<b>Figura 13</b> – Mapa correspondente ao item 266 do QSL – Calcanhar. ....	81
<b>Figura 14</b> – Mapa correspondente ao item 268 do QSL – Rótula. ....	84
<b>Figura 15</b> – Mapa correspondente ao item 318 do QSL – Manco. ....	86
<b>Figura 16</b> – Mapa correspondente ao item 466 do QSL – Marido enganado. ....	89
<b>Figura 17</b> – Mapa correspondente ao item 513 do QSL – Bolinha de gude. ....	91
<b>Figura 18</b> – Mapa correspondente ao item 514 do QSL – Estilingue. ....	93

<b>Figura 19</b> – Mapa correspondente ao item 515 do QSL – Papagaio de papel. ....	96
<b>Figura 20</b> – Mapa correspondente ao item 539 do QSL – Rinha de galos. ....	98
<b>Figura 21</b> – Mapa correspondente ao item 541.a do QSL – Corrida de dois cavalos. ....	101
<b>Figura 22</b> – Mapa correspondente ao item 546 do QSL – Jogo do osso. ....	103
<b>Figura 23</b> – Mapa correspondente ao item 592 do QSL – Carne moída.....	107
<b>Figura 24</b> – Mapa correspondente ao item 596 do QSL – Bêbado.....	109
<b>Figura 25</b> – Mapa correspondente ao item 605 do QSL – Bodega.....	111
<b>Figura 26</b> - Percentual de ocorrências de variantes hispânicas nos três estados da Região Sul. .....	131
<b>Figura 27</b> – Média de ocorrências de variantes hispânicas por estado.....	132

## SUMÁRIO:

---

<b>CAPÍTULO I</b> .....	19
DELIMITAÇÃO DO OBJETO DE ESTUDO.....	19
1.1. OBJETIVOS E HIPÓTESES DE PESQUISA .....	19
<b>CAPÍTULO II</b> .....	21
CONTEXTUALIZAÇÃO HISTÓRICO-LINGÜÍSTICA.....	21
2.1 RESUMO DOS ESTUDOS DIALETAIS NA REGIÃO SUL DO BRASIL .....	21
2.2 FATORES HISTÓRICO-SOCIAIS DETERMINANTES DA VARIAÇÃO DIALETAL NA REGIÃO SUL .....	22
2.3 A DEMARCAÇÃO DAS FRONTEIRAS POLÍTICAS NO SUL DO BRASIL.....	26
2.4 A CONTRIBUIÇÃO DOS TROPEIROS .....	36
<b>CAPÍTULO III</b> .....	41
FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA E METODOLOGIA .....	41
3.1 FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA .....	41
3.1.1 A Dialectologia dos Contatos .....	45
3.2 METODOLOGIA DA PESQUISA .....	48
3.2.1 O Banco de Dados – ALERS.....	49
3.2.2 Seleção dos Itens Relevantes .....	51
3.2.3 Apresentação e Análise dos Dados .....	52
3.2.4 Informantes Hispano-Falantes .....	53
<b>CAPÍTULO IV</b> .....	54
APRESENTAÇÃO E ANÁLISE DOS DADOS .....	54
4.1 VARIANTES HISPÂNICAS .....	55
4.1.1 Cerro/Coxilha.....	55
4.1.2 Sanga, sanguinha, sangão .....	58
4.1.3 Rastilho.....	62
4.1.4 Galpão .....	64
4.1.5 Bagual, pastor, coiúdo, colhudo.....	67

4.1.6 Borrego .....	72
4.1.7 Aspa, guampa.....	74
4.1.8 Cola .....	78
4.1.9 Garrão .....	80
4.1.10. Chicochoelo .....	83
4.1.11 Rengo, lunanco.....	85
4.1.12 Guampudo.....	88
4.1.13 Bolita .....	90
4.1.14 Bodoque.....	92
4.1.15 Pandorga, pandolga, bandorga .....	95
4.1.16 Rinha de galo .....	97
4.1.17 Carreira .....	100
4.1.18 Jogo de /da tava.....	102
4.1.19 Guisado .....	106
4.1.20 Borracho .....	108
4.1.21 Bolicho .....	110
4.2 VARIANTES SUPOSTAMENTE HISPÂNICAS E COGNATOS.....	113
4.2.1 Ladeira/ ladeirão .....	114
4.2.2 Taipa (de pedra) .....	115
4.2.3 Bergamota.....	116
4.2.4 Lavrar .....	117
4.2.5 Carreta (de duas rodas).....	117
4.2.6 Apear, pear, apinhar .....	119
4.2.7 Machorra.....	120
4.2.8 Corvo .....	121
4.2.9 Jugo .....	122
4.2.10 Pêlo (cabelo) duro .....	123
4.2.11 Caloteiro .....	123
4.2.12 Repouso (materno) .....	124
4.1.13 Raia.....	125
4.2.14 Crioulo.....	126
4.2.15 Corpinho, corpim .....	127
4.2.16 Carpim .....	128
4.2.17 Chibo/ chibarro .....	128

4.2.18 Astilhar .....	129
4.2.19 Rengo.....	129
4.2.20 Bidu e pucho .....	129
<b>ANÁLISES FINAIS:</b> .....	131
<b>CONCLUSÕES:</b> .....	134
<b>REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS:</b> .....	137
<b>ANEXOS:</b> .....	142

## INTRODUÇÃO:

---

A divisão do português brasileiro em áreas lingüísticas tem sido proposta por bom número de pesquisadores, especialmente a partir da primeira metade do século XX, quando até decreto oficial houve para a elaboração de um “Atlas Lingüístico do Brasil”. Nessa época destacaram-se os estudos de Antenor Nascentes<sup>1</sup>, nos quais o autor divide o “falar brasileiro em seis subfalares”, reunidos em dois grupos: “falar do norte” e “falar do sul”. Desde então, vários pesquisadores se dedicaram a estudos geolingüísticos para testar empiricamente as hipóteses de Nascentes. Alguns desses estudos, como os de Cardoso (1986, 1996) no centro-nordeste, têm apontado fortes coincidências de resultados com as linhas traçadas por Nascentes.

No entanto, não é intenção aqui discutir a validade da divisão do falar brasileiro proposta por Nascentes, mas deter-nos no falar da Região Sul, mais diretamente ligado à área de estudo do ALERS no eixo da arealidade, priorizado pelos geolingüistas, ou seja, uma descrição da variação diatópica.

De acordo com Altenhofen (2002, p. 121), ao delimitarmos áreas lingüísticas, delimitamos, também, hipoteticamente, fatores extralingüísticos determinantes dessas áreas, em virtude da possibilidade de correlação existente entre a “variante do português em estudo” e “os traços extralingüísticos do meio geográfico”, tais como origem e etnia da população, atividades econômicas, densidade demográfica e redes de comunicação, migrações históricas, grau de isolamento e de urbanização, características do espaço em termos de relevo, vegetação e hidrografia, entre outros.

A Região Sul do Brasil tem uma pluralidade social, cultural e geofísica rara, que lhe confere um *status* particular no estudo do português brasileiro. Koch (2000, p. 59) destaca quatro fatores que seriam os principais determinantes externos das variantes do português falado na Região Sul: 1) a presença de açorianos no leste de Santa Catarina; 2) a existência de fronteiras políticas com países de fala hispânica no extremo sul e o contato português-espanhol derivado dessa situação; 3) o contato entre paulistas e gaúchos em dois fluxos migratórios opostos e o papel das rotas dos tropeiros paulistas no comércio do gado; e 4) a existência de áreas bilíngües expressivas, originadas da instalação, nas (antigas) zonas de floresta, de imigrantes europeus não lusos a partir do século XX.

---

<sup>1</sup> Esboço(s) para a elaboração do Atlas Lingüístico do Brasil I (1958) e II (1961) e d’ O linguajar carioca (1953).

Além disso, podemos acrescentar a ocupação da área norte do Paraná por paulistas e a relevância das migrações internas no processo recente de ocupação da região.

Altenhofen (2002, p. 133) levanta algumas hipóteses evidenciadas pelas fotografias geolingüísticas do ALERS e delimita oito áreas lingüísticas principais na configuração diatópica do português falado na Região Sul do Brasil. Nessa delimitação, o autor distingue, além de áreas bilíngües e de transição, três “corredores de projeção de traços” e três “zonas laterais”: 1) área de transição (*Leque Catarinense*, postulado por KOCH, 2000); 2) corredor central de projeção paranaense; 3) corredor oeste de projeção riograndense; 4) corredor leste de projeção riograndense (*feixe riograndense*, na interpretação de KOCH, 2000); 5) zona lateral açoriano-catarinense; 6) zona lateral do Paraná do norte (*feixe paranaense*, na interpretação de KOCH, 2000); 7) zona lateral da fronteira sul-rio-grandense; e 8) áreas bilíngües de português de contato.

Mais especificamente, a fronteira sul do Rio Grande do Sul com o Uruguai, de acordo com Altenhofen (2002, p. 128), guarda traços de momentos históricos diversos de ocupação da área e oscilações das fronteiras históricas com o espanhol. Isso se observa mais nitidamente no léxico, como atestam Koch (1995), Bunse & Klassmann (1969) e Rodriguez (1998), os quais registram uma série de hispanismos antigos que podem ser caracterizados como formas de preservação de marcas de substrato por terem sobrevivido à dominação posterior pelo português. De acordo com esses autores, são exemplos dessa preservação as palavras *jugo* = canga, *planchar* = passar a ferro, *piola* = barbante, *esquilar* = tosar, dentre outros. Além do nível léxico, os autores apontam preservação nos planos fonéticos e morfossintáticos, pois a maioria das isoglossas<sup>2</sup> analisadas por eles estende-se até o centro-norte do Estado, não se limitando apenas à zona lateral fronteira, como acontece no caso de /e/ e /ɛ̃/ diante de /s/ em final de sílaba, como em *três* e *dez*, que nessa zona oferecem maior resistência à ditongação.

Nesse sentido, essa pesquisa vem dar seqüência a uma série de trabalhos geolingüísticos e sociolingüísticos que vem sendo desenvolvidos através do banco de dados do ALERS, do Varsul, do BDSPampa, entre outros, os quais têm explorado aspectos fonéticos e morfossintáticos, na sua maioria, no espaço geográfico da Região Sul do Brasil. Neste trabalho, pretendemos estudar variantes lexicais do português falado no Sul do Brasil que se concretizam como empréstimos do espanhol nessa região.

---

<sup>2</sup> Entende-se por Isoglossa a linha virtual que marca o limite, também virtual, de formas e expressões lingüísticas.



Por que abordar dados do léxico? E por que o contato com o espanhol? Para responder a primeira pergunta, recorreremos às palavras de Biderman (1998, p. 13). Ela afirma que “é o léxico o único domínio da língua que constitui um sistema aberto, diversamente dos demais, fonologia, morfologia e sintaxe, que constituem sistemas fechados”, e, talvez, seja por isso que o “léxico é o nível lingüístico que melhor expressa a mobilidade das estruturas sociais, a maneira como uma sociedade vê e representa o mundo” (BIDERMAN, 1998, p. 13). Oliveira (1998, p. 107) menciona ainda que, no âmbito do léxico, existem muitas marcas regionais afastadas entre si, e isso se deveria, principalmente, às grandes extensões geográficas de nosso território, ao isolamento em que se encontram algumas das regiões no Brasil e, em alguns casos, à influência exercida pela intensificação do processo migratório verificado em nosso país. A autora ainda lembra que há que se registrar também a influência da norma (entendida como costume, tradição continuada) que se verifica nos hábitos lingüísticos de uma comunidade. Para ela, esses matizes, observados principalmente no nível lexical, em muito têm contribuído para caracterizar, no plano lingüístico, as várias regiões brasileiras.

Para completar minha justificativa acerca da escolha pelo léxico reitero as palavras de Silva (1998, p. 121):

A natureza dos estudos de base lexical por sua competência básica, qual seja a de estabelecer, organizar e veicular os signos que dão conta da relação homem – mundo, instrumentam um maior e melhor conhecimento da língua falada no Brasil ao mesmo tempo em que propiciam o reconhecimento das diferentes ilhas culturais que compõem o mosaico da realidade do país. As perspectivas que se abrem para os estudiosos dessa área do saber têm a amplitude dos espaços estabelecidos a cada ato relacional celebrado pelos atores da sempre nova aventura humana.

Para responder à segunda pergunta, recorreremos a uma motivação pessoal e alheia à perspectiva científica, mas devo admitir que tenho uma profunda admiração pelo idioma espanhol, tanto que me graduei e me especializei no ensino do mesmo, e, agora, dedicada aos estudos lingüísticos, percebi a carência de estudos que envolvam o contato do português com essa língua, apesar de sermos vizinhos limítrofes de vários países hispanofalantes e mantermos relações políticas e comerciais com os mesmos. Enquanto isso, nossos vizinhos

uruguayos estão bem mais avançados, no que diz respeito aos estudos sociolinguísticos do espanhol de contato com o português<sup>3</sup>.

Além dessas motivações de ordem pessoal, devemos mencionar o tão comentado MERCOSUL, que trouxe muitas expectativas (a maioria delas frustradas) acerca das vantagens para os povos lindeiros, além de abrir os olhos da comunidade acadêmica para a realização de trabalhos lexicográficos, muito especialmente no que concerne a linguagens técnicas e a formas peculiares de expressão de grupamentos antes postos em distância, os quais necessitam ter conhecimento do falar das comunidades com as quais se envolveram em rituais de comunicação em diferentes níveis de agregação e de interação, com rapidez e objetividade. Conforme Silva (1998, p. 120), “quer-se saber, do termo, informações sobre a pronúncia, definição, classe gramatical, etimologia, construção e inserção frasal, sinônimos, antônimos, idiotismos, se é palavra ‘abre-te sésamo’ das comunidades” e, por extensão, se faz parte dos interditos, ou seja, aqueles que são capazes de destruir total ou parcialmente, uma cuidadosa tentativa de aproximação arquitetada entre indivíduos distanciados diatópica<sup>4</sup> ou diastraticamente<sup>5</sup>, o que vale dizer que, conforme a autora, entre eles, se postava um muro edificado por experiências diversas, o qual se reconstrói ligeiramente a cada palavra mal dita ou mal conformada à situação do tempo comunicativo.

No entanto, este trabalho não pretende apresentar conclusões decisivas, acabadas, mas, pelo contrário, espera marcar um começo, pelo menos para mim, de uma série de outras investigações dedicadas ao contato linguístico português-espanhol e, mais tarde, a questões envolvendo o ensino e políticas linguísticas.

A estrutura desse estudo divide-se em quatro capítulos. O capítulo I é dedicado à definição e delimitação do objeto de estudo, com a apresentação dos objetivos e hipóteses de pesquisa.

No capítulo II buscamos contextualizar histórica e linguisticamente nosso estudo, apresentando o panorama dos estudos dialetais na Região Sul do Brasil e os fatores histórico-sociais determinantes da variação dialetal nessa região como a demarcação das fronteiras políticas e a contribuição dos tropeiros.

O capítulo III é dedicado à discussão do aparato teórico que dá sustentação a esta pesquisa e à definição da metodologia da pesquisa.

---

<sup>3</sup> Ver ADDU – Atlas Lingüístico Diatópico y Diastrático del Uruguay e os estudos de Elizaincín sobre os DPU (Dialectos Portugueses do Uruguai) entre outros.

<sup>4</sup> Entende-se por diatópico a variação linguística no espaço geográfico (COSERIU, 1982, p. 19).

<sup>5</sup> Entende-se por diastrático a variação linguística entre os diferentes estratos, ou classes, socioculturais da comunidade idiomática (COSERIU, 1982, p. 19).

Por fim, o capítulo IV ao mesmo tempo apresenta e analisa os dados da pesquisa, dividindo-os em duas partes, variantes hispânicas e variantes supostamente hispânicas. A análise baseia-se, principalmente, na distribuição diatópica dos dados e nos fatores histórico-sociais da área de estudo, ou seja, da Região Sul do Brasil.

# CAPÍTULO I

## DELIMITAÇÃO DO OBJETO DE ESTUDO

---

### 1.1. OBJETIVOS E HIPÓTESES DE PESQUISA

Este trabalho de pesquisa visa a identificar variantes lexicais de origem castelhana no português falado no Sul do Brasil e a delimitar os espaços geográficos em que são usadas, nas fronteiras dos três estados dessa região, formadas pelo contato português-espanhol. Além desse objetivo, o presente estudo tentará responder às seguintes perguntas, que são formuladas seguidas das respectivas hipóteses:

- 1. O grau de interferência do espanhol no português é o mesmo em todos os pontos de contato?

Para Thun (2000, p. 200), a influência do contato com o português no Uruguai é heterogênea, ou seja, “na faixa imediatamente limítrofe à fronteira que é a nossa zona próxima, o português segue se fortalecendo graças ao contato contínuo com o Brasil ao passo que, mais longe da fronteira, na zona distante, a vitalidade do português diminui”. Pressupondo que situação semelhante se repete no lado brasileiro das fronteiras com os países de língua espanhola, a hipótese, nesse caso, é de que *o grau de influência do espanhol no português não é igual em todas as áreas de contato*.

- 2. De acordo com o ALERS, quais são os itens lexicais do espanhol incorporados ao português no Sul do Brasil?

Estudos de Margotti e Vieira (2006, p. 253-254) apontam, entre outros vocábulos, *coxilha* e *sanga* como tomados do espanhol platino. Também *planchar*, *piola*, *esquilar*, *cerro*, *rastilho*, *jugo* e *cochilha* são, de acordo com Koch (2000), variantes hispânicas incorporados ao português na região de fronteira com o Uruguai e a Argentina. A hipótese, nesse caso, é que, além desses itens apontados pelos autores já mencionados, existem, no ALERS, outras variantes hispânicas ainda não identificadas e descritas quanto à distribuição geográfica.

- 3. É possível, com base em variantes lexicais, delimitar as áreas dialetais do português de contato com o espanhol?

Considerando que, ao longo das fronteiras com o Uruguai, a Argentina e o Paraguai, existem pontos com maior contato comercial, fluxo de pessoas, turistas etc. do que em outros, é esperado que, nos lugares de contato mais intenso, ocorra maior influência da língua espanhola no léxico do português, formando áreas lexicais mais homogêneas. Nesse sentido, merecem especial atenção os pontos de pesquisa do ALERS próximos às cidades de fronteira.

Nessa perspectiva, imagina-se que na fronteira de Santa Catarina haja pouca influência, assim como em algumas regiões do RS. Porém, devido à grande movimentação interna da população na Região Sul, conforme já explicitado acima, certas palavras podem ter migrado juntamente com as populações, ou, por razões diversas, ter elevada difusão, mesmo em áreas de baixo contato linguístico.

Espiga (2006, p. 263) afirma que:

Os marcos naturais e artificiais que sinalizam a fronteira entre o Rio Grande do Sul e o Uruguai e a Argentina estão localizados em meio a microrregiões que nem sempre podem ser divididas, por arbítrio, em duas realidades distintas. Há comunidades e passos de fronteira que conhecem e compartilham ambos os lados da linha, a mesma geografia, história e cultura locais, descritas e vivenciadas em português e espanhol ou em dialeto próprio, misto das duas línguas.

No entanto, ainda de acordo com o mesmo autor, isso não quer dizer que a região de fronteira seja lingüisticamente homogênea, mas pelo contrário, essa região também revela heterogeneidade tanto no sentido longitudinal quanto transversal da linha. Com base nos estudos de Koch, o uso de variantes lexicais emprestadas do espanhol ocorre numa faixa de até 200 KM, ao longo da fronteira, nos três estados do Sul do Brasil.

## CAPÍTULO II

### CONTEXTUALIZAÇÃO HISTÓRICO-LINGÜÍSTICA

---

#### 2.1 RESUMO DOS ESTUDOS DIALETAIS NA REGIÃO SUL DO BRASIL

Há vários estudos sobre a língua portuguesa falada na Região Sul do Brasil, muitos deles elaborados a partir da teoria e método sociolingüístico variacionista e outros na perspectiva dialetológica. Dentre eles, destaca-se Furlan (1989), que estuda a influência açoriana no português do Brasil em seus aspectos fonéticos e morfossintáticos, enfatizando o falar catarinense como uma área *movediça e complexa*. De acordo com Koch (2000, p. 57), com base em dados fonéticos do ALERS, Santa Catarina é uma área de transição, isto é, *leque que divide a região sul, claramente, em duas áreas lingüísticas, a paranaense e a riograndense*. O ALERS (2002) apresenta cartas fonéticas e morfossintáticas que comprovam a existência dessas áreas na Região Sul do Brasil. Os próximos volumes do ALERS, ainda no prelo, descrevem aspectos semântico-lexicais. Aguilera (1994) destacou aspectos fonéticos e lexicais do estado do Paraná. Mercer (1992) estudou aspectos fonéticos no mesmo estado com dados do *corpus* do projeto ALERS. Margotti (1997, 1998, 2001, 2003) explorou, entre outros aspectos, a variação de gênero, a variação do ditongo [ão] no português de contato com o italiano, a sinonímia e a paráfrase, com base em dados do ALERS. Vieira (1997, 1998, 1999a, 2000) explorou aspectos fonéticos do ALERS. Margotti e Vieira (2006a) exploraram algumas variantes lexicais cuja variação diatópica sinaliza a existência de áreas lingüísticas relacionadas com as diversas áreas de colonização do estado de Santa Catarina, entre outros fatores. Margotti e Vieira (2006b) delimitaram áreas lexicais no Estado de Santa Catarina baseando-se em respostas ao Questionário Semântico-lexical do ALERS, que correspondem à área semântica *festas e divertimentos*. Os autores têm a expectativa de possibilitar a comparação dos mesmos fatos nos três estados da Região Sul quando forem publicados os próximos volumes. Ou seja, com exceção desses dois últimos artigos citados, a grande maioria dos trabalhos se refere a aspectos fonéticos e morfossintáticos, deixando uma lacuna na abordagem lexical do *corpus* do ALERS nos estados do Sul do Brasil.

Diversos estudos confirmam que a região sul revela muitas áreas lexicais tanto homogêneas<sup>6</sup> como heterogêneas<sup>7</sup>. Koch (2000) e Altenhofen (2002), citados por Margotti e Vieira (2006, p. 246), indicam que o território de Santa Catarina é uma “área de transição” entre as áreas lingüísticas paranaenses e rio-grandense, caracterizada pelo “alto grau de variação das formas no sentido norte-sul”, como possível reflexo do movimento de colonizadores que partiam do Paraná na direção sul através dos Campos de Lages (paranaenses-paulistas) e variação de formas no sentido sul-norte (gaúchos), tanto ao longo das antigas rotas de tropeiros, quanto a oeste, como extensão do processo de colonização das Missões, desde o rio do Peixe até o Extremo Oeste com migração de “excedentes populacionais das colônias alemãs e italianas” rio-grandenses. Ainda como projeção gaúcha, verificam-se isoglossas que representam avanços provenientes do sul ou coincidências de traços no lado leste de Santa Catarina.

Mignoni (2000) também estudou o português de contato com o espanhol. Ela pesquisou a transferência e a aquisição das vogais espanholas /e/ e /o/ em substantivos e adjetivos, por falantes universitários do extremo sul brasileiro e considerou variáveis lingüísticas e extralingüísticas, dentre elas: *nível de proficiência, semestre letivo, grupo de palavras e instrumentos*. A autora concluiu que, para os dados obtidos, as diferenças individuais são mais relevantes que o nível de proficiência de cada sujeito. Sendo assim, ela afirma, então, que a transferência é multideterminada, sendo, por isso, importante verificar e testar fatores individuais relacionados à aquisição de segunda língua que, possivelmente, possam ter influência na produção dos falantes.

## **2.2 FATORES HISTÓRICO-SOCIAIS DETERMINANTES DA VARIAÇÃO DIALETAL NA REGIÃO SUL**

Conforme já mencionado anteriormente, Koch (2000, p. 59) aponta, entre os principais determinantes das variantes do português falado na Região Sul: a) a chamada de colonos açorianos; b) o prolongado contato com o espanhol no extremo sul; c) o papel dos

<sup>6</sup> Entende-se por áreas dialetais homogêneas, aqui nesse estudo, aquelas em que há baixo nível de variação e cujos limites concentram um feixe elevado de isoglossas. Poderíamos usar como sinônima a expressão “áreas dialetais relativamente estáveis”

<sup>7</sup> Entende-se por áreas dialetais heterogêneas aquelas em que há alto nível de variação e cujos limites concentram um feixe baixo de isoglossas. Poderíamos usar como sinônima a expressão “áreas dialetais relativamente instáveis”

tropeiros paulistas no comércio de gado e d) o assentamento de imigrantes não-lusos nas áreas florestais.

Para o autor, “em consequência do longo convívio de hispânicos e lusos na fronteira sul, adstratos<sup>8</sup> do espanhol no português temporariamente podem ser registrados até no Paraná” (Koch, 2000, p. 59). Os levantamentos feitos para o ALERS revelam, de acordo com esse autor, o desaparecimento quase total desses adstratos, conseguindo-se manter alguns vestígios apenas no nível semântico-lexical, em três situações distintas:

a. Hispanismos: *jugo* (canga), *piola* (barbante), *esquilar* (tosar) e *planchar*<sup>9</sup> (passar ferro), que, segundo o autor, eram largamente usados em toda a parte meridional do Rio Grande até o começo do século XX e hoje ocorrem apenas isoladamente numa faixa de aproximadamente 200 km de largura ao longo da fronteira com o Uruguai paralelamente com os equivalentes portugueses que os vêm substituindo.

b. Segundo tipo: *rastilho* (ancinho), que conseguiu resistir na região fronteira ao avanço de dois heterônimos, segundo Koch (op. cit.): o termo luso *ancinho* que se impôs em todo o sudeste do Estado do Rio Grande do Sul, enquanto *rastelo*, emprestado do italiano, se tornou a variante predominante no noroeste. Como este último termo também pertence ao vocabulário da língua portuguesa, mas como designação do pente usado no tratamento do linho ou da grade triangular dentada para aplainar a terra arada, pode ter havido uma adaptação de significado provocada pela semelhança com o espanhol.

c. Terceiro tipo: *cerro*, *coxilha*, *monte*, *morro*. Acontece quando um termo espanhol e seus sinônimos correspondem a um conjunto de equivalentes no português dos quais um ou dois são idênticos aos termos espanhóis, como no caso de *cerro* e *coxilla* do espanhol, *monte*, *morro*, *cerro* e *coxilha* no português. Conforme o autor, os dois últimos representam as formas absolutamente predominantes em dois terços do Rio Grande, não sendo registrados nos Estados vizinhos, onde o heterônimo é *morro*.

Para Sturza (2005, p. 48), dentre as fronteiras do Brasil com os demais países hispano-americanos, a fronteira com a Argentina e o Uruguai, na bacia do rio da Prata é, sem dúvida, “onde o contato lingüístico foi historicamente determinado pelas línguas do Estado”.

---

<sup>8</sup> Por adstrato entende-se a situação de influência entre duas línguas que, havendo convivido um tempo em um mesmo território, logo vivem em territórios vizinhos como no caso do Vasco, antigo substrato e hoje adstrato do castelhano (ELIZAINCIN, 1992, p. 46-47).

<sup>9</sup> Não trataremos de todas essas palavras nesse estudo pelo fato de que nem todas fazem parte do questionário do ALERS.



Para a autora, nessa fronteira, o contato lingüístico entre o português e o espanhol “é decorrente de um século de litígios pelo domínio dos territórios, de uma política expansionista de ocupação da região e militarização das áreas”, além do desenvolvimento de povoadamentos e de um intercâmbio econômico, cultural e social já consolidado.

Ainda de acordo com a mesma autora, um bom exemplo de que, na fronteira com os países da bacia do rio da Prata, o contato entre as comunidades fronteiriças é regular e contínuo é a recente decisão dos governos brasileiro e uruguaio de expedir uma Carteira de Identidade de “fronteiriço” para os chamados *doble chap*, que seriam moradores que vivem ao longo da faixa fronteiriça, que abrange 900 km de distância e até 20 km de largura para dentro do território de cada país. Para Sturza (op. cit., p. 48), “esse fato, no alvorecer do século XXI, registra o reconhecimento da fronteira compartilhada, de um lugar menos imaginário, de um lugar que tem uma dinâmica social muito particular” e que parece ser sustentada pelo movimento migratório das populações e suas sucessivas transgressões territoriais.

Tudo isso deixou – e continua deixando – traços lingüísticos, tanto lexicais, como fonológicos, morfológicos e sintáticos, como mostram Margotti e Vieira (2006, p. 253-254), que citam, entre outros vocábulos, *coxilha* como tomado do espanhol platino, que significa *campina com pequenas e continuadas elevações na qual se desenvolve atividade pastoril*, e *sanga* que, segundo o Dicionário Aurélio (1985, p. 1267), também deriva do espanhol platino *zanga* e significa a) *pequeno regato, que seca facilmente*; b) *escavação profunda no terreno, produzida pelas chuvas ou por corrente de águas subterrâneas*.

Segundo os autores acima mencionados, a origem do vocábulo *sanga* e sua difusão por todo o planalto e oeste catarinenses “são indícios de que o mesmo tenha migrado juntamente com os tropeiros, num primeiro momento, e com os descendentes de imigrantes europeus que se deslocaram do sul para o norte, em momento posterior” (MARGOTTI & VIEIRA, 2006, p. 254). Dessa forma, resta investigar se esse item surge em outras áreas delimitáveis da Região Sul, e se essas áreas coincidem com momentos de contato entre as línguas portuguesas e hispânicas, pois, conforme Margotti & Vieira (op. cit.), *sanga* ocorre em parte do extremo oeste e parte do litoral sul de Santa Catarina. O oeste catarinense faz divisa com a Argentina, região, portanto, em que há contato entre as línguas, reforçando a difusão de empréstimos do espanhol. O litoral sul, por sua vez, pode ter sofrido influência de uma continuação da migração no sentido sul – norte já que, conforme Espiga (2006, p. 265), entre 1763 e 1777, os hispânicos dominaram as posições fronteiriças portuguesas de Santa Tereza, São Miguel e Chuí, e avançaram pelo litoral tomando a vila de Rio Grande. Depois de

se difundirem em território do Rio Grande do Sul, certos traços do espanhol, como é o caso do item lexical *sanga*, foram transportados para outras regiões além das fronteiras estaduais.

No lado uruguaio, Thun (1998, p. 713) ilustra, com o item *canhoto*, a colaboração de duas influências adstráticas, a do contato direto entre falantes lusos e hispânicos e a do contato a distância, estabelecido pela rádio e a televisão. Thun (2000, p. 202) cita outras palavras portuguesas muito conhecidas no Uruguai como *bosta*, *cachimba* (pipa curta), *cacimba* (poço primitivo), *cardumen/garua/garua* (chuva fina), *laya* (classe de..., espécie) e *caçula* (filho mais novo). No entanto, os dados do ALERS nos mostram que a palavra *cacimba* é pouco conhecida pelos catarinenses o que indica que esse vocábulo poderia ter sido usado no português de antigamente, mas, agora, caiu em desuso permanecendo apenas no português uruguaio. Porém, não há como comprovar isso somente com os dados de Santa Catarina, sendo assim, deixaremos essa discussão para estudos posteriores.

Espiga (2006, p. 261) afirma que o português que se fala no extremo meridional do Brasil é um contínuo lingüístico permeado, em várias dimensões, pelo espanhol que historicamente lhe faz contato. Para ele, “geograficamente, tal contínuo lingüístico distribui-se ao longo das fronteiras políticas do Rio Grande do Sul com os países do Prata, tendo sido, por isso, denominado, no âmbito de alguns estudos lingüísticos, como PGF – Português Gaúcho de Fronteira”. Já no lado uruguaio, mais especificamente no norte e nordeste, o conjunto de dialetos resultantes do contato português-espanhol tem recebido o nome de DPU – Dialetos Portugueses do Uruguai.

Para Espiga, os estudos da situação de contato lingüístico nessas regiões de fronteira tornam-se fundamentais para a política e educação nesses países, tanto no sentido de estabelecer políticas de integração que reconheçam e respeitem as peculiaridades culturais e lingüísticas regionais, quanto para auxiliar ações pedagógicas adequadas a essas especificidades. Aliás, o estudo desse contato é fundamental para compreender a interação entre o português e o espanhol, sincrônica e diacronicamente, e também o funcionamento da variação lingüística, no conjunto dos dialetos portugueses do Brasil e do Uruguai, além de projetar tendências e rumos de mudanças.

### 2.3 A DEMARCAÇÃO DAS FRONTEIRAS POLÍTICAS NO SUL DO BRASIL

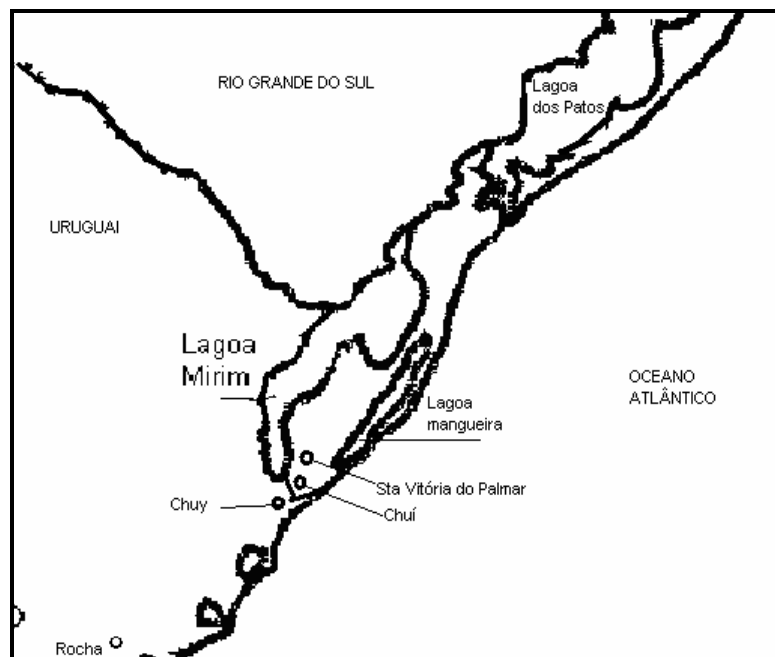
De acordo com Espiga (2006, p. 264), “as peculiaridades do processo de formação da fronteira configuram e determinam, em grande parte, a variabilidade do grau de contato entre o português e o espanhol, em toda a sua extensão”. A essa heterogeneidade longitudinal do contato português-espanhol podem ser creditadas, em grande parte, as diferenças lingüísticas observáveis entre as comunidades localizadas sobre a linha da fronteira, ou em seus arredores. O mesmo autor afirma ainda que:

No sentido mais ou menos perpendicular à linha da fronteira política, concebe-se um plano transversal, materialmente representado pelo traçado de estradas entre microrregiões contíguas que conformam a faixa fronteira e que, a partir desta, dão acesso ao espaço interior do Rio Grande do Sul. A consideração da transversalidade é de fundamental importância para a compreensão do contínuo português fronteiro, já que é nesse sentido, principalmente, que se dá a tensão entre os dois pólos do contínuo português-espanhol; tal é o rastro, no sentido transversal, do fluxo colonizador e migratório entre o Brasil e a Banda Oriental. (ESPIGA, 2006, p. 264).

Espiga observa também que, no português falado no extremo meridional brasileiro, a heterogeneidade longitudinal e transversal do contato lingüístico com o espanhol acentua sobremaneira a diversidade diatópica<sup>10</sup> habitualmente observada em contínuos dialetais monolíngües.

---

<sup>10</sup> Diatópica: “Termo proposto por Flydal para denominar a variação de natureza espacial. São exemplos de variedades diatópicas os falares regionais ou locais (falar baiano, falar carioca) ou variantes brasileiras e lusitana da língua portuguesa” (BRANDÃO, 1991, p. 80).



**Figura 1** – Mapa ilustrativo das fronteiras do extremo sul brasileiro com o Uruguai, e da localização das cidades de Santa Vitória do Palmar e Chuí, brasileiras, e Chuy uruguaia. (SANTOS, 2004, p. 57).

Segundo esse autor, no sentido longitudinal, o cenário lingüístico da fronteira pode ser investigado em torno de duas realidades históricas e geograficamente distintas, que têm como marco de referência a Lagoa Mirim. Isso porque ao sul da Lagoa Mirim, não se constata, de modo significativo, a influência do português para além da linha de fronteira do Brasil com o Uruguai. Aqui as posições fronteiriças, alternando historicamente entre o domínio português e o espanhol, estiveram sempre voltadas, por motivos de estratégia militar, a reprimir o avanço de um lado sobre o outro.



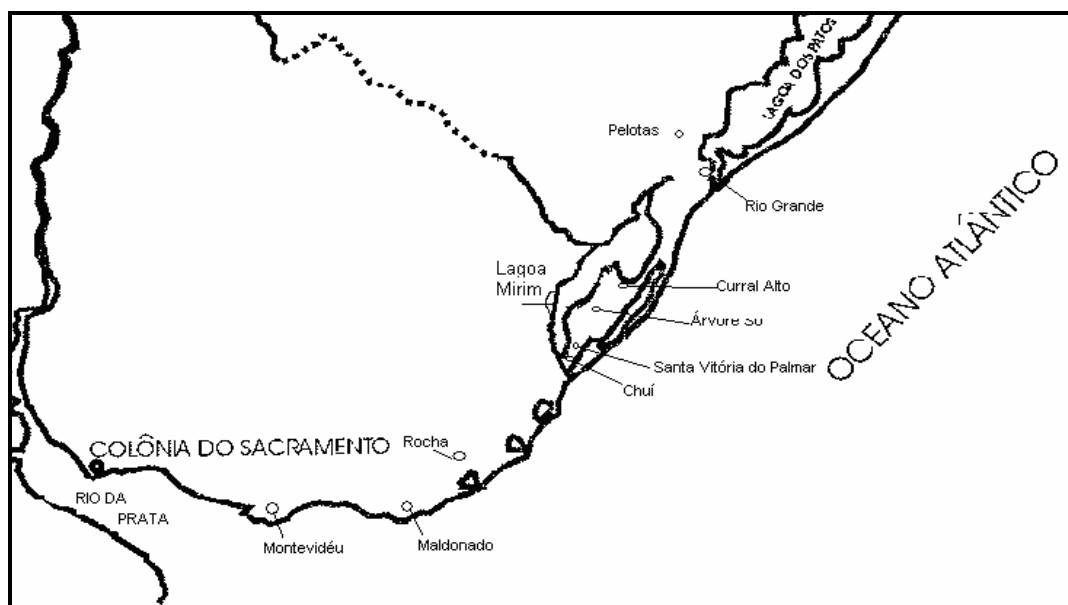
**Figura 2** – Mostra a linha demarcatória do tratado de Idelfonso em 1777 e a linha demarcatória do tratado de Madrid em 1750, além da localização da Colônia do Sacramento e o Rio da Prata (SANTOS, 2004, p. 57).

A fundação da Colônia do Sacramento, em 1680, torna-se importante para compreender melhor a realidade da fronteira do litoral atlântico, pois ela ocorreu à revelia dos tratados limítrofes firmados na Europa, os quais consideravam o Rio da Prata de domínio espanhol, cuja margem ocidental estava estabelecida desde 1536, embora Buenos Aires (sede do vice-reinado do Rio da Prata) tenha sido refundada somente em 1580 por Juan de Garay (pois a primeira fundação, em 1535, foi “tragicômica”<sup>11</sup>) depois de ter fundado em 1573 a “cidade” de Santa Fé (um local de pouso de tropeiros e mulas). O fato desencadeou uma disputa de quase 100 anos entre Portugal e Espanha, período em que a Colônia alternou várias

<sup>11</sup> Ver a Fundação de Buenos Aires (BRUM, 1999, p. 31).

vezes de mãos desses dois impérios (ESPIGA, 2006, p. 265). As linhas demarcatórias desses dois tratados podem ser visualizadas acima, no mapa da Figura 2.

Entre 1724 e 1730, segundo informações do mesmo autor, os espanhóis fundaram Montevidéu, a fim de neutralizar a presença portuguesa no Prata e na Banda Oriental<sup>12</sup>, e fixaram um destacamento militar avançado em Maldonado, em 1757. Em 1763, os espanhóis avançaram sobre o Brasil e depois de dominar as posições fronteiriças portuguesas de Santa Tereza, São Miguel e Chuí, prosseguiram pelo Litoral e tomaram a vila de Rio Grande.



**Figura 3** – Mostra a localização das cidades do Chuí e Rio Grande no Brasil e Maldonado e Montevidéu no Uruguai. Mapa adaptado de Santos (2004, p. 57).

A dominação espanhola de Rio Grande durou mais ou menos 14 anos e, em 1777, foi assinado o tratado de Santo Ildefonso, o qual confirmou o direito espanhol sobre a Colônia de Sacramento, e também a transferência das Missões a Portugal, e instituiu uma faixa demarcatória, entre os domínios português e espanhol, denominada Campos Neutrais<sup>13</sup>, compreendida entre o arroio Taim e o arroio Chuí no extremo meridional do Sul do Brasil (ESPIGA, 2006, p. 265).

No ano de 1793, foi fundada a cidade uruguaia de Rocha, estrategicamente importante para fortalecer a presença espanhola na fronteira com o Brasil (veja a localização

<sup>12</sup>*Banda oriental* – nome do Uruguai na época colonial, século XVIII e princípios do século XIX (BERTOLOTTI, 2004, p. 495).

<sup>13</sup> Entende-se por Campos Neutrais uma faixa desabitada de terra que se estendia do Taim até o Chuí, de forma a evitar um confronto direto entre os colonizadores portugueses e espanhóis.

dessa cidade no mapa da figura 3 acima). De acordo com o autor acima citado, no plano lingüístico, a fundação dessa cidade adquiriu particular importância para a compreensão diacrônica do contato entre o português e o espanhol no litoral atlântico, isso porque a população de Rocha era formada por “imigrantes canários, castelhanos e andaluzes e, durante mais de um século, a cidade não recebeu aportes de outras etnias colonizadoras, o que fez com que o seu dialeto tenha preservado, até hoje, no dizer de Marsílio (1969 apud ESPIGA, 2006, p. 265), um ‘sabor arcaico’”. Por esse motivo, a presença de variantes lingüísticas mais modernas, como o uso do pronome *vos*<sup>14</sup> (alternativa informal para o uso de *tu*), por exemplo, que é largamente difundido nas demais variedades dialetais do Prata, assim como em outros países hispânicos, é pouco significativa no dialeto rochense.

Ainda de acordo com Espiga (2006, p. 266), todo o conjunto de atitudes políticas e culturais defensivas da cidade de Rocha “funcionou como trincheira de contenção ao português. E, efetivamente, fez fronteira. Trata-se aqui [...] de um espaço no qual a fronteira política encontra a lingüística – duas dimensões de fronteira nem sempre coincidentes”.

No entanto, do lado brasileiro, as características geográficas (como pode se perceber nos mapas das figuras 2 e 3 acima) do litoral gaúcho (até então os Campos Neutrais), praticamente peninsulares, dificultaram muito a integração das comunidades fronteiriças ao Brasil. Principalmente no inverno quando a confusão das lagoas deixava a região isolada. O tráfego pela praia e a navegação pela Lagoa dos Patos e o canal de São Gonçalo, únicos caminhos de acesso a Rio Grande e Pelotas, respectivamente, era muito difícil. Tudo isso fez com que, a partir da segunda metade do século XIX, essas comunidades se integrassem ao espanhol e à cultura uruguaia, mais próximas e facilmente acessíveis. Formou-se, assim, ao sul da Lagoa Mirim, uma zona típica de intenso contato lingüístico, mais associada ao Uruguai do que ao Brasil (ESPIGA, 2006, p. 266).

---

<sup>14</sup> Existe um fenômeno lingüístico no Uruguai, e em outros países hispanofalantes, denominado de *voseo*, que é o uso do pronome pessoal *vos* com o valor de *tu*. O *voseo* se tornou uma das características do espanhol da América, mesmo não tendo se arraigado da mesma forma e ao mesmo tempo em todo o continente. O *voseo* predomina na América Central, nas planícies da Colômbia e Venezuela e no Rio da Prata. No entanto, o México não apresenta o *voseo* nem a maior parte do Peru e as Antilhas. O sistema de tratamento singular que caracterizou a Banda Oriental foi o seguinte: a forma *tú* para o tratamento solidário ou de proximidade, a forma *vuestra merced* para manifestar relações de distância ou relações em que o poder é um fator determinante. Atualmente, a manifestação do tratamento não se limita ao pronome, mas também de marca nas formas verbais: a) pro *tú* - *tienes* (pro. *tuteante*, verbo *tuteante*), b) *tú* – *tenés* (pro. *Tuteante*, verbo *voseante*), c) *vos* – *tienes* (pro *voseante*, verbo *tuteante*), d) *vos* – *tenés* (pro *voseante*, verbo *voseante*). As formas de *a* é a única que se tem registro no século XVIII oriental. As formas *b* e *d* são usuais no espanhol standar atual no Uruguai. As formas do tipo *c* estranhas ao espanhol contemporâneo oriental, se atestavam ao longo do século XIX (BERTOLOTTI, 2004, p. 493-497).

Conforme Espiga, já era previsível que os fronteiriços dessa zona, especialmente os brasileiros e uruguaios das comunidades de Chuí-Chuy (localizadas sobre a linha de fronteira), assim como parte da população adulta da comunidade brasileira de Santa Vitória do Palmar (distante 20 km da linha de fronteira), são, na maioria, bilíngües de português e espanhol.

No entanto, quanto às atitudes lingüísticas, Espiga (2006, p. 267) afirma que os uruguaios falantes de português, consoante a tradição conservadora do seu espanhol materno, recusam as alternativas inovadoras do pólo português. “Nesse sentido, as informações apresentadas pelo ADDU dão conta da resistência desses falantes diante de processos inovadores do português”. Um exemplo disso é a não palatalização das plosivas coronais e a não vocalização da lateral palatal (ex: *capita//* – esp, *capita/w/* – port.), ou seja, dois processos fonéticos que procuram, mediante posteriorização articulatória, relaxar o evento consonantal desses segmentos do português. O autor menciona que o ADDU mostra que os uruguaios falantes de português dessa zona de fronteira preferem o estilo mais tenso da articulação, ou seja, mais hispânico. Portanto, na grande maioria os lusófonos não palatalizam as plosivas coronais, nem vocalizam a lateral.

Atitudes semelhantes às dos uruguaios lusófonos são tomadas também pelos brasileiros da fronteira, os quais retêm as variantes hispânicas disponíveis no seu dialeto. Diante disso, o autor conclui que, do ponto de vista sociolingüístico, os chuienses brasileiros e uruguaios e os vitorienses preferem as variantes hispânicas disponíveis no sistema variacional, em detrimento das alternativas inovadoras procedente do pólo português do contínuo.

Espiga (2006, p. 267) aponta alguns estudos fonéticos como os de Espiga (1997, 2001), Carniato (2000, 2001), Mendoza Sassi (1998) que identificam, respectivamente, a preservação da lateral alveolar em posição posvocálica, em detrimento de sua vocalização (ex: *pape//* em vez de *pape/w/*), a preservação das vogais átonas finais em detrimento de sua neutralização (ex: *ti/o/* em vez de *ti/u/*) e a preservação da articulação alveolar das plosivas coronais, em detrimento de sua palatalização. No âmbito da morfossintaxe, o autor salienta a preferência do pronome *tu* e a aplicação da concordância deste com as formas verbais correspondentes, em detrimento da forma *você* e da não concordância (ex: *tu sabes* em vez de *você sabe*, ou de *tu sabe*), referência a estudos de Brisolara e Vandresen (2001).

Enfim, esses exemplos mostram que o predomínio do espanhol, na história da fronteira, aliado à preservação de tradições culturais e lingüísticas hispânicas, não apenas obstruiu o progresso do português no lado Uruguaio, como também pressionou o contínuo



português-espanhol no litoral atlântico. Conforme Espiga ilustrou, podemos perceber essa pressão através da preferência pela língua espanhola nas alternâncias dadas durante a interação bilíngüe e pelas variantes hispânicas disponíveis na paisagem variacional do português chuiense e vitoriense, atitudes que são verificadas entre os jovens, na faixa etária intermediária e nos falantes de alta escolaridade. Segundo Espiga (2002 apud ESPIGA, 2006, p. 268), “o contato do espanhol com os dialetos brasileiros fronteiriços, nesta zona, é constante e significativo e revela-se como resistor a mudanças oriundas do pólo português do contínuo”.

Nas últimas décadas, conforme as informações do mesmo autor (2006, p. 269):

a conexão das redes de energia, telefonia e televisão aos municípios de Chuí e Santa Vitória do Palmar, aliada ao afluxo de imigrantes brasileiros, entre outros, devido ao incremento da atividade comercial da fronteira, têm favorecido a pressão do português nos dialetos chuienses e vitorienses, permitindo o aparecimento de formas e atitudes inovadoras, o que se detecta, principalmente, na maior adesão, por parte dos jovens, a variantes lingüísticas exógenas. Isso permite projetar, mesmo que moderadamente, uma tendência à recomposição de forças, no espaço da variação.

Por outro lado, um fato novo vem-nos apresentar, agora, ao cenário lingüístico e educacional brasileiro. Trata-se da obrigatoriedade de ensino do espanhol nas escolas, recentemente decretada, em função das políticas acordadas entre os estados membros do Mercosul – Mercado Comum do Sul, a qual também pode afetar, significativamente, a composição de forças condicionadoras do contato do português brasileiro com o espanhol. Na fronteira, o aumento do prestígio do espanhol, politicamente definido, deverá redundar na revalorização do contato.

O autor hipotetiza ainda que a revalorização do espanhol e do contato, principalmente entre falantes mais jovens, pode reforçar, no espaço variacional do português fronteiriço, o prestígio das variantes hispânicas, contrariando a pressão do pólo português mencionada anteriormente. No entanto, o autor, cauteloso, assegura que será preciso atualizar periodicamente a pesquisa dos fenômenos de variação, a fim de averiguar, em tempo real, o comportamento e a relevância dessas variáveis extralingüísticas no condicionamento da variação e nos rumos da mudança dos dialetos dos cidadãos de Chuí e Santa Vitória do Palmar.

Através da rota do litoral, o contínuo português-espanhol encontra, ao norte do Taim, o dialeto riograndino. De acordo com Espiga (op. cit., p. 268), esse dialeto deriva da época da invasão espanhola, quando os moradores açorianos que ainda permaneciam em Rio Grande

foram exilados<sup>15</sup>, e, em contrapartida, foram trazidas famílias espanholas, do Prata para Rio Grande, trazendo consigo a sua língua e a sua cultura.

Devido a esse fato o autor interroga: “teriam permanecido vestígios no dialeto riograndino do período de dominação espanhola?”. Espiga pondera que talvez não se possa evidenciar diretamente a existência de tais vestígios. Porém, o mesmo autor menciona que têm sido observado, graças aos resultados de alguns estudos variacionistas comparativos, que formas inovadoras do português custam mais a ingressar no dialeto riograndino do que no pelotense. No entanto, tradições lingüísticas mais antigas, comuns ao português e ao espanhol, tendem a ser mais preservadas pelos riograndinos. “Tal atitude sugere que, de algum modo, a presença do espanhol na história de Rio Grande, mesmo que efêmera, pode ter contribuído para o prestígio e a preservação dessas variantes” (ESPIGA, 2006, p. 269).

O autor acrescenta ainda o fato de que a ligação direta, através do caminho da praia, formou, no litoral atlântico, “um corredor migratório e lingüístico” constante entre Rio Grande e as comunidades fronteiriças de Chuí e Santa Vitória do Palmar. Para Espiga, esse corredor admitiu que se concretizasse uma tendência de avigoramento da pressão espanhola do contínuo, originário do espanhol chuiense e vitoriense e das características hispânicas do português fronteiriço dessas comunidades, enquanto isso, em virtude dessas mesmas peculiaridades, a influência portuguesa encontrou bastante dificuldade em vencer a resistência às propostas inovadoras que procuravam mover-se em direção contrária às tradições lingüísticas da fronteira.

Atualmente, a rodovia BR 470 (construída na década de 1970), distante da praia, liga diretamente a fronteira sul com a Vila da Quinta e Pelotas, e a partir desta, o acesso a outras regiões do estado. Assim, a cidade de Rio Grande deixou de ser corredor no curso terrestre se dirigindo, ou vindo, dessa fronteira. Essa atual lateralidade, de acordo com Espiga (2006, p. 269) sugere que “as tradições locais passem a ser mais preservadas no dialeto riograndino, tornando-o, em tese, mais conservador e menos suscetível a pressões lingüísticas exógenas”.

O autor verificou também ao sul da Lagoa Mirim, a alta freqüência de *code switching*<sup>16</sup> na interação verbal entre o português e o espanhol (principalmente em sua variedade chuiense), devido ao forte bilingüismo típico de uma zona de intenso contato lingüístico e, que, ao mesmo tempo, nas palavras do autor, constitui uma fronteira lingüística

---

<sup>15</sup> As famílias portuguesas exiladas, em número aproximado de 150, foram confinadas nas proximidades de Maldonado, onde formaram o povoado de São Carlos.

<sup>16</sup> Por “code switching” entende-se a alternância de duas línguas em uma mesma enunciação.

não verificada em outras microrregiões da fronteira política do Brasil com o Uruguai ou com a Argentina. Além disso, o autor afirma que:

Os estudos sincrônicos dos dialetos que conformam tal contínuo fronteiriço revelam um português que mantém, tanto nos seus componentes já gramaticalizados quanto na sua variação, evidências significativas do contato, através do que temos denominado ‘variantes hispânicas’ do seu cenário variacional. (ESPIGA, 2006, p. 270).

Já a situação do contato lingüístico ao norte da lagoa Mirim e do rio Negro é um pouco diferente das demais, mencionadas acima, devido às incursões portuguesas na Banda Oriental que foram tornando-se cada vez mais freqüentes no século XVII. Os bandeirantes passaram a almejar os rebanhos bovinos da Banda Oriental (introduzidos pelos espanhóis entre 1611 e 1617) e a mão-de-obra indígena das reduções jesuíticas, a fim de abastecer os mercados das regiões de São Paulo e Rio de Janeiro. Nessa empreitada eles tentavam ocupar uma fronteira imprecisa e imaginária que era desprovida de vigilância.

Os portugueses expandiram suas atividades agropecuárias e similares durante do século XVIII no Sul do Brasil e na Banda Oriental, e

[...] o processo de ocupação e colonização da Banda, ao norte do rio Negro, teve continuidade como extensão natural da colonização do pampa gaúcho. A lombo de cavalo ou de carroça, iniciava-se, então, o afluxo do português, predominantemente açoriano, na Banda Oriental. Nesse processo, à medida que os colonizadores se estabeleciam na terra, multiplicavam-se as fazendas, acarretando também o surgimento de pequenas comunidades de trabalhadores rurais, das quais surgiram, mais tarde, povoados. Nesse espaço, o português se disseminou e se tornou dominante frente a outras línguas circulantes na região, como o guarani, falado por índios procedentes das missões jesuíticas, ou remanescentes da ‘língua geral’, híbrida de português e guarani que empregavam bandeirantes e tropeiros no século anterior (ESPIGA, 2006, p. 270-271).

No decorrer do século XVIII, a região ficou cada vez mais movimentada devido à passagem das tropas militares que disputavam território e que acabavam formando galpões e ranchos provisórios que serviam de morada e de lugar para o comércio, o que contribuiu para a construção de alguns povoados na região.

Diante dessa situação, de acordo com Espiga (op. cit.), a língua e a cultura portuguesa predominavam nessa região e, mais tarde, se estenderam além da fronteira do Brasil, onde se arraigaram e foram prestigiadas, do ponto de vista social, o que se solidificou com a dominação lusitana da Banda Oriental no período em que a mesma foi anexada a

Portugal com o nome de Província Cisplatina, entre 1821 a 1828. Com isso, o uso do português irradiou-se também a partir de Montevidéu e passou a dividir o mesmo espaço com o espanhol. Com uma política lingüística liberal, criou-se um campo fértil para o bilingüismo, o que fez com que o monolingüismo português, já predominante no norte, nordeste e fronteira do (hoje) Uruguai, se fortalecesse ainda mais.

As conseqüências dessa dominação lusitana no Uruguai deixaram marcas ainda hoje muito perceptíveis em todo o país, principalmente no norte e na fronteira com o sul do Brasil, marcas muito bem evidenciadas pelo ADDU.

No entanto, essa imigração não parou por aí, pois no restante do século XIX, o afluxo migratório e o número de fazendas brasileiras instaladas no norte e nordeste do Uruguai continuaram aumentando significativamente. Por volta de 1860, 20% da população uruguaia era brasileira, segundo Espiga (2006).

A partir de 1920, de acordo com Behares (2004 apud ESPIGA, 2006, p. 273), o bilingüismo do norte e nordeste uruguaio pode ser considerado diglósico<sup>17</sup>. No entanto, o português uruguaio, mesmo sendo língua materna da maioria da população dessa região, fica isolado e restrito ao ambiente doméstico, passando a ser identificado como marca de inferioridade social, ou seja, como fala estigmatizada. Assim, acaba restrito às classes sociais menos favorecidas.

No lado brasileiro da fronteira, a língua portuguesa recebeu a referência da variedade padrão através da escola, uma contribuição que não passou do limite da fronteira durante o século XX. Essa variedade padrão que se introduziu nas classes média e alta da sociedade brasileira fronteira tornou-se indispensável para a identidade cultural dos falantes. Porém, Espiga (2006, p. 276) afirma que, ao norte da lagoa Mirim, na fronteira Oeste do Rio Grande do Sul e no pampa gaúcho

o contato do português com o espanhol [...] repercute, também do lado brasileiro, fortalecendo a pressão espanhola no contínuo fronteiro mediante, principalmente, o aporte de tradições lingüísticas do espanhol e o favorecimento de variantes antigas do português, compartilhadas por ambas as línguas e ainda disponíveis no cenário variacional.

Por fim, a preferência por variantes hispânicas, identificadas por estudos citados pelo autor (2006, p. 276-277), é um sinal interno do contato lingüístico com o espanhol na Região Sul do Brasil, o que acaba distinguindo o dialeto português fronteiro dos demais falados em

<sup>17</sup> Por diglossia entende-se: 1) o uso alternativo pelo falante de duas línguas, em função da situação em que se encontra (BRANDÃO, 1991, p. 79).

áreas mais distantes e isentas de contato. De acordo com o autor (op. cit. p. 277), “essa preferência ou estilo fronteiriço [...] dificulta, no português da fronteira, a mudança lingüística proposta por variantes inovadoras do português brasileiro”<sup>18</sup>.

No entanto, essa “preferência pelo espanhol” que o autor menciona, é questionável, pois os próprios estudos do ADDU mostram que o norte do Uruguai é uma zona de forte influência da língua portuguesa, tanto que nessa região os dialetos são chamados de DPU (Dialeto Português do Uruguai).

## 2.4 A CONTRIBUIÇÃO DOS TROPEIROS

Não podemos deixar de citar outro importante fator de contribuição para a pluralidade cultural e lingüística no Sul do Brasil e nos seus países vizinhos – os tropeiros – pois, tanto os cavalos quanto o gado vacum transformaram completamente a vida dos índios pampeanos, no que se refere aos hábitos alimentares, à arte da guerra e ao uso do couro, não só para a construção de toldos, mas também para seus utensílios como moeda de troca. Logo depois da descoberta da montanha de Potosi (a montanha de “prata” nos Andes), portugueses e espanhóis começaram sua exploração. Escravos índios eram utilizados nas minas. O grande problema era como e por onde transportar a prata para fazê-la chegar à Espanha. O caminho do rio era muito dificultoso, além de ser um lugar visado pelos piratas e corsários de todas as bandeiras. Fez-se, então, opção pelo transporte por meio de mulas capazes de suportar e transportar grande peso na passagem dos Andes.

Assim, começam as fileiras de mulas pelos *caminos del inca*, saindo de Santa Fé (Argentina) até Potosi (Bolívia) e, de lá, carregadas de prata, até Porto Bello, próximo de istmo do Panamá, ou seja, atravessavam todo o continente sul-americano pelos difíceis caminhos da cordilheira, o que aconteceu até o esgotamento das minas. No entanto, segundo Brum (1999, p. 43-44), o vaivém dos tropeiros criou um *corredor cultural* ligando a América do Sul com a América Central, explicando a presença na língua espanhola falada no sul de inúmeros vocábulos de origem asteca, araucana e, em maior número, quíchua. Mais tarde, os

---

<sup>18</sup> Podemos perceber até aqui que os estudos de Espiga (2006) foram exaustivamente citados, porém, achamos que é relevante para este trabalho pelo fato deles explanarem com competência e clareza a situação lingüística da fronteira do extremo sul brasileiro em contato com o espanhol.

tropeiros de Santa Fé iriam transmitir esses vocábulos para a língua portuguesa falada no Sul do Brasil<sup>19</sup>.

Ao longo desse caminho foram surgindo cidades em torno dos fogões dos tropeiros e, de acordo com Brum (1999, p. 44), a mais importante delas era Córdoba que é comparada a Sorocaba em São Paulo (veremos o porquê mais adiante). Muita gente fez fortuna com o comércio de mulas que durou enquanto durou a prata. Quando esse metal acabou, outro negócio se instaurou e se disseminou nessa região: foi o começo do comércio de gado<sup>20</sup>.

O gado missioneiro se multiplicou expandindo-se por todo o território que viria a ser o Rio Grande do Sul, dando lugar às Vacarias da Campanha. Mais tarde, quando os bandeirantes desistiram de atacá-los, os missioneiros abriram, a machado, o caminho do mato e levaram tropas para a região dos campos da serra, surgindo assim as Vacarias dos Pinhais.

A partir de então, conforme Brum (op. cit.), começam as rotas das tropas, de Santa Fé a Sorocaba, que tinham como caminho inicial Colônia do Sacramento, Montevideu e Laguna (conhecido como o caminho do inferno). Essa foi a primeira rota de tropas de gado a pé que Cristóvão e seus tropeiros conduziam para Laguna. Depois da expulsão dos jesuítas, os caminhos das tropas foram se deslocando para o Oeste do Rio Grande do Sul, favorecendo a ocupação definitiva das Missões, através das sesmarias concedidas a tropeiros paulistas e dos povoamentos que surgiam em torno dos pousos das tropas. Desde então, abandonou-se o traçado que cortava Rio Grande transversalmente (Uruguaiana, Alegrete, Santa Maria, Rio Pardo, Viamão, Santo Antônio da Patrulha, São Francisco de Paula, Bom Jesus e Vacaria) e adota-se o traçado São Borja, Santo Ângelo, Cruz Alta, Carazinho, Passo Fundo, Lagoa Vermelha, Vacaria. Ainda de acordo com o mesmo autor, com exceção das duas primeiras cidades, que já existiam como povoações missioneiras, as demais citadas surgiram como consequência do novo traçado que ficou conhecido como caminho das missões. Esse caminho viria a ser modificado pelo tropeiro paranaense Francisco da Rocha Loures, avançando mais na direção do Oeste. De Passo Fundo, toma-se o rumo de Erechim, vadeando-se o rio Uruguai no Goio-Em e depois de atravessar o Oeste catarinense, passa-se por Palmas e Guarapuava, no Paraná, tomando-se o rumo de Castro, onde se retoma o traçado antigo. Este foi o último caminho. (Ver mapa dos caminhos dos tropeiros no anexo 1).

---

<sup>19</sup> Ver: Ruta de las Mulas no site <[www.cuyo.com/aconcagua/andis/normal.htm](http://www.cuyo.com/aconcagua/andis/normal.htm)>, que mostra um trecho que foi transformado em rota turística, passando por La Plaza de Mulas, la Plaza Canadá, El Nido de Condores e El Cumbre.

<sup>20</sup> Sabe-se que as primeiras vacas e touros que entraram no Rio Grande do Sul foram trazidos de Corrientes, em 1634, pelo padre Jesuíta Cristóvão de Mendoza y Orellana. Esse gado (900 reses) foi comprado de Manuel Cabral Alpoin, cuja mulher era descendente de Hernandarias, considerado o fundador da pecuária dos pampas, pois foi o introdutor do gado no Prata.

Esses caminhos foram responsáveis pela fundação de grande número de povoados e cidades, dentre elas, não podemos deixar de mencionar a formação e a importância da cidade de Lages (SC), pois esta, ficava a meio caminho entre o ponto de partida e Sorocaba, ou seja, Lages era ponto de parada para descansar a tropa, domar mulas e reforçar o sortimento. De acordo com Brum (1999), em 1766, quando o povoado foi fundado pelo tropeiro Antonio Correia Pinto, já havia alguns moradores esparsos na região e, inclusive, salteadores que já tinham matado alguns tropeiros. No entanto, a vila não foi brotando espontaneamente como as outras povoações que surgiram em torno dos pousos de tropeiros, pelo contrário,

Lages foi planejada e construída com um claro objetivo: o de colocar em posição estratégica um núcleo de população que, além de marcar a ocupação portuguesa, constituísse, quando necessário, um ponto de dissuasão ou de resistência à expansão castelhana [...], por essa época, a região das Vacarias dos Pinhais e, por extensão, os campos de Lages, era o flanco mais exposto a uma possível invasão castelhana. Assim, autorizado pelo Morgado de Matheus, Correa Pinto marchava com sua estranha caravana à procura de um local apropriado para fundar a vila. Era uma cidade em marcha que nascera antes de ter sua sede. Pela sua localização, a povoação de Lages estava destinada a tornar-se um importante centro comercial. O próprio fundador tomou a iniciativa de instalar a primeira casa de comércio e as primeiras indústrias da vila: uma ferraria que produzia pás, enxadas, machados, facões e foices; um monjolo que produzia farinha de trigo e de milho e uma olaria onde se fabricavam tijolos e telhas. (BRUM, 1999, p. 132-133).

A cidade foi crescendo enquanto as tropas de mulas xucras faziam ali sua parada mais longa para descanso e reabastecimento e até hoje Lages é conhecida como a mais gaúcha cidade fora do território do Rio Grande devido aos seus usos e costumes. Ali se desenvolveu uma forte pecuária e foi além de um centro do tropeirismo das tropas xucras e das tropas arreadas, que desciam para o litoral com os produtos lageanos e subiam com as mercadorias de além-mar, em especial o sal. Também desciam e subiam tropas arreadas para o Rio de Janeiro e Porto Alegre.

Lages cultua até hoje as tradições tropeiras com diversas festas anuais, das quais se destacam a festa do Pinhão e a Sapecada da Canção Nativa. Além disso, a passagem das tropas de mulas deixou suas marcas na cozinha e na língua. Na cozinha com o feijão tropeiro, a quirera de milho com costela de porco defumada e a paçoca de pinhão com charque e na língua por ter um sotaque misturado de gaúcho e paulista que até hoje carece de estudos mais aprofundados.

No entanto, o leitor pode se perguntar quem eram os homens que transitavam nessas tropas? De acordo com Brum (1999), a primeira tropa, comandada por Cristóvão Pereira de Abreu, era composta por cento e trinta homens, entre eles estavam lagunenses, paulistas e castelhanos. De acordo com o autor, os paulistas deveriam ser mamelucos que já acompanhavam Cristóvão há algum tempo, já os castelhanos são uma incógnita, pois na época portugueses e espanhóis eram inimigos, então, como poderiam andar juntos? Brum (1999, p. 125) resolve o impasse afirmando que por *castelhana* identificava-se, naqueles tempos, “todo o indivíduo que viesse das bandas do Prata e falasse meio enrolado”. Entretanto, nem todos os portugueses e castelhanos estavam brigando por fronteiras, pois a luta da época era entre as coroas e Buenos Aires que representava a Coroa Espanhola e que sempre obtinha ajuda dos padres missionários e seus índios. Já os habitantes da região de Entre Rios não se envolviam muito nesses litígios porque eram criadores, comerciantes e tropeiros que estavam mais interessados em vender e tanger mulas. Sendo assim, de acordo com Brum (op. cit.), esses castelhanos contratados por Cristóvão deveriam ser tropeiros santafesinos, porém, com o passar do tempo e multiplicação das tropas, predominariam os paulistas, mas sempre haveria entre eles santafesinos, correntinos e até paraguaios.

A questão referente à língua falada entre esses tropeiros também traz algumas dificuldades para a descrição histórica. De acordo com Brum (op. cit.), está claro que os portugueses e espanhóis falavam suas línguas maternas e também é certo que nas reduções jesuíticas de ambos os lados os padres vinham ensinando as respectivas línguas ibéricas, mas, para o autor, a grande maioria de mestiços (mamelucos e crioulos) vivia na estrada e não tinha acesso a essas fontes, já os europeus eram poucos e viviam nas povoações do litoral. Porém, a Argentina, o Uruguai, o Brasil e o Paraguai foram conquistados e povoados pelos mamelucos das quatro nações. Para o autor, os povos do Brasil falavam tupi, enquanto os povos das nações do Prata falavam guarani, idiomas pouco diferenciados, chegando a ser tratados como um só, o tupi-guarani. Portanto, para esse autor, é bem provável que os primeiros tropeiros se comunicassem perfeitamente em guarani, independentemente de sua origem e, no Rio Grande do Sul, com a chegada dos açorianos, o idioma português ganharia terreno assim como aconteceria em Minas Gerais com a grande imigração de portugueses que foram atrás do ouro.

Ao mesmo tempo, na região do Prata, o idioma espanhol também começa a generalizar-se, com a exceção do Paraguai que manteve a língua materna ao lado do espanhol. De acordo com o antropólogo uruguaio Renzo Pi Hugarte, o idioma guarani perdurou nos países do Prata até fins do século XIX, e o autor afirma que



Una serie de hechos lleva a pensar que, hasta bastante avanzado el siglo XIX, el idioma predominante en la campaña de nuestro país y en las zonas linderas fue el guaraní, y que su sustitución por el español y el portugués fue el resultado del proceso de expansión de la cultura de los centros urbanos y del aumento de la emigración ibérica. (PI HUGARTE apud BRUM, 1999, p. 126).

Brum (1999) menciona ainda que, no intercâmbio cultural dos tropeiros, ocorreu uma coisa interessante: os tropeiros argentinos começaram a construir seu idioma espanhol sobre uma base tupi, incorporando diversos termos espanhóis, quíchuas e astecas, em razão do novo corredor cultural que se formou entre Santa Fé e Sorocaba. Para o autor, como não podia deixar de ser, alguns termos portugueses passam também para o idioma do Prata. Apenas para ilustrar, o autor faz referência a alguns termos que os tropeiros santafesinos passaram para o idioma português falado no Sul do Brasil: *charque, aspa, mate, guaica, chiripá, chácara, guacho, tambo, pampa (de origem quíchua), galpão, tomate, abacate, cacau (de origem asteca), pilcha, tabaco e poncho (asteca de origem araucana)*.

Neste trabalho não poderemos discutir se todas essas palavras foram introduzidas no português pelo contato com o espanhol, pois os dados do ALERS nos permitem tratar, dessa lista, somente das palavras *aspa* e *galpão*, como veremos a seguir.

No entanto, como já foi mencionado anteriormente pelas palavras de Altenhofen (2002) e Koch (2000), o contato entre paulistas e gaúchos em dois fluxos migratórios opostos e o papel das rotas dos tropeiros paulistas, no comércio do gado, é um dos principais determinantes das variantes do português falado na região.

## CAPÍTULO III

### FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA E METODOLOGIA

---

#### 3.1 FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

A Dialetoлогия surge, na história, como uma disciplina que adota por tarefa identificar, descrever e situar os diferentes usos em que uma língua se diversifica, conforme sua distribuição espacial, sociocultural e cronológica. Sendo assim, de acordo com Cardoso (2006, p. 216), dois aspectos são fundamentais na sua constituição: o reconhecimento das diferenças ou das igualdades que a língua reflete e o estabelecimento das relações entre as diversas manifestações lingüísticas documentadas ou entre elas e a ausência de dados registrados, circunscritos a espaços e realidades pré-fixados.

Nas palavras de Coseriu (1982, p. 36), “a Dialetoлогия é o estudo da configuração espacial das línguas, ou seja, da variedade diatópica e das relações interdialetais e é essencialmente ‘gramática comparada’” e não cabe a essa ciência estabelecer fronteiras entre os dialetos, mas comprovar a configuração diatópica real da língua histórica, os limites efetivos da uniformidade idiomática, que, naturalmente, podem ser diferentes para os distintos fenômenos considerados. Ou seja, a Dialetoлогия registra e estuda a variedade idiomática como tal (não reduzindo-a a homogeneidade), e trata de tirar dessa variedade inferências acerca do modo como funcionam, se constituem e se modificam as tradições idiomáticas.

De outra parte, diante dos avanços do homem moderno, a Dialetoлогия também não pode deixar de se modernizar e de se dedicar aos fatores extralingüísticos que são próprios do sujeito. Sendo assim, aspectos como a idade, gênero, escolaridade e características sociais do falante tornam-se elementos de investigação, coexistindo com a busca de identificação de áreas geograficamente definidas no aspecto dialetal. Dessa forma, os estudos dialetais admitem dois caminhos: 1) o enfoque diatópico e 2) o enfoque sociolingüístico.

No entanto, é bom deixar claro que não se deve confundir Dialetoлогия com Geolingüística ou Geografia Lingüística, pois esta é um método utilizado pela Dialetoлогия. Embora os Atlas lingüísticos sempre se constituíssem em meta ou aspiração principal dos dialetólogos, é interessante mencionar que os trabalhos de Dialetoлогия inserem-se em dois grandes grupos: trabalhos de análise (estudos de caráter monográfico que descrevem fatos,

analisam a realidade), com apresentação de resultados conclusivos, e trabalhos de descrição de realidades dialetais (Atlas lingüísticos nacionais ou regionais), que se tornam instrumentos de análises posteriores para conclusões sobre a realidade lingüística em foco.

Na realidade, a publicação de um Atlas significa o final de um estágio e o início de uma obra aberta aos mais distintos estudos dialetais, pois são documentos indiscutíveis de uma realidade da língua, diversificada nos seus vários níveis.

A Geolingüística ou a Geografia Lingüística, de acordo com Elizaincín (1992, p. 72), foi o método mais calculadamente elaborado dentro da Dialetologia. Os grandes dialetólogos do começo e metade do século passado, como Gilliéron e Jaberg e Jud, deixaram explícito como um pesquisador dessa área deveria proceder na coleta de materiais lingüísticos, as técnicas empregadas, os fundamentos utilizados e os resultados obtidos.

A Geolingüística, ainda de acordo com Elizaincín (1992, p. 72), foi o método ideal para uma Dialetologia exclusivamente preocupada com a diatopia, e interessada em resgatar os antigos dialetos locais, ameaçados, segundo os dialetólogos, pela rápida difusão da língua comum, ou seja, o standard literário ou oficial.

Nesse tipo de pesquisa, se prepara conscientemente o trabalho que se realizará, e depois de tomadas as decisões mais importantes (por ex., elaboração do questionário, lugar em que se aplicará etc.), se procede ao trabalho de campo em si. A interpretação dos dados obtidos e a transcrição dos mesmos nos mapas correspondentes constituem o segundo e definitivo passo do método geográfico (todas as conclusões do tipo genético e histórico que se podem extrair formam também parte da tarefa do geógrafo dialetólogo, mas não é a parte essencial do método cartográfico).

No início, o interesse fundamental do método se centrou no léxico e, conseqüentemente, na fonética, através deles, e uma vez concluído o trabalho cartográfico em si, foi possível determinar isoglossas e, logo, limites dialetais. Uma das conclusões mais importantes a que se chegou, conforme Elizaincín (op. cit. p. 73), tem a ver com o caráter relativo dos limites dialetais, ou seja, a natureza contínua (não discreta) da transição entre línguas (dialetos) de mesma origem.

Ainda de acordo com o mesmo autor, através dos estudos atuais no âmbito da variação, a geografia lingüística padece de alguns defeitos que impedem uma visão coerente do fenômeno que se estuda e por isso vem recebendo algumas críticas. Dito de outra forma, o problema começa pela metodologia concreta da coleta de dados, pois a geografia lingüística utiliza um ou, em alguns casos, dois informantes por localidade. Como se sabe, estes devem ser pessoas adultas ou, melhor ainda, idosas. Essa escolha fundamenta-se na hipótese de que

as pessoas adultas (idosas) conhecem melhor a cultura da comunidade e, em conseqüência, também conhecem melhor as formas de falar próprias da localidade.

Em outras palavras, tenta-se captar o dialeto como *ele era antes*, dando pouca importância às possíveis modificações observáveis na fala dos jovens. Com isso, o germe vivo da mudança lingüística passa despercebido.

Dessa forma, poderia se dizer que a geografia lingüística não se interessa em captar o problema da mudança lingüística nesta etapa de investigação. No entanto, as conseqüências positivas que a cartografia teve na solução ou confirmação de alguns processos históricos demonstram que o interesse existiu, embora fosse impossível captar essa mudança em um único informante.

Outra “deficiência” da geografia lingüística é o fato de que esse único informante descrito anteriormente se limitava a oferecer respostas para um questionário preestabelecido e que tratava, em geral, assuntos do léxico e, ao mesmo tempo, da fonética. De maneira que a situação é altamente artificial, pois o investigador extrai elementos léxicos da competência lingüística do informante o que, na realidade, nada prova sobre o uso real das formas em questão. O máximo que se pode comprovar através desse método é que o informante conhece essa forma. E, de acordo com Elizaincín (op. cit.), entre o *conhecer* e o *usar* existe uma grande diferença, e é sobre essa relação (*conhecer x usar*) que se baseia a maior parte da teoria lingüística.

Em resumo, a geografia lingüística tradicional capta o conhecimento passivo que os integrantes mais velhos de uma comunidade têm sobre o léxico em geral e, secundariamente, de outros aspectos da linguagem.

No entanto, a partir das décadas de 40 e 50, a possibilidade de registrar e conservar a língua falada através do gravador significou um grande passo adiante para a dialetologia, mas também um grande desafio, pois já era possível incluir aspectos sintáticos na investigação dialetal. Porém, o gravador não soluciona todos os problemas de coleta de dados, pelo contrário, causa mais um problema, a intimidação do informante diante do aparelho.

Conforme Cardoso e Mota (2006, p. 86), se o espaço é a dominância da Dialetologia, a preocupação com os efeitos da variação social torna-se, também, um veio a perseguir, especialmente a partir da década de 1960, com a implementação dos estudos de natureza sociolingüística e a influência dos trabalhos de Labov. Dessa forma, ao lado do dado diatópico, a Dialetologia passa a se preocupar mais sistematicamente com o significado e a repercussão das variáveis sociais sobre os usos de cada falante, introduzindo o tratamento dos dados numa perspectiva pluridimensional.

A partir de então ganha força a nova Geolingüística, ou Geolingüística Pluridimensional, que não exclui a tradicional, mas a complementa alargando seu campo de observação e aprofundando seu trabalho de investigação. Na Geolingüística Pluridimensional conjuga-se um rol de outras informações: aos dados inicialmente perseguidos, os diatópicos, juntam-se aqueles de ordem diagenérica (sexo), diageracional (idade), diastrática (classe social), diafásica (situação de fala), diarreferencial. Para a diversidade que se registra nos espaços informa-se, também, qualificando, o usuário, isso porque, nas palavras das autoras, “não basta saber onde se fala, é preciso ir mais adiante, traçando o perfil de quem fala o que poderá vir a permitir responder-se a indagações do tipo ‘por que’ se fala” (2006, p. 86).

Ainda de acordo com as mesmas autoras, a natureza da inserção do falante na comunidade em que se encontra alojado, o seu perfil sociocultural e as características biossociais que o individualizam (sexo, faixa etária, escolaridade, grau de integração social, entre outros), acabam por atribuir-lhe características lingüísticas cuja explicação se localiza para além das diferenças geográfico-espaciais. A Dialectologia se propõe a estudar o *por que* dessa diversificada e variada expressão da língua a fim de apontar um caminho para a interpretação dos fenômenos observados.

O conhecimento das diferentes situações de linguagem do país, o comportamento dos usuários dessa língua diante de cada uma das possibilidades de uso e o entendimento dessa pluralidade de formas que convivem, constituem-se, na atualidade, a preocupação dos estudos dialetais. Para isso, o Geolingüística teve que se adequar a esses objetivos e transformou-se na Geolingüística pluridimensional, no entanto, ela não substitui a primeira e, além disso, terá que administrar competentemente a pluralidade dos dados.

Por fim, os mais cautelosos acreditam que a Geolingüística, neste começo de milênio, deve continuar a priorizar a variação diatópica, porém abrindo espaço para o controle de outras variáveis como gênero, idade, escolaridade etc. a fim de complementar os próprios dados areais sem a busca obcecante pela quantificação Cardoso (2000a, p. 415).

De acordo com Cardoso (2006), mesmo passados 100 anos da publicação do primeiro Atlas Lingüístico da França (ALF), os estudos geolingüísticos continuam atuais, pois convivemos com Atlas regionais, nacionais, continentais e de famílias de línguas, que mostram que há espaço para todo tipo de investigação, porque cada uma delas, na perspectiva que se propõe focalizar a realidade, está dando a conhecer fenômenos e fatos lingüísticos capazes de melhor contribuir para o conhecimento da(s) língua(s) considerada(s).

Nos estudos de variação dialetal, as situações de contato lingüístico costumam representar um desafio adicional, pois, como sabemos, as fronteiras geográficas são preenchidas de conteúdo social. Em relação ao cenário lingüístico do Brasil, devido o seu tamanho e a sua história, pode-se afirmar que é marcado por diversas situações de contato, muitas delas até hoje desconhecidas pelos lingüistas, principalmente nas zonas fronteiriças.

### 3.1.1 A Dialetoologia dos Contatos

O termo *contato*, de acordo com Elizaincín (1992, p. 19), para se referir à coexistência temporal e espacial de duas ou mais línguas, é relativamente recente, e foi posto em circulação internacional por Weinreich (1953). O que não quer dizer que antes disso não houvesse estudos desse problema. Conforme Elizaincín (op. cit.) todos os estudos que tratam das situações de contato, direta ou indiretamente, estão intimamente relacionados e são facilmente situáveis no nível da arquitetura das línguas. Assim, por exemplo, todos os estudos que tratam de temas relacionados com *pidginização e criouliização, línguas mistas, substrato, superstrato e adstrato, empréstimos, interferências, bilingüismo e diglossia, variação e variabilidade* falam, de um modo ou de outro, de contato lingüístico.

Neste trabalho, como já explicitamos, enfocaremos especificamente os empréstimos e interferências decorrentes do contato do português com o espanhol na Região Sul do Brasil.

Conforme Elizaincín (1992, p. 38), é o contato direto com outra língua que produz indivíduos bilíngües, os quais, segundo o grau de conhecimento da segunda língua, serão mais ou menos propensos a apresentar interferências em sua produção lingüística da segunda língua.

É aparentemente grande a diversidade das simbioses possíveis entre duas ou mais línguas (bilingüismo generalizado e diglossia<sup>21</sup> estável, bilingüismo sem diglossia, diglossia sem bilingüismo generalizado...). Contudo, quaisquer que sejam as modalidades do contato de línguas e de seus sistemas lingüísticos, o resultado é sempre a *interferência*. Conforme Garmadi (1983, p. 141), citando Weinreich, “há fortes razões para afirmar que o conhecimento por um mesmo locutor do francês e do vietnamês, ou do francês e do provençal, do francês falado em Paris e do francês falado em Marsella... são variantes do

---

<sup>21</sup> Diglossia é uma situação estável de contato lingüístico em que as funções das línguas são distintas. Em geral, uma tem mais status do que a outra. (FERGUSON apud FONSECA, 1974, 1959).

mesmo fenômeno de base”. Para a autora, o problema para os locutores é o de se submeterem a normas diferentes em diferentes contextos, o que vai invariavelmente ter como resultado a interferência das normas de um sistema nas de outro sistema. Para ela, é tão difícil evitar a interferência entre sistemas muito diferentes um do outro como evitá-la entre sistemas parecidos ou entre variedades de um mesmo sistema.

Para Garmadi (op. cit.), quando há sistemas lingüísticos em contato, a interferência pode dar-se em todos os níveis: interferências fônicas, as interferências sintáticas, interferências lexicais, entre outras possibilidades,

As reservas lexicais de língua em contato conseguem manter-se distintas quando, permanecendo cada uma delas como um conjunto autônomo de signos, cada um desses signos conserva, por sua vez, a relação significante-significado que lhe é própria. (GAMARDI, 1983, p. 142).

Sem que haja uma modificação radical dos significantes, a interferência lexical pode modificar a relação significante-significado, por exemplo, pela extensão ou pela restrição dos significados.

Para Weinreich (1953), as maneiras de como um vocabulário pode interferir em outro são variados. Dadas duas línguas, A e B, os morfemas podem ser transferidos de A para B, ou os morfemas de B podem ser usados para designar novas funções no modelo de morfemas A, cujo conteúdo são identificados; no caso de elementos lexicais compostos, ambos os processos podem ser combinados. No caso de elementos lexicais simples (não compostos), o tipo de interferência mais comum é a transferência completa da seqüência fonêmica de uma língua para outra. Empréstimos desse tipo são permitidos em quase todas as línguas.

Outro tipo de interferência envolve a ampliação do uso de uma palavra nativa da língua influenciada em conformidade com o modelo estrangeiro. Para Weinreich (op. cit.), se duas línguas têm semantemas, ou unidades de conteúdo, que são parcialmente a mesma coisa, a interferência consiste na identificação e ajustamento dos semantemas para uma congruência completa.

Para o autor, três tipos de interferência são possíveis para unidades lexicais múltiplas que apresentam mais de um morfema. Todos os elementos podem ser transferidos e podem ser reproduzidos por alargamento semântico, ou alguns elementos podem ser transferidos, enquanto outros podem ser reproduzidos.

A interferência entre reservas lexicais pode ir até o empréstimo. Garmadi (1983, p. 143) citando Pottier, lembra que “muitas vezes se realizava no bilíngüe um compromisso lingüístico em que o vernáculo adquire por empréstimo unidades lexicais para as técnicas, para os novos objetos, para a política ou para o desporto”, enquanto o dialeto materno está “infestado” de empréstimos lexicais provenientes do vernáculo.

No campo lexical, as interferências mais simples, de acordo com Calvet (2002, p. 38), “são as que consistem em cair na armadilha dos falsos cognatos”. Isso acontece quando um brasileiro, por exemplo, utiliza em espanhol o termo *embarazado* (que quer dizer “grávido”) com o sentido de “embaraçoso ou envergonhado”, que existe em sua língua.

De acordo com Calvet (op. cit.), a interferência lexical é mais freqüente quando as duas línguas não organizam do mesmo modo a experiência vivida. Para exemplificar, o autor cita o francês da África no uso do verbo *gagner* de sentido muito amplo (“ganhar”, mas também “ter”, “possuir”). Para o autor (2002, p. 39), essa acepção que é calcada no modelo de algumas línguas africanas que têm apenas um verbo para essas noções. Com isso, uma frase como *Ma femme a gagné petit* significará que ela teve um filho e não que ganhou na loteria.

O autor afirma ainda que

a interferência lexical pode produzir o empréstimo, mais que procurar na própria língua um equivalente a um termo de outra língua difícil de encontrar, utiliza-se diretamente essa palavra adaptando-a à própria pronúncia. Contrariamente à interferência, fenômeno individual, o empréstimo é um fenômeno coletivo: todas as línguas tomaram empréstimos de línguas próximas, por vezes de forma massiva (é o caso do inglês emprestando do francês grande parte do seu vocabulário), a ponto de se poder assistir, em contrapartida, a reações de nacionalismo lingüístico. Como por exemplo, no Quebec e, em certa medida na França e no Brasil, onde se desenvolveu um movimento oficial de luta contra os empréstimos. (CALVET, 2002, p. 39).

De fato, para Krieger (2006, p. 162), “o léxico de uma língua, longe de ser um bloco monolítico, constitui-se como um conjunto heterogêneo em vários ângulos de sua composição”. Para a autora, dentre os fatores que determinam a variada formação do léxico, destacam-se também: o tempo, o espaço e o registro. Para ela, é em razão da variação diacrônica que o léxico geral de um idioma contém palavras antigas, que caem em desuso. No entanto, coexistem com os neologismos sob o prisma do conjunto do acervo léxico de uma língua. A variação diatópica relaciona-se à integração no mesmo conjunto lexical de algumas palavras distintas, mas usadas com sentido igual, caracterizando o falar de diferentes regiões



geográficas. A variação denominativa ocorre tanto dentro de um mesmo país, quanto na relação com outra nação que pratica o mesmo idioma.

Já a variação diastrática está relacionada, conforme Krieger (op. cit.), à compreensão de que a constituição do léxico é também resultante de estratos ou faixas horizontais, as quais respondem pelos usos diferenciados das palavras, determinando registros como: culto, popular, literário, vulgar, coloquial, entre outros, além do registro dos sentidos de domínio do saber especializado como informática, química e música...

Esses componentes ilustram tanto a heterogeneidade constitutiva do léxico, quanto o dinamismo desse componente que, em primeiro plano, cumpre a função de nomear os seres, os objetos, as ações e processos que identificam o mundo fenomenológico e aquele percebido pelos homens. Para Krieger (2006, p. 163), é também esse dinamismo que torna o léxico o pulmão das línguas, e, simultaneamente, um objeto multifacetado e em constante mobilidade. Dessas características resulta o entendimento corriqueiro, aceito inclusive pela lingüística, de que se trata de um elemento inorgânico, descontínuo e idiossincrático. Porém, ressalva a autora, o léxico possui regularidades constitutivas, já evidenciadas pelos estudos gramaticais, em especial com a morfologia, e confirmadas pela lexicologia, além de outros estudos lexicais.

### **3.2 METODOLOGIA DA PESQUISA**

Uma descrição da variação diatópica tem, no mínimo, o efeito de abrandar a sensação de vácuo que, muitas vezes, acompanha as descrições pontuais, ou seja, as pesquisas geolingüísticas se preocupam em mostrar como se configura o contexto geográfico do uso de uma determinada variante e qual a sua amplitude ou representatividade geográfica e seu poder de difusão no espaço, além de revelar a sua relação com as outras áreas e pontos em contato. Nessa perspectiva a presente pesquisa se dedicará ao estudo de variantes do léxico.

Nosso interesse inicial era em realizar uma pesquisa de campo para coletar dados, nos moldes da Geolingüística Pluridimensional, nas regiões rurais e urbanas de fronteira no Sul do Brasil. No entanto, devido ao curto tempo disponível para tal tarefa, optamos por consultar o banco de dados do ALERS, já pronto e que contempla a mesma região fronteiriça pretendida anteriormente.

O método utilizado para o levantamento e apresentação dos dados é o da geolingüística tradicional, utilizado pelo ALERS.

### **3.2.1 O Banco de Dados – ALERS**

O projeto ALERS originou-se em 1980 com um grupo interdepartamental para o Estudo da Variação Lingüística do Rio Grande do Sul, no Instituto de Letras da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS). O intuito principal do Grupo consistia na retomada das pesquisas dialetológicas de Heinrich A. W. Bunse, que anos atrás já havia iniciado levantamentos preliminares para a elaboração de um Atlas lingüístico do Rio Grande do Sul. Em 1987 se formou a equipe interinstitucional constituída de três grupos estaduais, sediados na Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS), Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC) e Universidade Federal do Paraná (UFPR), e iniciou-se a execução do projeto com objetivos de: 1) Registrar e organizar, sob forma de um Atlas lingüístico-etnográfico, as variantes geolingüísticas – fônicas, morfossintáticas e semântico-lexicais – da língua portuguesa falada na área rural da Região Sul do Brasil, registradas em localidades representativas, segundo critérios previamente fixados; 2) Registrar e apresentar, sob a forma cartográfica ora descritiva, as variantes de igual natureza, coletadas em seis dos maiores aglomerados urbanos de Santa Catarina e Paraná e sete no Rio Grande do Sul, perfazendo dezenove na Região; 3) Nos pontos de inquérito, tanto rurais quanto urbanos, fazer o registro de discursos livres; 4) Em pontos de inquérito em meio rural, proceder ao registro de aspectos da cultura local: edificações, mobiliário, utensílios domésticos, vestuário, instrumento de trabalho, instrumentos de música, jogo e brinquedos, crenças e superstições e; 5) Constituir um banco de dados lingüísticos e etnográficos, mantido sob a forma de fitas magnéticas, disquete e programa de computador, fichas gráficas, desenhos e fotografias, para subsidiar estudos sobre áreas lingüísticas e culturais da Região Sul do Brasil. E é a partir desse banco de dados de fala rural que se debruça a presente pesquisa.

A equipe do ALERS elaborou um questionário constituído de aproximadamente 700 perguntas ou tarefas, que, desdobradas, perfazem cerca de mil itens. Esse questionário compreende três partes: 1) Questionário Semântico-Lexical (QSL), constituído 610 itens (cerca de 800 perguntas), das quais aproximadamente 90% indagam pelo nome (são

onomasiológicas), 7% indagam pela acepção (são semasiológicas) e 3% indagam por nomes de espécies de seres de algumas áreas semânticas (são citativas); 2) Questionário Morfosintático (QMS) que compreende 75 perguntas e 3) Questionário Fonético-Fonológico (QFF), com 26 perguntas que se aplicam em todos os pontos e 24 perguntas destinadas a regiões de colonização não-portuguesa.

É da primeira parte do questionário, o QSL, que parte a presente pesquisa.

O ALERS tem 275 pontos de sondagem para a área rural, tendo-se assegurado, como mínimo, um ponto para cada 70.000 habitantes e, ao mesmo tempo, um limite máximo que permitisse o encerramento da coleta ao fim de três anos. A sondagem do falar da área rural partiu dos pontos sugeridos por Antenor Nascentes e conforme a importância histórica dos municípios, foi feita em 100 pontos do Paraná, em 95 pontos do Rio Grande do Sul e em 80 pontos de Santa Catarina.

Os pontos selecionados foram identificados com um número fixo atribuído a partir de 001 no sentido da esquerda para a direita, na direção norte-sul, e tomando por base as microrregiões.

Os sujeitos do banco de dados do ALERS deveriam preencher os seguintes requisitos: 1) serem nascidos no local, preferencialmente de pais também aí nascidos; 2) terem, preferencialmente, idade entre 28 e 58 anos; 3) terem o cônjuge originário da mesma localidade ou, ao menos, do mesmo município; 4) serem, preferencialmente, analfabetos ou têm pouca escolaridade, no máximo a 4ª série; 5) serem inteligentes e comunicativos; 6) não terem vivido fora da localidade até os 20 anos, nem depois por mais de 6 meses; 7) não serem muito viajados; 8) apresentarem boas condições de fonação e; 9) terem tempo e disposição para as entrevistas. Além disso, deu-se preferência a entrevistas de casais, considerando normalmente o marido ou um filho como informante principal. A escolha incidu, em geral, em falantes da etnia povoadora predominante: nesse caso, sobre falantes acentuadamente aculturados do ponto de vista lingüístico.

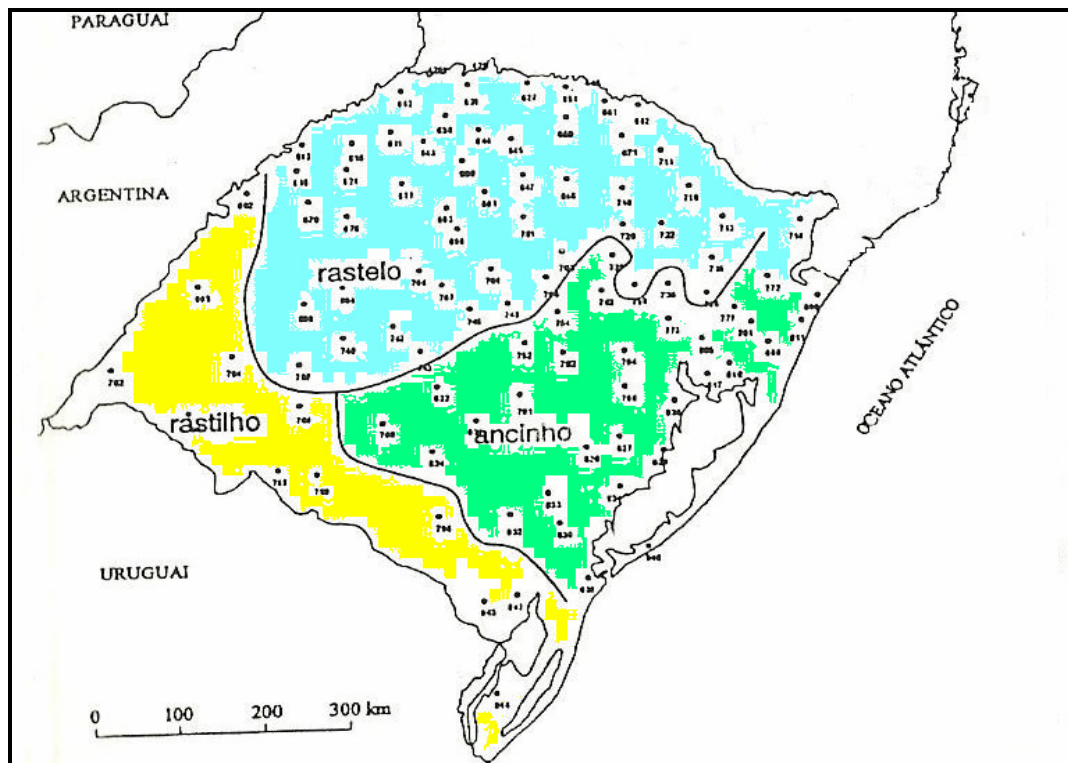
Para alcançarmos os objetivos da presente pesquisa, examinamos, inicialmente, todos os mapas produzidos pelo Questionário Semântico Lexical (QSL), cerca de 374 mapas, os quais nos foram disponibilizados pela coordenação geral do projeto ALERS sediado na UFRGS em Porto Alegre. Esses mapas fazem parte dos volumes III e IV do ALERS, que ainda não foram publicados.

### 3.2.2 Seleção dos Itens Relevantes

Inicialmente foram analisados superficialmente todos os 374 mapas do QSL, levando em consideração somente a arealização. Aqueles que apresentavam variáveis lexicais que se diferenciavam das demais variáveis nas regiões de fronteira com a Argentina, Paraguai e Uruguai foram separados para uma segunda triagem.

O estado que serviu como base para essa observação inicial foi o Rio Grande do Sul, pelo fato de ter uma área maior de fronteira e, conseqüentemente, de maior contato lingüístico com os países hispanofalantes: Uruguai e Argentina.

Vejam os um exemplo de arealização do léxico no Rio Grande do Sul:



**Figura 4** – Mapa que marca 3 áreas lexicais referentes ao termo *rastilho* já citado anteriormente. (KOCH, 2000, p.66).

O mapa acima serve como amostra de como foram tratados os dados, ou seja, ao ser identificada a variante hispânica *rastilho*, fez-se a distribuição diatópica dessa variante e verificou-se a existência da mesma nos outros estados (Santa Catarina e Paraná).

Foram considerados apenas os itens lexicais que existem no idioma espanhol e que são diferentes do uso padrão do português brasileiro, ou então, aqueles usados com a mesma forma nas duas línguas, mas que se distribuem somente próximos à fronteira com os países hispânicos.

Dessa primeira análise, selecionamos 152 itens, os quais foram submetidos a dicionários de Espanhol, principalmente o DRAE (Diccionario de la Real Academia Española) a fim de verificar se os itens são registrados nessa língua. Dessa forma, foram excluídos 90 mapas, restando ainda 62, os quais foram divididos em três grupos: 1) 1º grupo – variantes comprovadamente hispânicas; 2) 2º grupo – variantes supostamente hispânicas e; 3) 3º grupo – glossário – lista com variantes mais isoladas que não formavam áreas diatopicamente representativas.

Desses três grupos decidimos nos dedicar apenas às variantes que tinham uma origem mais clara, ou seja, às que tinham indícios mais evidentes de serem interferências do espanhol, seja ele platino, americano ou europeu. Dessa forma trabalharemos mais exhaustivamente com 21 mapas no primeiro grupo (4.1) e, no segundo grupo (4.2), com 20 itens, os quais não serão acompanhados de mapas, apenas de explanações e comentários referentes aos mesmos.

### **3.2.3 Apresentação e Análise dos Dados**

Os 41 itens foram divididos em dois grupos: 1) Variantes Hispânicas e 2) Variantes Supostamente Hispânicas e Cognatos. Fazem parte do primeiro grupo as variantes que apresentaram indícios mais evidentes de que são empréstimos do espanhol, ou seja, aparecem nos dicionários de espanhol e na literatura como sendo originários dessa língua. Grande parte desse grupo também aparece nos dicionários em português, principalmente no Aurélio, como vindos do espanhol platino. Já no segundo grupo, os itens não apresentam indícios claros de serem empréstimos do espanhol, pois alguns são cognatos e outros estão largamente difundidos no português.

Na apresentação e análise dos dados, o leitor vai encontrar, no primeiro grupo de itens, a pergunta do QSL do ALERS que levou à resposta obtida e cartografada, o mapa arealizado referente a esse item, a descrição da arealização desse item no mapa com a porcentagem de respostas em cada Estado e na Região Sul, a definição desse item dada pelo

DRAE e pelo Aurélio, respectivamente, e, por fim, as definições e comentários sobre o item encontrados na literatura consultada. Já no segundo grupo será seguido o mesmo roteiro, porém, sem a apresentação dos mapas.

### **3.2.4 Informantes Hispano-Falantes**

Além das literaturas usadas, citadas anteriormente, usamos também um questionário (ver anexo 4), nos moldes do ALERS, com os 41 itens selecionados e o submetemos a 10 informantes hispanofalantes via e-mail (os quais foram indicados por amigos e colegas).

A escolha desses informantes foi aleatória, sem controle de sexo, idade, escolaridade, nível social ou nacionalidade, isso porque a aplicação desse questionário foi feita apenas com o objetivo de nos servir como suporte para testarmos se não estávamos nos traindo pela intuição de pesquisador, ou seja, esse foi um método encontrado para verificarmos se realmente essas palavras eram reconhecidas por nativos hispanofalantes e se elas faziam algum sentido para eles.

No entanto, praticamente não fizemos uso das respostas a esse questionário no decorrer da pesquisa, isso porque, na grande maioria das vezes, eles não nos trouxeram nenhuma informação ou definição adicional diferente daquela que já tínhamos encontrado na literatura consultada. Porém, nas vezes em que foram encontradas dados suplementares relevantes, os mesmos foram devidamente incluídos nas análises, como poderá ser verificado a seguir.

## CAPÍTULO IV

### APRESENTAÇÃO E ANÁLISE DOS DADOS

---

Os dados serão apresentados da seguinte forma: 1) O item lexical a ser estudado; 2) A pergunta do Questionário Semântico-Lexical (QSL) do ALERS, volumes III e IV; 3) O mapa das variantes lexicais hispânicas distribuídas geograficamente na Região Sul do Brasil; 4) Os significados destas variantes encontrados no Dicionário da Real Academia Espanhola (DRAE); 5) Os significados das variantes no Novo Dicionário Aurélio de Língua Portuguesa; 6) Os significados encontrados em outros dicionários regionalistas brasileiros e/ou hispânicos com comentários relevantes para a descrição mais apurada de algumas variantes (*Dicionário Gaudério; Vocabulário Pampeano – pátrias– fogões – legendas; Dicionário de Regionalismos do Rio Grande do Sul; “Doctus” Nuevo Diccionario Castellano; El Habla del Pago; Diccionario Lunfardo*<sup>22</sup> entre outros) e, por fim, 7) Os fatores culturais, históricos, sociais, econômicos, étnicos que podem ter influenciado a arealização ou a existência dessas variantes hispânicas em determinados lugares, além de comentários de nativos hispanofalantes sobre os itens referidos<sup>23</sup>.

Para que pudéssemos sugerir que, neste trabalho, uma palavra usada na Região Sul do Brasil (falante de português brasileiro) é empréstimo ou não do espanhol, seja ele platino, americano ou europeu, elegemos alguns critérios e separamos as palavras em dois grupos: 4.1) Variantes hispânicas – aquelas que formam uma arealização geolingüística clara na Região Sul do Brasil em direção à fronteira com os países hispanofalantes vizinhos (Uruguai, Argentina e Paraguai), que estão registradas nos dicionários espanhóis e que aparecem na bibliografia consultada como empréstimos do espanhol e 4.2) Variantes supostamente hispânicas e cognatos – aquelas que formam uma arealização geolingüística menor que o primeiro grupo, que estão registradas em dicionários espanhóis, mas que não apresentam indícios claros, de acordo com a bibliografia consultada, de serem empréstimos do espanhol ou então são variantes hispânicas isoladas, que formam um arealização geolingüística menor do que o primeiro grupo e que não estão registradas no DRAE ou em outros dicionários

---

<sup>22</sup> Por Lunfardo entende-se: “Ladrón 2. Jerga del ladrón porteño (‘En el *lunfardo* [palabra que designa al mismo tiempo a la jerga y los que se valen de ella] de los ladrones bonaerenses, se nota muchas locuciones cuyo empleo a todas luces revela la necesidad de recurrir en ciertos casos a una jeringoza especial...’, Drago, Los hombres..., 66). 3. Lenguaje que emplea en Buenos Aires la gente de mal vivir [...] 4. Lenguaje popular de Buenos Aires y sus alrededores.” (OLIVEIRA, 2005.p.1240125).

<sup>23</sup> Esses comentários serão retirados dos questionários aplicados aos nativos. Ver cap. III.

hispanicos, ou seja, são itens lexicais próprios da fronteira, variantes pertencentes ao lado brasileiro do território e imediatamente limítrofes aos países do Uruguai e Argentina. São itens com poucas ocorrências e que não apresentaram distribuição diatópica contínua.

#### 4.1 VARIANTES HISPÂNICAS

São consideradas variantes hispânicas, neste trabalho, aquelas palavras que formam uma arealização diatopicamente clara e relevante na Região Sul do Brasil em direção à fronteira com os países hispanofalantes vizinhos (Uruguai, Argentina e Paraguai) e que são encontradas em dicionários espanhóis e/ou aparecem na bibliografia consultada como originárias do espanhol platino ou europeu, ou como empréstimos dessa língua.

##### 4.1.1 Cerro/Coxilha

Com a intenção de levantar variantes lexicais usadas para designar *monte*, o ALERS fez a seguinte pergunta: *Como chamam aqui uma elevação de terra bem alta?*

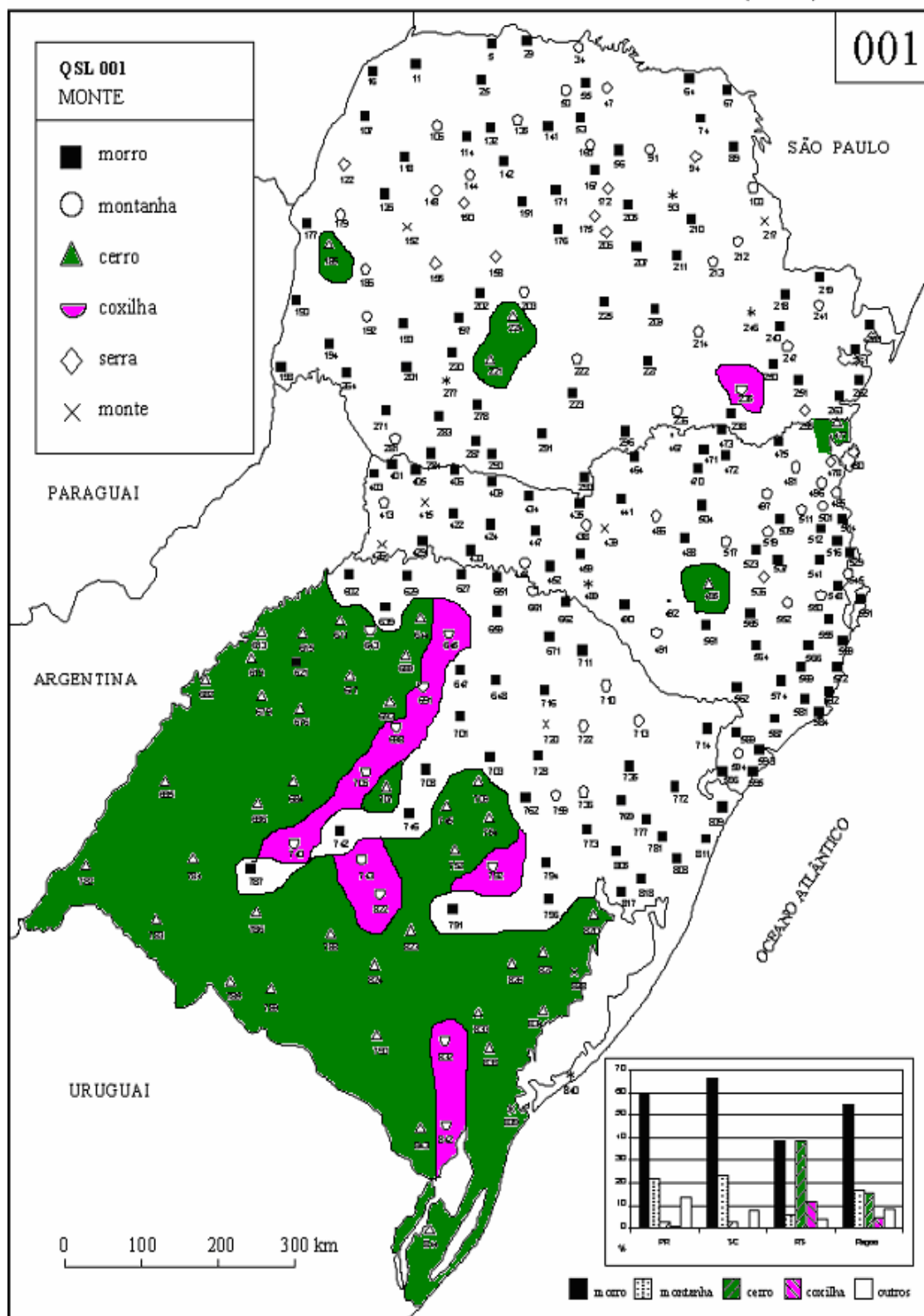
Os resultados podem ser visualizados na figura 5, que corresponde ao mapa 001 do ALERS e ao item 001 do QSL.

Como pode ser averiguado no mapa da figura 5, a palavra que se destaca na Região Sul é *morro* que corresponde a mais de 55% das respostas em toda a Região, distribuindo-se de forma disforme em todo o Paraná, onde soma cerca de 60% das respostas obtidas pelo ALERS, em Santa Catarina, onde atinge cerca de 70% das respostas e no Rio Grande do Sul, onde não chega a 40% das respostas. Nesse Estado, as variantes predominantes são *cerro* e *coxilha* que juntas somam cerca de 50% das respostas, distribuindo-se majoritariamente em uma larga faixa de fronteira com o Uruguai e a Argentina e em partes do Centro e Norte de Estado.

O DRAE considera *cerro* como sendo do latim *cirrus* (copo) que significa uma elevação de terra isolada e de menor altura que o monte ou a montanha. O dicionário registra também a palavra *cuchilla* como originária de *cuchillo*, que é usado para nomear um tipo de montanha escarpada em forma de *cuchilla* (lâmina, faca), e que na Argentina, Cuba, Uruguai e Venezuela nomeia uma eminência muito prolongada, cujas encostas se estendem suavemente até a terra plana.



## ATLAS LINGÜÍSTICO-ETNOGRÁFICO DA REGIÃO SUL DO BRASIL (ALERS)



**Figura 5** – Mapa correspondente ao item 001 do QSL – Monte.  
Variantes hispânicas: Cerro e Coxilha.

O Aurélio também considera *cerro* como vindo do latim *cirru* que quer dizer *colina* pequena e penhascosa, geralmente de forma tabular. O dicionário observa ainda que a palavra *cerrito*, derivada de *cerro*, se caracteriza como um brasileirismo próprio do RS, onde significa pequeno cerro. Já o termo *coxilha*, o dicionário admite como vindo do espanhol *cuchilla* e como sendo um brasileirismo próprio da Região Sul, onde significa campina com pequenas e contínuas elevações, arredondadas, típicas da planície sul-rio-grandense, em geral coberta de pastagem, e onde se desenvolve a pecuária. Por exemplo: “reconheceu os campos natais, os campos da fronteira, estendidos em planuras escampas, ondulados em suaves coxilhas” (AZAMBUJA apud AURÉLIO, 1987, p. 493). O Aurélio se refere também à “boa grafia”, afirmando que deveria ser *cuchilha* ou *cochilha*.

Todos os demais dicionários portugueses e espanhóis consideram *cerro* como sendo sinônimo de *morro*, porém, nosso informante (1) faz uma diferenciação entre os termos, afirmando que *cerro* é uma elevação topográfica, mais elevada que um monte e menos que uma montanha. E *coxilha* é um terreno cortado próprio da região de Entre Rios na Argentina e do interior do Uruguai, ou seja, são pequenas elevações ou quebradas no terreno plano.

Nunes & Nunes (2003) descrevem *coxilhas* como grandes extensões onduladas de campinas cobertas de pastagem, que constituem a maior parte do território rio-grandense e onde se desenvolve a atividade pastoril dos gaúchos. “No sentido figurado *coxilha* é o Rio Grande livre, o Rio Grande tradicional, a sua vida de guerras e a sua vida de *estâncias*, o trabalho campesino, em suma” (CALLAGE apud NUNES & NUNES, 2003, p. 133).

O termo é evocativo como poucos. Quando diz – *coxilhas* – vem logo à lembrança 35, 93 e 23; as guerrilhas e as escaramuças; o minuano a cortar as carnes com o frio irresistível; umas carretas num pouso ao luar; um gaúcho a galopar de pala ao vento; baguais correndo às soltas...” (CARMO apud NUNES & NUNES, 2003, p. 133).

De acordo com Koch (2000), essas palavras, *cerro* e *coxilha*, pertencem a uma terceira situação de empréstimo, ou seja

ocorre quando, a um termo espanhol e seus sinônimos, corresponde um conjunto de equivalentes no português dos quais um ou dois são idênticos aos termos espanhóis, como no caso de *cerro* e *coxilha* do espanhol *monte*, *morro*, *cerro* e *coxilha* no português. Os dois últimos representam as formas absolutamente predominantes em dois terços do Rio Grande, não sendo registrados nos Estados vizinhos onde o heterônimo é *morro* (KOCH, 2000, p. 60).

De fato, o mapa da figura 5 confirma, em partes, as afirmações de Koch (2000), pois a palavra *cerro*, além de ocupar dois terços do RS, aparece, também, de acordo com o ALERS, em dois pontos de SC (nas cidades de Otacílio Costa e Garuva) e em três pontos do PR (Marechal Cândido Rondon, Laranjeiras do Sul e Guarapuava). Além disso, *coxilha* é mencionada na cidade de Lapa, no PR. No entanto, essas três cidades do Paraná coincidem com a área de atuação da migração de gaúchos em direção ao Centro-Oeste do país, passando pelo Oeste desse Estado. Já a referência de *cerro* em Otacílio Costa (SC) pode, talvez, ser explicado pela proximidade do município com a cidade de Lages, antiga paragem dos tropeiros que subiam do Sul rumo a Sorocaba (SP).

#### 4.1.2 Sanga, sanguinha, sangão

Com o objetivo de levantar variantes lexicais de *riacho*, o Questionário Semântico Lexical (QSL) do ALERS fez as seguintes perguntas: *Uma grande quantidade de água em movimento? (resposta esperada: rio). E uma quantidade um pouco menor? (resposta esperada: riacho)*

Os resultados podem ser visualizados na figura 6 que corresponde ao mapa 007 do ALERS e ao item 012 do QSL.

Como pode ser verificado na figura 6, as palavras *sanga*, *sanguinha* e *sangão* (consideradas pelo ALERS como variantes mórficas de um mesmo item) correspondem a pouco mais de 10% das respostas dadas em toda a Região Sul do Brasil, mas correspondem a mais de 20% das respostas obtidas no Rio Grande do Sul, diminuindo para pouco mais de 10% em Santa Catarina e 5% no Paraná (como pode ser visualizado no gráfico localizado no lado inferior direito da figura 6).

Supõe-se que esse item lexical tenha entrado na língua portuguesa do Sul do Brasil como uma adaptação do termo espanhol *zanja*, que, de acordo com o *Dicionário da Real Academia Espanhola (DRAE)*, provém de *zanjar* que significa uma escavação comprida e estreita que se faz na terra para colocar os cimentos, conduzir as águas, defender as plantações ou coisas semelhantes, e, na América, significa *arroyo* produzido pela água corrente.

## ATLAS LINGUISTICO-ETNOGRAFICO DA REGIAO SUL DO BRASIL (ALERS)

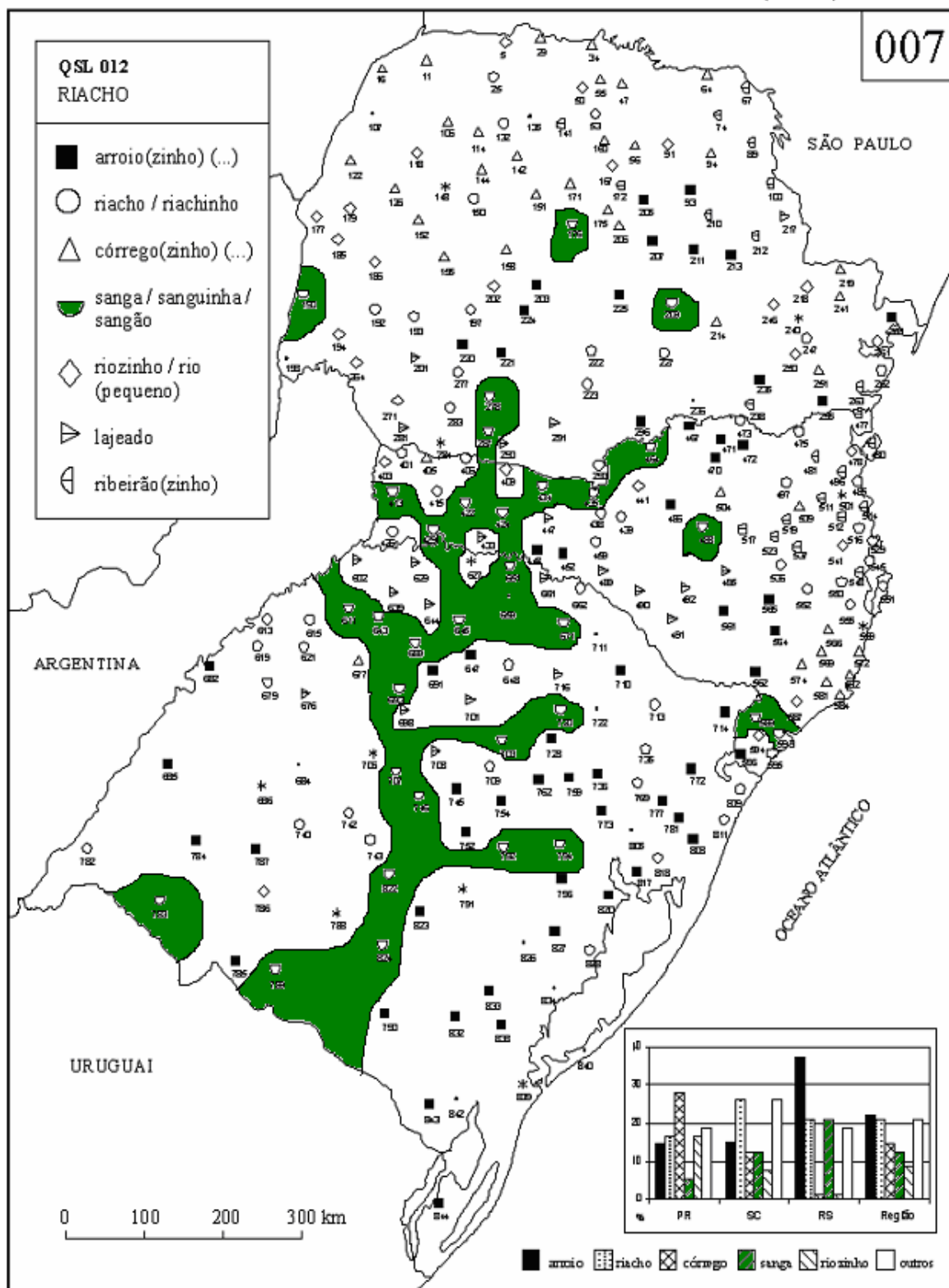


Figura 6 – Mapa correspondente ao item 012 do QSL – Riacho.  
Variantes hispânicas: Sanga / sanguinha / sangão.

O Novo Dicionário Aurélio aponta *sanga* como sendo originário do espanhol platino *zanja*, e considera um brasileirismo próprio do Rio Grande do Sul (RS) e de Santa Catarina (SC) que significa *algrão*, pequeno regato, que seca facilmente ou uma escavação profunda no terreno, produzido pelas chuvas ou por correntes de água subterrâneas. Este dicionário inclui a palavra *sangão* (também mencionada nas respostas ao questionário do ALERS) como sendo proveniente do espanhol *zanjón* e também um brasileirismo próprio do Rio Grande do Sul que significa *sanga funda*.

Obaldía (2006) aponta o termo *sangrador* com o mesmo sentido de *sanga*, um estreita via de água, de curto trajeto, pela qual recebem ou derivam águas dos rios, arroios ou lagoas as quais são abundantes no vale da Lagoa Mirim.

O *Dicionário de Regionalismos do Rio Grande do Sul* de Zeno Cardoso Nunes e Rui Cardoso Nunes (2003) define *sanga* como um pequeno curso de água menor que um regato ou arroio, ou então um ribeiro pequeno, que seca facilmente. Os autores citam ainda alguns exemplos do uso desse termo na literatura riograndese:

“Cabelos soltos, / pés descalços, / nua / - com a naturalidade / de vestida - / eu me banhava nas *sangas* / da infância / da minha vida.” (RAMOS apud NUNES & NUNES, 2003, p.445)

Esses autores registram também a palavra *sangão* como sendo o aumentativo de *sanga*, ou *sanga funda*, *barrancosa*.

“Passou por um *sangão* numa picada rala e encontrou-se num sítio mais largo, que os açorianos começavam a dar o nome pitoresco de rua da Ponte”. (SANHUDO apud NUNES & NUNES, 2003, p. 445).

Braun (1998) define *sanga* da seguinte forma:

Menor que um arroio / um curso d'água – um regato, / é restinga – se tem mato / senão – *sanga* simplesmente. / Quase sempre tem vertente / pois não morre no verão. / Lauro Rodrigues – irmão / de tradição nos dá um trago: / A *Sanga* é o pranto do pago / chorando a eterna desgraça / em que se mescla essa raça / que outrora foi de Titãs.(BRAUN, 1998, p.305).

Os dados do ALERS mostram, na figura 6, que *sanga*, *sanguinha* e *sangão* ultrapassam os limites geográficos do RS e SC, acompanhando a movimentação interna dos gaúchos rumo ao norte, passando pelo Oeste de SC e PR em direção ao Mato Grosso do Sul. Embora não tenhamos dados deste estado e do Mato Grosso, podemos levantar a hipótese de que as palavras mencionadas tenham acompanhado os migrantes no processo de exploração da Região Centro-Oeste brasileira. Sendo assim, quando o Novo Dicionário Aurélio afirma

que as palavras *sanga* e *sangão* são brasileirismos usados, no primeiro caso (*sanga*), somente nos estados do RS e SC e no segundo caso (*sangão*), somente no RS, o dicionário fornece informações equivocadas, pois podemos visualizar no mapa da figura 6 essas variantes ocorrem nos três estados da Região Sul.

Além disso, a distribuição dos dados no mapa da figura 6 mostra a coincidência das palavras *sanga*, *sanguinha*, *sangão* com uma das primeiras rotas dos tropeiros, já mencionadas no Cap II, ou seja, antes do caminho tradicional, que passava pelo município de Lages (SC) subindo pelo centro dos estados rumo a Sorocaba (SP), os tropeiros optaram, inicialmente pelo *Caminho da Praia* que era um caminho mais ao leste dos estados e isso justifica o uso dessas palavras no sul de Santa Catarina. Posteriormente, depois da expulsão dos jesuítas, os caminhos das tropas foram se deslocando para o Oeste do Rio Grande do Sul, favorecendo a ocupação definitiva das Missões, como relata Brum:

[...] Abandona-se o traçado que cortava o Rio Grande transversalmente (Uruguaiana, Alegrete, Viamão, Santo Antônio da Patrulha, São Francisco de Paula, Bom Jesus, Vacaria), adotando-se o traçado São Borja, Santo Ângelo, Cruz Alta, Carazinho, Passo Fundo, Lagoa Vermelha, Vacaria. Com exceção das duas primeiras que já existiam como povoações missioneiras, as demais citadas surgiram como consequência do novo traçado que ficou conhecido como o *Caminho das Missões*. Esse caminho, com o mesmo nome, viria a ser modificado pelo tropeiro paranaense Francisco da Rocha Loures, avançando ainda mais na direção do Oeste [...]. (BRUM, 1999, p. 124).

No entanto, cabe aqui se perguntar quem eram esses tropeiros? De acordo com Brum (1999) essas tropas eram compostas por, em média, trinta homens que se distribuíam entre lagunenses, paulistas mamelucos e castelhanos. Porém, o autor alerta que por *castelhanos* identificava-se, naqueles tempos, todo o indivíduo que viesse das bandas da Prata e falasse meio enrolado.

Esses *castelhanos* que, de acordo com Brum, podiam ser santafesinos, correntinos e até paraguaios, certamente foram responsáveis pela introdução de alguns termos da sua língua de origem a fim de se comunicar com seus companheiros de tropa e com os comerciantes nas paradas ao longo do caminho. Parte desses vocábulos foi incorporada ao léxico do português como é o caso de *sanga*, *sanguinha* e *sangão* e parte foi abandonada e substituída por termos lusos.

### 4.1.3 Rastilho

Com a finalidade de levantar variantes lexicais do termo luso *ancinho*, fez-se a seguinte pergunta: *Um instrumento de cabo longo e com uma travessa dentada na ponta, que serve para juntar folhas secas ou sujeira?* (resposta esperada: *ancinho*).

Os resultados podem ser visualizados na figura 7 que corresponde ao mapa 108 do ALERS e ao item 148 do QSL.

Como pode ser verificado na figura 7, as palavras predominantes na Região Sul são os termos *rastel* e *restel* (consideradas pelo ALERS como variantes fonéticas de um mesmo item) e que correspondem a mais de 40% das respostas dadas em toda a Região Sul, mas de uso predominante no Paraná (embora haja muitas respostas prejudicadas nesse Estado). No entanto, no Rio Grande do Sul, as respostas formaram três grandes áreas representativas do ponto de vista diatópico. A área que interessa a este trabalho é a que se formou no extremo sul do Estado, na fronteira com o Uruguai e a Argentina, na qual a resposta predominante foi *rastilho*.

Este termo está registrado no DRAE como *rastrillo*, já que em espanhol o som de /ʎ/ não é representado por “lh” (encontro consonantal que não existe nessa língua), mas por “ll” que é lido de formas diferentes de acordo com o país ou região de fala hispânica.

O DRAE conceitua *rastillo* como um Instrumento composto de um cabo comprido e fino cruzado em um de seus extremos por um travessão armado de puas em forma de dentes, e que serve para recolher grama, palha, folhas secas, ou seja, praticamente a mesma definição de *rastilho* do Novo Dicionário Aurélio que, além de conceituar o termo, aponta como sendo oriundo do espanhol *rastillo* que, por sua vez é originário do latim *rastellu*, que queria dizer *diminutivo de rastru*. Além disso, o Dicionário Aurélio registra a palavra como sendo um brasileirismo próprio da Região Sul do Brasil.

Todos os dicionários de espanhol, ou de espanhol-português, consultados trazem a palavra *rastillo* com as mesmas denominações acima mencionadas. Inclusive o *Diccionario Lunfardo* de Jose Gobello (1982), que, além do sentido habitual, acrescenta *rastriyo* como linguagem delituosa que quer dizer ladrão de coisas pequenas, e o verbo *rastrillar* com o sentido de roubar pequenos objetos.

Não podemos deixar de fazer restrições ao Novo Dicionário Aurélio, pois ele traz o termo *rastillo* como sendo um brasileirismo próprio da Região Sul, no entanto, o termo é facilmente localizado no mapa da figura 7 como sendo exclusivo do Rio Grande do Sul, mais especificamente da região limítrofe do extremo Sul.

## ATLAS LINGÜÍSTICO-ETNOGRÁFICO DA REGIÃO SUL DO BRASIL (ALERS)

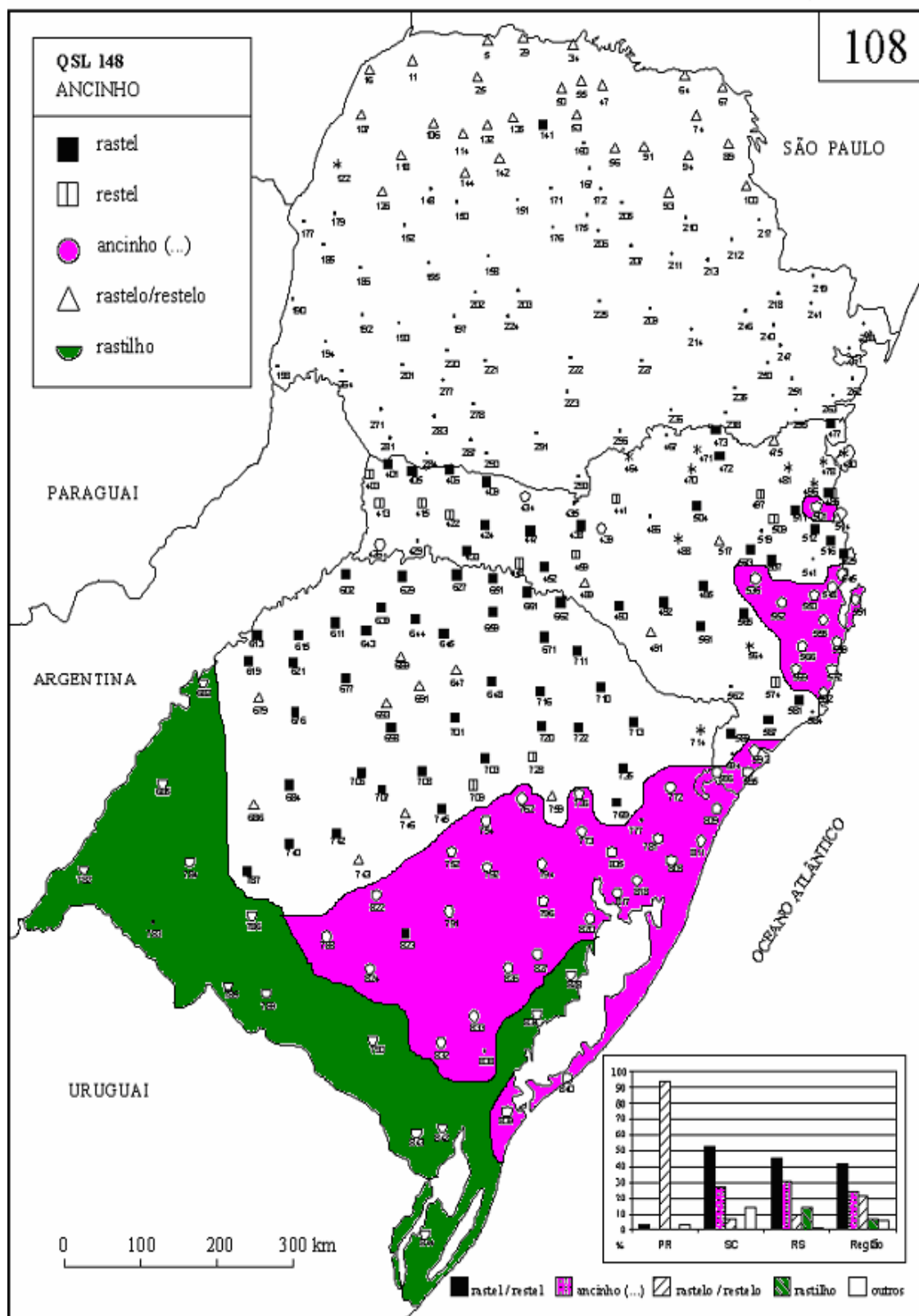


Figura 7 – Mapa correspondente ao item 148 do QSL – Ancinho.  
Variante hispânica: Rastilho.



Koch (2000) assinala o termo *rastilho* como sendo uma designação de *ancinho* que conseguiu resistir na região fronteira ao avanço de dois heterônimos, o termo luso *ancinho* que se impôs em todo o sudeste do Estado, enquanto *rastelo* se tornou a variante predominante no noroeste. De acordo com o autor, como *rastelo* também pertence ao vocabulário da língua portuguesa, mas como designação de pente usado no tratamento do linho ou da grade triangular dentada para aplainar a terra arada, o que pode ter ocorrido é uma adaptação de significado provocada pela semelhança do espanhol. Por outro lado, o autor menciona que pode-se tratar de um empréstimo do italiano *rastello*, já que a área de sua ocorrência coincide na maior parte com a região colonizada predominantemente por italianos e alemães.

Os dados do ALERS reforçam a hipótese de que *rastilho* seja um empréstimo do espanhol *rastillo*, já que a área lingüística está bem delimitada na fronteira do Brasil com os dois países de fala hispânica, área marcada pelo intenso contato entre brasileiros, uruguaios e argentinos. Além disso, como vimos no Cap II essa área, historicamente foi objeto de disputas territoriais, demorando alguns séculos para ser reconhecida como brasileira, o que certamente deixou marcas lingüísticas nos dois lados da fronteira, e, *rastillo*, parece ser uma delas.

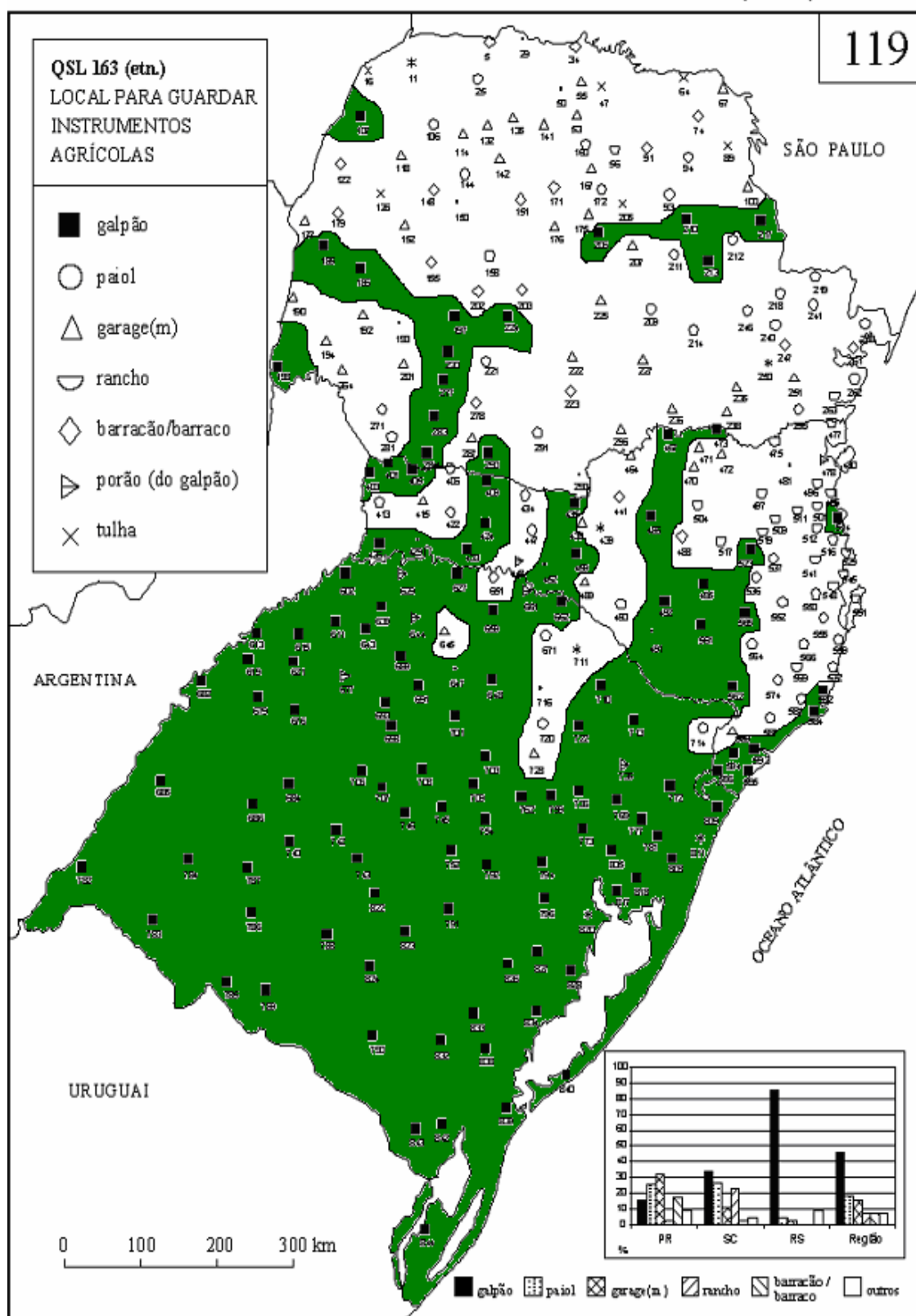
#### 4.1.4 Galpão

Com o intuito de levantar variantes lexicais de *galpão*, o Questionário Semântico Lexical (QSL) do ALERS fez a seguinte pergunta: Local para guardar instrumentos agrícolas?

Os resultados podem ser visualizados na figura 8, que corresponde ao mapa 119 do ALERS e ao item 163 do QSL.

Como pode ser conferido na figura 8, a palavra predominante na Região Sul é *galpão* e corresponde a mais de 40% das respostas dadas em toda a Região Sul. No entanto, no Rio Grande do Sul a palavra *galpão* é quase unânime, com mais de 80% das respostas, formando uma área homogênea e diatopicamente representativa, enquanto os Estados de Santa Catarina e do Paraná se mostram mais heterogêneos com variantes como *paiol*, *garagem*, *rancho*, *barracão* e *tulha*.

## ATLAS LINGÜÍSTICO-ETNOGRÁFICO DA REGIÃO SUL DO BRASIL (ALERS)



**Figura 8** – Mapa correspondente ao item 163 do QSL – Galpão.  
Variante hispânica: Galpão.

A hipótese aqui é que a variante *galpão*, embora sendo um termo historicamente incorporado ao português, tenha seu uso reforçado, nessa Região, pela semelhança com o termo espanhol *galpón* que significa, de acordo com o DRAE, uma casa grande de uma planta só e que se destinava aos escravos nas fazendas da América. A Real Academia não está certa quanto a origem desta palavra, mas menciona que, talvez, seja do mexicano *calpúlli* que quer dizer casa grande. Já Nunes & Nunes (2003) fazem referência a essa palavra que pode ter vindo de *calpulido*, também pertencente ao idioma *nahuatl*, ou mexicano, mas citam autores que afirmam que é um vocábulo da língua *asteca*, e outros que dizem ser de origem *quíchua*. Enfim, a etimologia não está clara.

O Novo Dicionário Aurélio traz o termo *galpão* como sendo novamente um brasileirismo do Rio Grande do Sul que significa construção coberta pelo menos por três de suas faces, na altura total ou em parte dela, por paredes ou tapumes, e destinada a fins industriais ou a depósito, mas não à habitação.

O Dicionário Aurélio acertou na descrição, mas novamente falhou na localização, pois, como podemos visualizar no mapa da figura 8, o termo *galpão* avança do RS em direção ao Oeste, Centro e parte do Sul de Santa Catarina, e, no Extremo Oeste alcança o Estado do Paraná em direção ao Estado do Mato Grosso. Ao contrário do que afirma o Dicionário Aurélio, *galpão* também pode destinar-se à habitação.

Nunes & Nunes (2003) apresentam outra definição desse termo, que, na nossa opinião, é mais completa e mostra, além do conceito, o valor histórico, cultural e social dessa palavra:

[...] Construção existente nas estâncias destinada ao abrigo de homens e de animais e à guarda de material. 2. Varanda, alpendre, galeria aberta junto à casa de habitação. 3. é também estábulo ou estrebaria, daí vindo *animal de galpão*, para significar o que é tratado e dorme no estábulo, e *animal a meio galpão*, para indicar o que é tratado no estábulo mas pernoita no campo. 4. o galpão característico do Rio Grande do Sul é uma construção rústica, de regular tamanho, coberta de *santa-fé*, na fronteira, ou de *taboinhas*, nos campos de Cima da Serra, em geral com parte da área assoalhada de madeira bruta e parte de terra batida, desprovido de porta e às vezes até de uma das paredes, onde o fogo de chão está sempre aceso. Serve de abrigo e aconchego à peonada da estância e a qualquer tropeiro, viajante ou gaudério que dele necessite. No galpão se prepara e se come o churrasco, se toma chimarrão, e, também nele, nas horas de folga, ao redor do fogo, se improvisam reuniões de que participam democraticamente patrões e empregados, viajantes, tropeiros, carreteiros e gaudérios, nas quais se contam *causos* de guerra, de tropeadas, de carreteadas, de serviços de campo, de caçadas, de pescarias, de amores, de assombrações, ao mesmo tempo que se bebe uma canha, se toca uma cordeona, se dedilha uma viola,

se canta uma modinha ou se recita uma décima. (NUNES & NUNES, 2003, p. 203).

Jayme Caetano Braum, escritor e poeta regionalista, descreve o *galpão* em seus poemas:

Construção rural / pra fogo – animal e gente, / casa-mãe do Continente, / fortim da pampa deserta, / foi a primeira coberta / do guasca – no campo largo, / catedral do mate-amargo, / tosco e sempre de alma aberta... / Para uns – de origem Quíchua, / Pra outros – Nahuatel – Mexicana, / Mas na pampa Americana / Não importa de onde seja, / Pois o *galpão* foi a Igreja / Deste imenso território, / Quartel – berço e refeitório / e hospital da raça andeja. (BRAUN, 1998, p. 174).

O autor cita ainda Roberto Mara, um platino compositor de milongas campeiras:

La misma estrella nochera, / Lucera Del Alba, el mismo... / Y hasta es común el abismo / de la Iguazú misionera... / La misma luna viajera / navega las estaciones; / y el fuego de los *galpones* / derrite la misma grasa, / como señal de ‘fumaça’ / llamando a los mismos peones. (MARA apud BRAUN, 1998, p. 174).

É visível nessas últimas descrições que palavras e culturas brasileiras e hispânicas confluem nessa região do país. Vejamos o que dizem dois hispanofalantes sobre esse item: “*galpão* – lugar onde se reúnem os peões da estância e onde se guardam os objetos de trabalho da estância” (Informante 1, argentino de Buenos Aires). “*galpão* – é uma bodega para guardar ferramentas (Informante 2, chileno de Concepción).

#### 4.1.5 Bagual, pastor, coiúdo, colhudo

Com o intuito de levantar variantes lexicais de *macho reprodutor*, o Questionário Semântico Lexical (QSL) do ALERS fez a seguinte pergunta: Como se chama o macho reprodutor de cavalos?

Os resultados podem ser visualizados na figura 9, que corresponde ao mapa 139 do ALERS e ao item 187.a do QSL.

Como pode se conferir na figura 9, a palavra predominante na Região Sul é *bagual* que corresponde a mais de 60% das respostas dadas em toda a Região. No entanto, no Rio

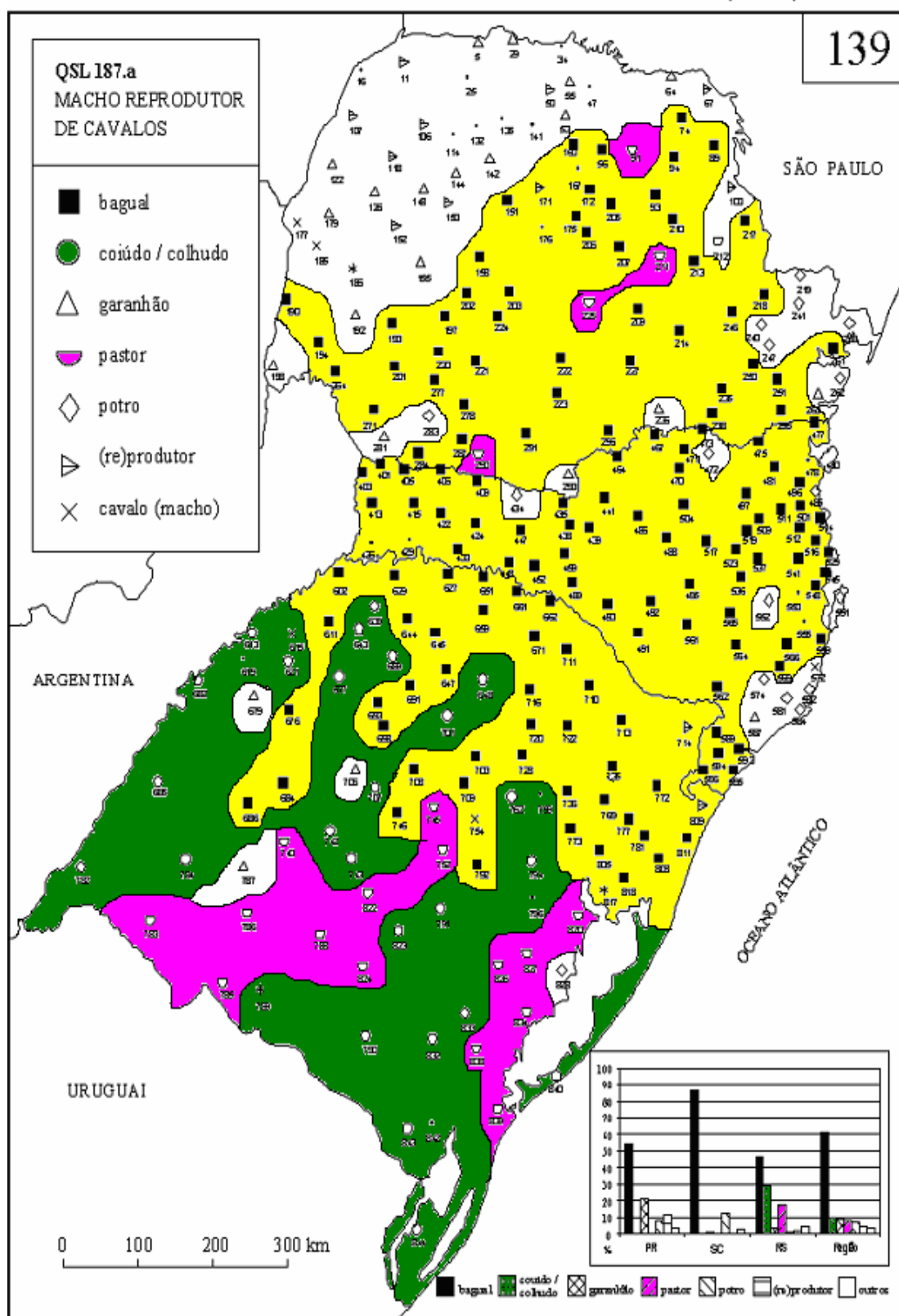
Grande do Sul as palavras *coiúdo* / *colhudo* (consideradas pelo ALERS como variantes fonéticas de uma mesma palavra) e *pastor* somam quase 50% das respostas. A palavra *pastor* aparece ainda em cinco pontos no centro do Estado do Paraná, mas *coiúdo* e *colhudo* aparecem somente no Rio Grande do Sul, formando uma área lingüística bem definida nas proximidades da fronteira com o Uruguai e a Argentina, enquanto *bagual* está bastante disseminada em direção ao norte da região, concorrendo, no extremo norte do Paraná com a variante lusa *garanhão* e *reprodutor* e com *potro* nas regiões litorâneas de Santa Catarina e Paraná.

O que podemos visualizar no mapa da figura 9 é uma disseminação de três palavras vindas do espanhol, pois o DRAE considera *pastor* como originário do latim. *pastor*, *-ōris*, e menciona que esta palavra é usada na área rural do Uruguai com o sentido de semental eqüino ou porcino. Já *cojudo*, lido como *coiúdo*, é identificado pelo Dicionário da Real Academia como advindo do latim *colĕus* que significa testículo e que se transformou em um adjetivo que se usa para dizer de um animal não castrado.

Já a palavra *bagual* (*la*), para o DRAE, vem de *Bagual* (cacique indígena argentino) que pode ser um adjetivo de uso coloquial que no Paraguai e no Uruguai significa “incivil”, ou que, na Argentina e no Uruguai significa potro ou cavalo não domado, ou ainda, especificamente na Argentina, *bagual* (*la*) é o nome dado à canção popular do noroeste da Argentina, de versos octosilábicos e características elevações de tons, que se acompanha com caixa.

O Novo Dicionário Aurélio registra a palavra *colhudo* como vinda de colhão + -udo que se transformou em um adjetivo que quer dizer *quem tem testículos grandes* e, no Sul do Brasil, é usado para *cavalo não castrado*. Além desses significados o dicionário indica *colhudo* como sendo um brasileirismo que significa valentão.

## ATLAS LINGÜÍSTICO-ETNOGRÁFICO DA REGIÃO SUL DO BRASIL (ALERS)



**Figura 9** – Mapa correspondente ao item 187.a do QSL – Bagual / coiúdo / colhudo / pastor. Variantes hispânicas: Bagual / coiúdo / colhudo / pastor.

*Bagual* é identificado pelo Aurélio como sendo do espanhol platino *bagual* que se caracteriza como um brasileirismo próprio do Sul do Brasil. Diz-se de potro arisco e de potro recém-domado, além de cavalo que se tornou selvagem. O dicionário também traz duas figuras de linguagem que querem dizer 1) espantadiço, assustadiço e pouco sociável, intratável e 2) muito grande, desmedido; fora do comum. Ligada a esses conceitos, o dicionário traz também a palavra *bagualada* que, segundo ele, também vem do espanhol platino *bagualada* e é um brasileirismo do Sul do Brasil que quer dizer manada de baguais e também grosseria, estupidez e indelicadeza.

A palavra *pastor*, no Aurélio, é identificada como sendo também um brasileirismo usado na Bahia e no Rio Grande do Sul, que significa *garanhão*. No entanto, nesta pesquisa, não temos a possibilidade de dizer se essa afirmação é totalmente verdadeira ou não, pois os dados do ALERS nos permitem afirmar apenas que no a palavra ocorre no extremo sul riograndense, cobrindo uma área que vai de Quaraí a Barra do Ribeiro, como podemos verificar no mapa da figura 9.

Obaldía (2006) identifica *pastor*, *cojudo* e *padrillo* (lido no Uruguai como *pardrijo*) como sinônimos, que significam animal sem castrar que pode destinar-se à reprodução. O autor menciona que no pago<sup>24</sup> se aplica somente ao cavalo e ao porco. Obaldía cita também um provérbio “cojudo manso bostea cerca” que se diz quando se dá volta a cevadura do mate sem levantar-se do acento, por encontrar-se em uma cozinha ou galpão de chão batido ou em qualquer lugar em que não deva cuidar da limpeza.

A palavra *pardrijo*, que parece ser claramente um empréstimo do espanhol, é constatada pelos dados do ALERS, apenas em Dom Pedrito, que se localiza nas proximidades de Santana do Livramento, cidade que faz fronteira com a cidade uruguaia de Rivera.

Ainda sobre a palavra *bagual*, Gobello (1982) identifica no seu *Diccionario Lunfardo* como sendo próprio da linguagem popular e que quer dizer cavalo sem domar, animal montês e selvagem ou indivíduo arisco, desabrido e intratável.

Para Braun (1998), *bagual* é o cavalo xucro que já está sendo domado. Em sentido figurado, quer dizer rude, selvagem, retovado ou atrevido. Raça bagual tem sentido de rude e xucra linguagem. Nas palavras do autor “dizem uns que o Guarani ao conhecer o cavalo passou, de pronto, a chamá-lo de *bae guará* e, desde então por diante, fez-se a fusão formando o termo *bagual*. Embora não sendo clara, tem fundamento a versão” (p. 45).

---

<sup>24</sup> O autor define *pago* como o território pertencente ao departamento de Treinta y Tres (cidade do Norte Uruguai) às margens do rio Cebollatí. Para o autor, nas terras de Treinta y Tres e Rocha, não se fala da mesma maneira e formas cotidianas nas duas margens do mesmo rio.

O mesmo autor menciona ainda que os escritores pampeanos registram *bagual* no seu sentido geral de *bravio* e de *indomado*, diferente de *aporreado*, quase igual a *chimarrão*, mas sempre uma evocação de algo rude, asselvajado.

Braun cita também dois poemas tradicionalistas envolvendo o termo, o primeiro em português e o segundo em espanhol platino:

Vargas Neto assim o canta: “...um contava uma rodada: / um outro uma gauchada / num aparte de novilho; / E aquele um corcovo feio / com que o bagual no rodeio / quase o tirou do lombilho.”

Ao Martín Fierro de Harnández pertence a sextilha abaixo: “... Ansí andaba como guacho / cuando pasa el temporal. / supe una vez, pa mi mal, / de una milonga que había, / y ya pa la pulpería / enderecé mi bagual.” (BRAUN, 1998, p. 45).

Nunes & Nunes (2003) definem *pastor* e *colhudo* como sendo o garanhão, ou seja, o cavalo inteiro reservado para fecundar as éguas. Enquanto o termo *bagual* é destinado ao equino selvagem, isto é, ainda não domado, cavalo novo e arisco, potro domado recentemente, cavalo manso que se tornou selvagem, reprodutor, pastor, animal não castrado. Além desses sentidos, os autores também mencionam as características de *bagual* que se aplicam também a pessoas, tanto no sentido pejorativo como elevado, são elas: espantadiço, bisonho, arisco, abrutalhado, rude, grosseiro, bravio, indômito, bonito, vistoso, muito grande.

Sobre a origem e etimologia do termo *bagual* os autores descrevem:

O cavalo, como é sabido, foi importado pelos espanhóis, mas abandonado, tornou-se alçado, propagando-se consideravelmente pelos pampas do sul de Buenos Aires. Os índios que os habitavam acomodaram à sua língua o nome que os conquistadores davam ao quadrúpede que não conheciam, chamando-lhe *cahuallu*, *cauellu*, *cahual*. Os espanhóis, tomando por sua vez, dos pampas esse último vocábulo, ligeiramente modificado, passaram a chamar *bagual* ao cavalo que ali acharam selvagem, com o que distinguiam do manso ou sujeito ao domínio do homem. Adjetivou-se a voz castelhana ao voltar transformada a seus lábios dos lábios dos índios. Estudos posteriores, porém, me autorizam a apresentar outra origem ao termo em apreço, sem entretanto, querer firmar uma opinião inabalável. Dou-a a título de sugestão aos estudiosos. O índio guarani, ou os que falavam o *abanhanga*, não conhecendo o cavalo antes da chegada dos europeus, não tinham nome para designar o animal exótico, e daí a formação por eles da palavra *mbaê-guara* ou *mbaê-uara*, como fizeram em relação ao boi, também deles desconhecido, que passaram a designar por *tapiraciuiacauara*. *Tapira*, por ser grande como anta; *ciui*, por ser ruminante; *acá* por ter chifres, e *aura*, redução de *retamaura*, conforme explica Afonso Freitas, no seu vocabulário Nheengatu. Assim, quanto ao cavalo teriam formado, na sua língua elástica, o nome *mbaê-guara*, pois *mbaê* significa coisa, objeto, e *guará*, já acima foi dada a significação. Assim, pois, *mbaê-guara*, significa coisa estranha ou desconhecida. Foi



fácil ao português ou ao espanhol transformar a palavra em *bagual*, para o cavalo selvagem, procedente dos animais trazidos pelos primeiros nos meados do século XVI, para São Vicente e daí se espalhado por todo o sul do Brasil e o Prata [...]” (MORAES apud NUNES & NUNES, 2003, p. 50).

#### 4.1.6 Borrego

Com a finalidade de levantar variantes lexicais destinadas ao *filhote* ou a *cria da ovelha*, o ALERS fez a seguinte pergunta: *(Como se chama) ...a cria da a) ovelha; b) égua; c) vaca; d) porca; e) cabra nas diferentes idades? (especificar e distinguir entre macho e fêmea).*

Os resultados podem ser visualizados na figura 10 que corresponde ao mapa 147 do ALERS e ao item 191.a do QSL.

Como pode ser averiguado na figura 10, a palavra predominante na Região Sul é *carneirinho (a)* que corresponde a mais de 40% das respostas (predominante no Paraná e Leste de Santa Catarina), seguida pela variante *cordeirinho* com cerca de 35% das respostas dadas em toda a Região (predominante no Rio Grande do Sul e Oeste de Santa Catarina). No entanto, no extremo sul do Rio Grande do Sul aparece o termo *borrego*, com pouca representatividade numérica, mas com boa distribuição diatópica, pois está localizado nas regiões de fronteira com o Uruguai, mais especificamente nas cidades de Santana do Livramento (fronteira com a cidade uruguaia de Rivera) e Bagé, subindo em direção a Cachoeira do Sul, São Lourenço, Dom Feliciano, Barra do Ribeiro, Tupanciretã e Júlio de Castilho. Cidades estas que, além de serem marcadas pela proximidade e contato com o Uruguai, também fizeram parte da rota dos tropeiros e são áreas de economia baseada na agropecuária e dentre estas atividades se destacam a criação de gado e de ovelha, o que justificaria, de acordo com a dialetologia, uma maior riqueza de termos ligados a essa atividade.

## ATLAS LINGÜÍSTICO-ETNOGRÁFICO DA REGIÃO SUL DO BRASIL (ALERS)

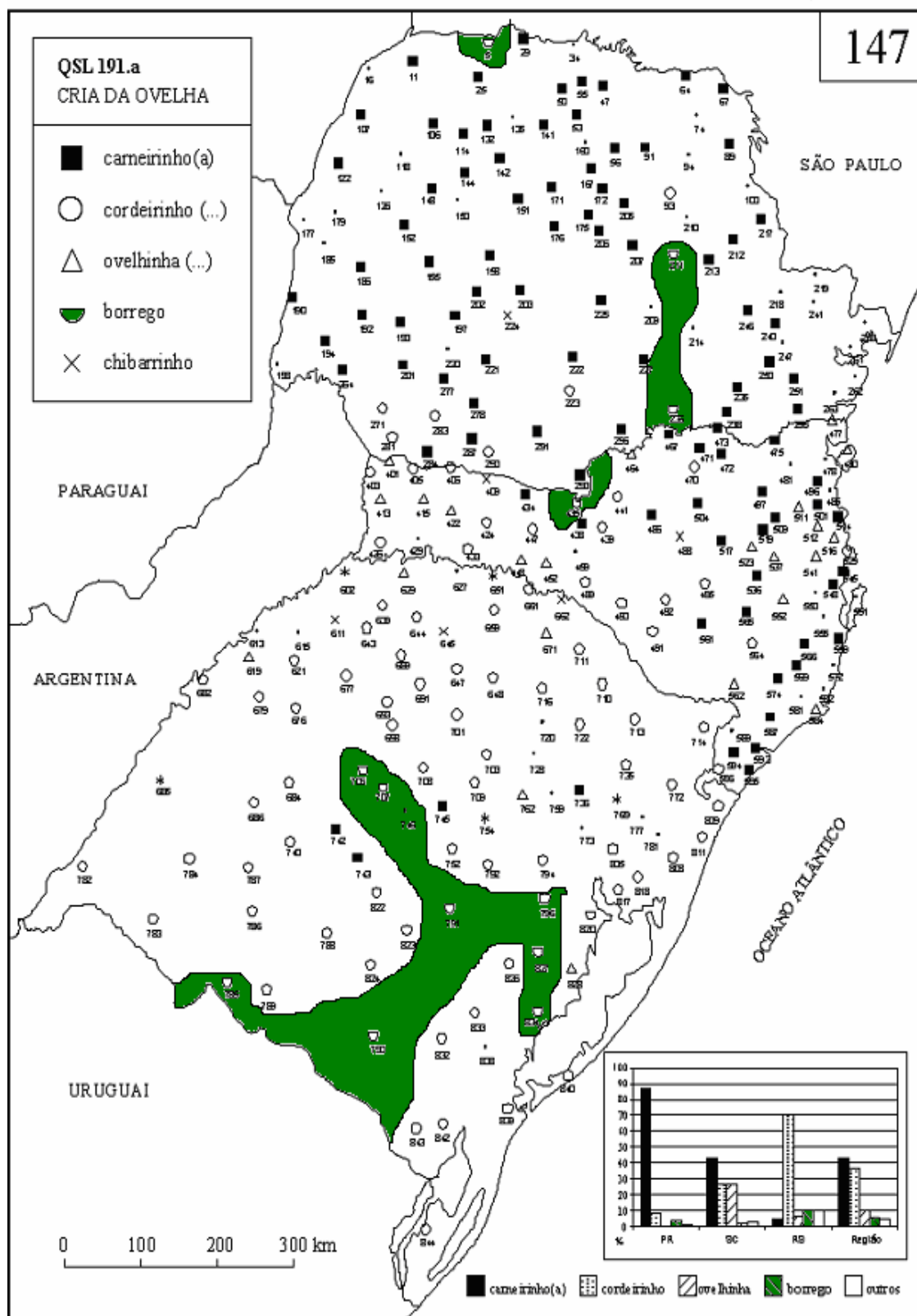


Figura 10 – Mapa correspondente ao item 191.a do QSL – Cria do ovelha.  
Variante hispânica: Borrego.

Verificamos também uma aparição do termo *borrego* no centro-norte de Santa Catarina e três no centro e norte do Paraná, o que coincide, novamente, com a direção das rotas dos tropeiros já mencionadas anteriormente.

O DRAE identifica *borrego* como originário de *borra*, que significa cordeiro de um a dois anos.

Já o Novo Dicionário Aurélio identifica *borrego* como originário de *borra* (*ô*) + *ego* que também significa cordeiro com menos de um ano, ou então, um indivíduo sossegado, manso, pacífico.

Além desses significados, Garcia (1953) traz *borrego* como sendo, na América, o mesmo que boato ou, no sentido figurado, pessoa simples ou ignorante ex. “No Haber tales borregos” (p. 156) que denota a inexistência do que se combinou ou deu por certo. O dicionário de Garcia traz também os termos *borregoso* que quer dizer encrespado, próprio do *borrego* ou de sua lã, por ex.: “Mar borregoso” que significa mar encrespado ou encarneirado (p.156).

Braun (1998) define *borrego* como sendo uma ovelha ou carneiro antes da primeira tosa, do qual a lã é menos valiosa e vendida a baixo valor. “E é por ter pena dos outros / que andam soltos na terra, / que quando esse guaxo berra / meu peito xucro se amansa, / pois eu sinto – na confiança / que inspiro ao pobre *borrego* / o mesmo anseio de achego / que eu tive – quando criança.” (BRAUN, 1998, p. 70).

Nunes & Nunes (2003) acrescentam o sentido figurado de pessoa pacífica ou alguém bem jovem, novo.

Nosso informante argentino (de Buenos Aires) cita *borrego* como sendo, além de um cordeiro pequeno, uma palavra usada pejorativamente para designar criança ou menino.

Devemos acrescentar que, na região em que foi registrada a palavra *borrego* é comum a lida com a criação de ovelhas nas propriedades rurais, o que mais uma vez contribui para a riqueza de termos ligados a essa atividade.

#### 4.1.7 Aspa, guampa

Com a finalidade de levantar variantes lexicais usadas para designar *chifres*, o ALERS fez a seguinte pergunta: *Quais são as partes do corpo a) do cavalo; b) do boi; c) da ovelhas? (orientação: perguntar pelos chifres).*

Os resultados podem ser visualizados na figura 11 que corresponde ao mapa 079 do ALERS e ao item 208.a do QSL.

Como pode ser averiguado no mapa da figura 11, a palavra predominante na Região Sul é *chifre* que corresponde a mais de 60% das respostas em toda a Região, distribuindo-se predominantemente no Paraná, no Oeste e Leste de Santa Catarina e no Norte e em partes do Leste do Rio Grande do Sul. No entanto, na maior parte do RS aparecem as variantes *aspa* e *guampa*, representando, juntas, mais de 70% das respostas ao QSL do ALERS.

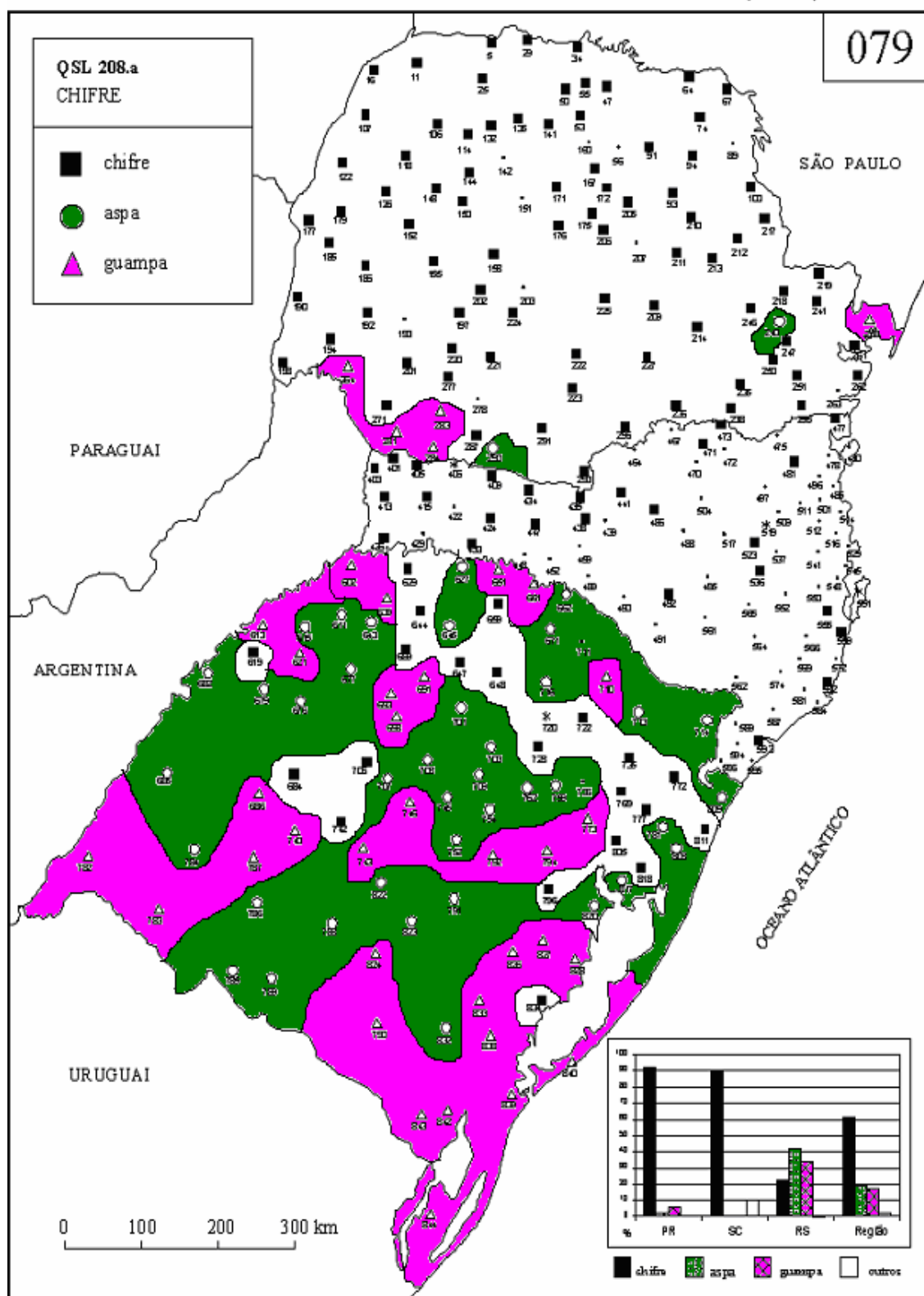
*Aspa*, de acordo com o DRAE, vem do gótico *haspa* que era um conjunto de duas madeiras ou paus atravessados um sobre o outro de modo que formem a figura de um X, mas que, na área rural da Argentina, Bolívia e Uruguai recebe o significado de *asta* ou *cuerno vacuno*.

Já *guampa*, para o DRAE, vem do *quechua wákkhra* que, na área rural da Argentina e do Uruguai denota *cornu* (prolongação óssea). Além disso, no uso coloquial do Uruguai, *cornu* expressa infidelidade matrimonial, e uma das expressões usadas para essa função é *meter guampas*.

Para o Novo Dicionário Aurélio *aspa* também vem do gótico *haspa* que quer dizer, entre outros, Instrumento de suplício em forma de X, e, além disso, é um brasileirismo que significa *chifre* no animal, e no Rio Grande do Sul, pode significar *cornu* ou estar zangado, mal-humorado em expressões como *estar de aspa torta*. Porém *guampa*, para o Aurélio vem do espanhol platino *guampa* que também é um brasileirismo que significa *cornu* ou um copo ou vasilha para líquidos, feita de chifre, e, relacionadas a esse termo existem outros como *guampaço* e *guampada* (itens próprios do Sul do Brasil e ambas significam chifrada), *guampas* (testa, cabeça...), *guampa-torta* (próprio do Rio Grande do Sul e significa valentão), *guampear* (significa laçar o animal ou cornar, escornar, marrar, chifrar) e *guampudo* (próprio do Rio Grande do Sul e significa cornu).

Para Garcia (1953), *aspa*, em espanhol, além de ser uma espécie de cruz ou um instrumento de suplício, pode ser também a asa do moinho de vento, uma peça do escudo, uma cruz de malta ou um cruzamento de madeira. Na América pode ser a largura de uma mina e, mais especificamente na América Platina, pode significar *aspa*, *chifre*, *cornu* ou *guampa*.

## ATLAS LINGÜÍSTICO-ETNOGRÁFICO DA REGIÃO SUL DO BRASIL (ALERS)



**Figura 11** – Mapa correspondente ao item 208.a do QSL – Chifre.  
Variantes hispânicas: Aspa, guampa.

Obaldía (2006) traz o provérbio *clavar la guampa*, que, na fala do pago, expressa o ato de morrer e se origina do animal bovino que, ao morrer no campo, afunda um de seus cornos no solo.

Gobello (1982), no seu *Diccionario Lunfardo*, menciona que *aspa* significa corno por confusão com o espanhol *asta* que quer dizer braço de moinho.

Braun (1998) afirma que *aspa* é o mesmo chifre ou *guampa* e é um termo de uso nacional, que nomeia os chifres do animal. Segundo o autor, no linguajar campesino usa-se um refrão genuíno a toda hora escutado *algo cortante ou afiado como aspa de boi brasino*, pois os chifres desse tipo de boi são muito afiados. Para o autor, *guampa* é um termo Quíchua, talvez, sendo largamente usado na expressão *guampa torta* que quer dizer índio largado, valentão ou atrevido, xiru meio intrometido, conversador, malcriado.

Nunes & Nunes (2003) trazem, para *aspa*, além dos significados acima mencionados, as expressões *bater aspás* (andar parelho com outro, encontrar-se com outra pessoa para dirimir dúvidas e bater guampas) e *estar de aspa torta* (estar zangado, de mau humor). Quanto ao termo *guampa*, os autores fazem referência ao chifre preparado para ser usado como copo ou como vasilha para guardar líquidos.

Há guampas com trabalhos artísticos, como esculturas feitas nelas a canivete, ou revestimentos de prata ou de ouro. Existem pequenas guampas, providas de um tira de couro ou corrente metálica fina, que são conduzidas na parte dianteira do serigote e usadas para beber água, nas travessias de rios e arroios, podendo ser enchidas de cima do cavalo. (NUNES & NUNES, 2003, p. 235).

Ir ao curral e, mesmo na porteira, / Uma guampa beber de leite quente, / Sovar a palha e ir picando o fumo, / A conversar com essa boa gente...(TEIXEIRA apud NUNES & NUNES, 2003, p. 235).

Oliveira (2005) contribui com mais três expressões: 1) *Aspa de boi brasino* (coisa muito dura); 2) *Aspa furada* (diz-se do marido que é corno manso); e 3) *Aspa torta* (desordeiro, arruaceiro, valentão, é o mesmo que *aspa virada* e *aspa torcida*).

Como podemos verificar no mapa da figura 11, as áreas de uso das palavras *aspa* e *guampa* estão bem delimitadas, ou seja, se localizam em todo o extremo sul do Rio Grande do Sul, nas fronteiras com o Uruguai e a Argentina e se deslocam rumo ao oeste do Paraná. Sendo assim, é bem possível de esses termos terem sido introduzidos no português brasileiro dessa Região pelos tropeiros castelhanos que faziam parte do caminho dos tropeiros, pois a *guampinha* (que era uma *guampa* pendurada no lombinho que os tropeiros carregavam para beber água em viagem) era um utensílio muito usado por eles nessas rotas.

#### 4.1.8 Cola

Com a intenção de levantar variantes lexicais usadas para designar *rabo*, fez-se a seguinte pergunta: *Quais são as partes do corpo a) do cavalo; b) do boi; c) da ovelhas?*

Os resultados podem ser visualizados na figura 12, que corresponde ao mapa 078 do ALERS e ao item 208.c do QSL.

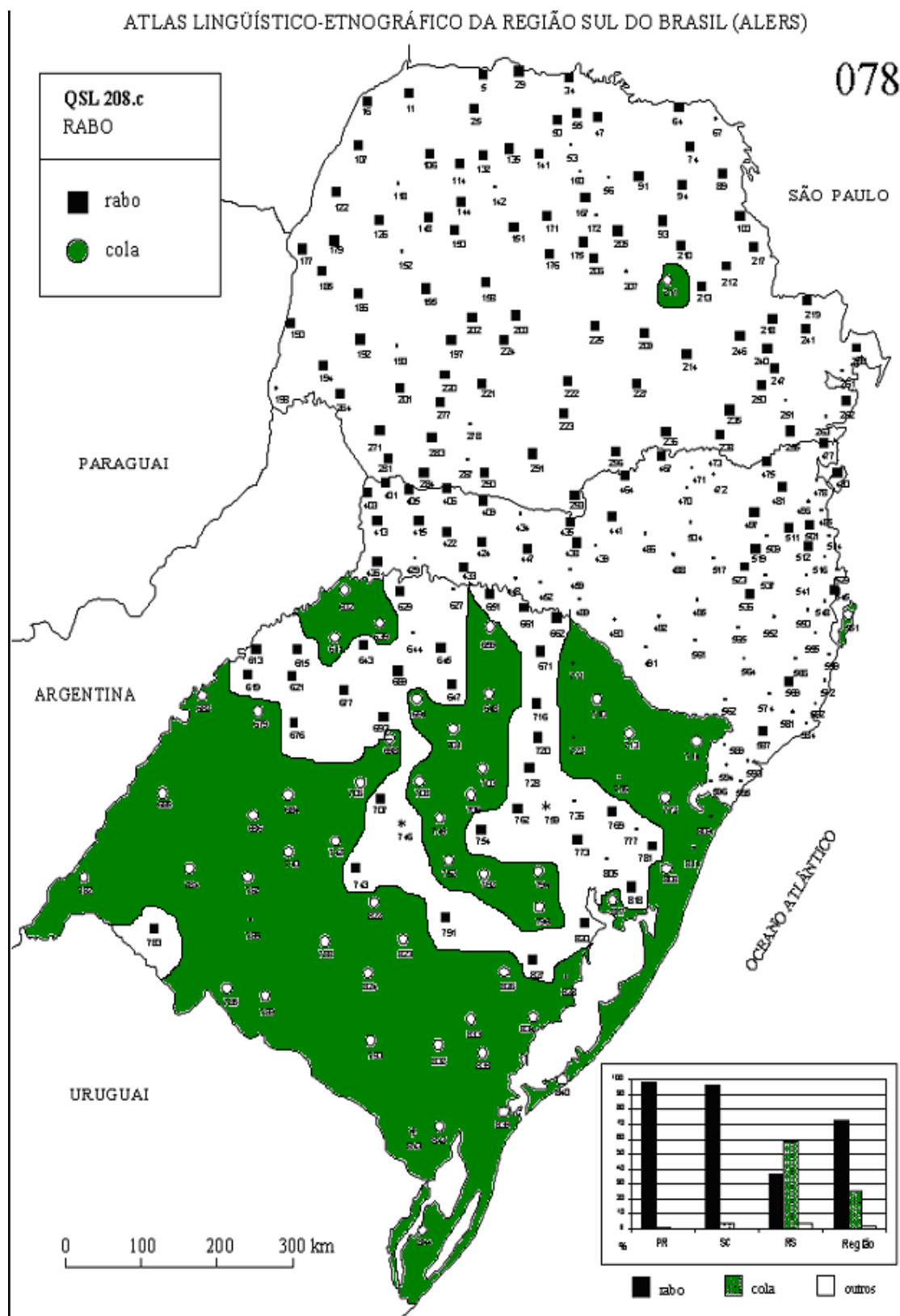
Como pode ser averiguado no mapa da figura 7, a palavra que se sobressai na Região Sul é *rabo* que corresponde a mais de 70% das respostas em toda a Região distribuindo-se predominantemente em todo o Paraná, em toda Santa Catarina e no Norte e Noroeste do Rio Grande do Sul. No entanto, na maior parte do RS aparece a variante *cola*, representando cerca de 60% das respostas ao QSL do ALERS e se localizando em toda a faixa fronteira sul do Estado e parte da faixa oeste, atingindo também alguns pontos do Centro, Leste e Norte.

A variante *cola* está registrada no DRAE como originário do latim vulgar *coda*, e este do latim *cauda* que significa extremidade posterior do corpo e da coluna vertebral de alguns animais.

O Novo Dicionário Aurélio trata do termo *cola* como sendo originário do espanhol *cola* que denota cauda, rabo ou rasto, rastro, encaço, como por ex. na frase: “O chiru foi andando..., e eu, na cola dele” (LOPES NETO apud AURÉLIO, 1986, p.428). O dicionário traz também a expressão *bater com a cola na cerca*, que seria um brasileirismo usado na linguagem popular do Sul do Brasil que significa o mesmo que morrer.

Obaldía (2006) cita outra expressão, usada na fala do pago, *doblar o torcer la cola*, que quer dizer morrer. Gobello (1982) comenta que *cola*, na linguagem popular lunfarda, significa o mesmo que o último como em: “*Y él estaba segundo. O estaba cola*” (HIERBA apud GOBELLO, 1982, p.49).

Para Nunes & Nunes (2003), *cola* é o mesmo que encaço, rastro ou a cauda dos animais. Os autores comentam ainda que esse termo é antiquado em Portugal, nesta acepção, mas muito usado no Rio Grande do Sul, e citam alguns exemplos de usos como em: “Quando ato a cola do pingo, / E ponho o chapéu do lado, / E boto o laço nos tentos, / Por Deus que sou respeitado.” (quadra popular apud NUNES & NUNES, 2003, p. 123).



**Figura 12** – Mapa correspondente ao item 208.c do QSL – Rabo.  
Variante hispânica: Cola.



Ao mesmo tempo, os autores relatam outras expressões relacionadas a esse termo, como por ex.: *cola atada* (a cauda do cavalo atada de modo a formar um tope), *cola de sorro* (variedade de capim, *Andropogon condensatus*), *cola e luz* (partido que se dá nas corridas de cavalos e que consiste em sair o parrelheiro favorecido na frente, devendo seu competidor, para ganhar, fazer luz no laço de chegada), *cola-fina* (denominação que o homem do campo dá aos habitantes da cidade, que não entendem das lidas campeiras).

Os autores justificam o porquê da expressão *cola fina*, pois esse termo é usado, originariamente, para os cavalos de trato, cavalos de cocheira, cuidados com carinhos especiais, como os de prado, por exemplo, ou do andar elegantes e têm, por isso, a cola fina, lisa, sempre bem penteada e lustrosa. Por isso denomina o gaúcho de *cola-fina* ao homem da cidade, ou que não entende da vida do campo.

Como podemos perceber esse é mais um termo relacionado com as *lidas do campo* e, como seria de se esperar ele aparece, de acordo com o mapa da figura 12, nos lugares onde a atividade campeira<sup>25</sup> é, ou já foi, mais difundida.

#### 4.1.9 Garrão

Com o intento de levantar variantes lexicais usadas para designar *calcanhar*, em pessoas, o QSL do ALERS fez a seguinte pergunta: *Como chamam isto? (apontar para o calcanhar)*.

Os resultados podem ser visualizados na figura 13, que corresponde ao mapa 183 do ALERS e ao item 266 do QSL.

---

<sup>25</sup> Entende-se por campeira aqui a lida com cavalos e outros animais. Porém, essa expressão, comum no RS e nos CTGs, significa “pessoa que executa com habilidade os serviços de campo, que monta bem, que vive e trabalha no campo, que entende de tudo o que se relaciona com a criação de gado. Aplica-se também aos objetos de uso no campo ou apropriados para trabalhos de campo: freio *campeiro*; botas *campeiras*; chapéu *campeiro*; aos animais do campo: veado *campeiro*. O *campeiro* Sul equivale ao *vaqueiro* do Norte” (NUNES & NUNES, 2003, p. 85). Da mesma origem surgiu a palavra *campear*, que significava *procurar pelo campo*, *buscar* e hoje é usado, em alguns lugares, para designar *procurar* de forma de forma genérica.

## ATLAS LINGÜÍSTICO-ETNOGRÁFICO DA REGIÃO SUL DO BRASIL (ALERS)

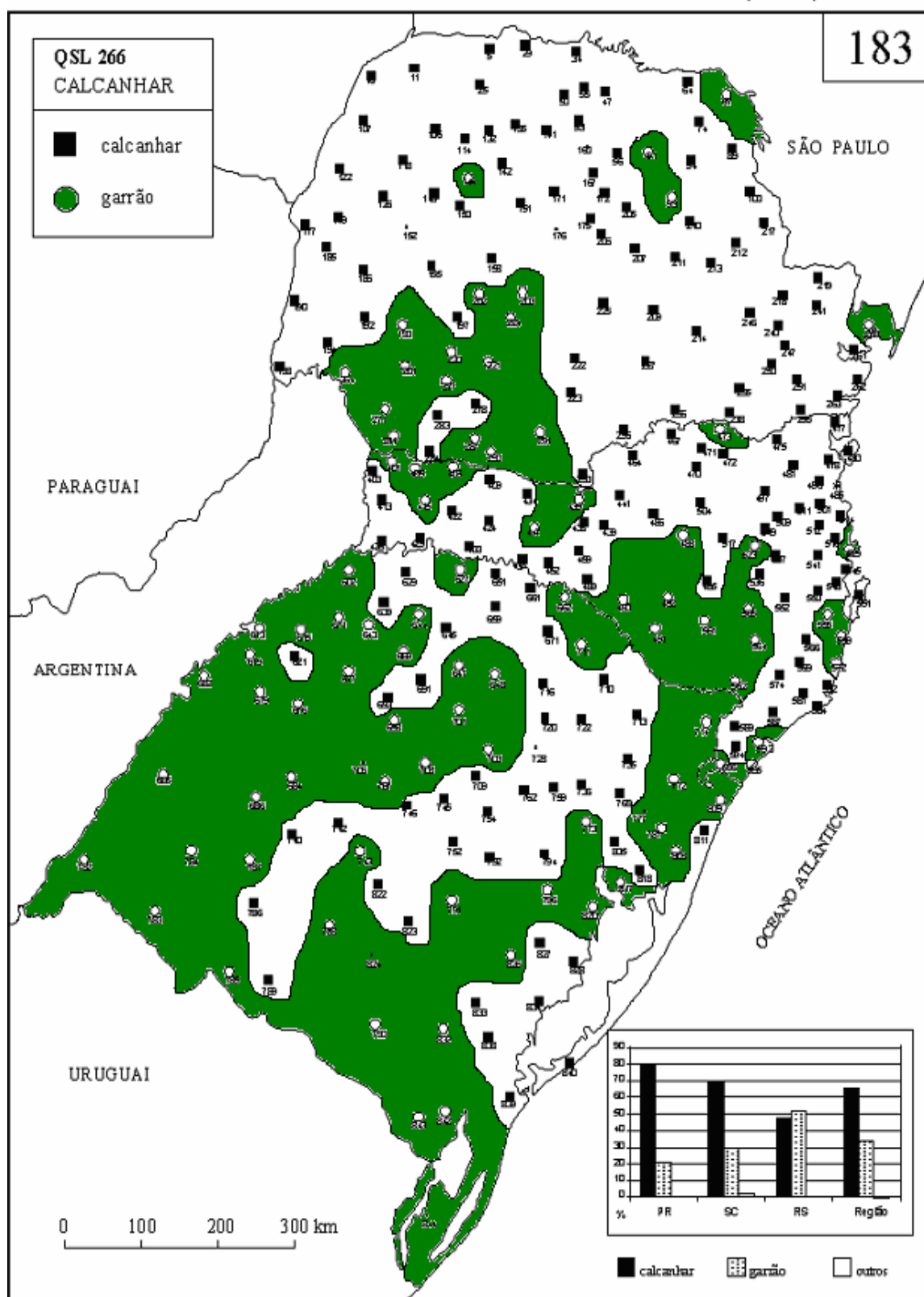


Figura 13 – Mapa correspondente ao item 266 do QSL – Calcanhar.  
Variante hispânica: Garrão.

Como pode ser constatado no mapa da figura 13, a palavra que se destaca na Região Sul é *calcanhar*, que corresponde a mais de 60% das respostas em toda a Região, distribuindo-se predominantemente no Paraná, no Norte e Leste de Santa Catarina e no Norte, Centro e Leste do Rio Grande do Sul. No entanto, na maior parte do RS aparece a variante *garrão* como predominante, representando mais de 50% das respostas ao QSL do ALERS e se localizando em toda a faixa fronteira Oeste do Estado se deslocando rumo ao norte do Estado, Oeste de Santa Catarina e Paraná e também parte da faixa Leste do RS e Sul de Santa Catarina.

Esse termo nos parece, observando a distribuição no mapa, ou um empréstimo do espanhol *garrón*, ou então um reforço pela semelhança, ou seja, pela proximidade existente entre o Brasil e os países de fala hispânica pode acontecer de, entre várias opções de variantes para designar o mesmo objeto os falantes optem por aquele que é mais próximo do termo usado no país vizinho, já que o contato é inevitável, seja ele no comércio, na sociedade etc. Nesse caso, *garrón* (em espanhol) tem o mesmo significado de *garrão* (em português).

O DRAE registra a palavra *garrón* como sendo um aumentativo de *garra*, que é o nome do esporão de uma ave, ou o extremo da pata do coelho, da rês e de outros animais, por onde se pega depois de mortos. É o mesmo que *calcanhar*.

Já o Novo Dicionário Aurélio registra *garrão* como vindo do espanhol platino *garrón* e como sendo um brasileirismo próprio do Rio Grande do Sul que significa o jarrete do cavalo. O dicionário cita também a expressão *afrouxar o garrão* que também seria um brasileirismo do RS que adquire o sentido de dobrar as pernas e cair, ou então amolecer as pernas, perdendo as forças para subir uma lomba. Além disso, o dicionário cita o sentido figurativo de acovardar-se (o homem) em face do adversário.

Garcia (1953) afirma que *garrón* é o mesmo que esporão (de ave), mas que, mais especificamente na América, o termo adquire o sentido de *calcanhar*.

Gobello (1982) assegura que *garrón*, na fala popular lunfarda, além do já sentido de *calcanhar*, é usada na expressão *de garrón* que quer dizer gratuitamente, a qual teria origem no germânico *gorrón* que significa aquele que come, vive ou se diverte às custas alheias.

Braun (1998) faz referência a *garrão* como forma de designar *calcanhar* e *jarrete*, atribuindo a origem ao castelhano *garrón*. O autor atribui também algumas expressões relacionadas ao termo, como por ex.: *ter garrão* (é ter coragem ser guapo, ter resistência), *não afrouxar o garrão* (que é manter a posição, mesmo na luta mais feia, enfrentar qualquer peleia, ou manter uma opinião). O autor cita também uma passagem em espanhol que inclui o termo “No se pudo! Algo toro, algo que sale / del pecho de mi madre o de mi tierra, / me hace

sentar el flete en los *garrones* / y hundirlo en la tormenta!” (YAMANDU apud BRAUN, 1998, p. 175).

#### 4.1.10. Chicochoelo

Com o intuito de levantar variantes lexicais usadas para designar *rótula (do joelho)*, fez-se a seguinte pergunta (Qual o nome do) osso redondo que fica sobre o joelho?

Os resultados podem ser visualizados na figura 14, que corresponde ao mapa 186 do ALERS e ao item 268 do QSL.

Como pode ser examinado no mapa da figura 14, as palavras que se destacam na Região Sul como representando a maioria das respostas são *pataca* e *patacão (do joelho)* que correspondem a mais de 40% das respostas, distribuindo-se predominantemente em todo o Paraná, no Norte, Centro e Sul de Santa Catarina e em alguns poucos pontos do Norte e Noroeste do Rio Grande do Sul. No entanto, o que se tornou fonte de interesse e objeto desta análise é a palavra *chicochoelo* que, embora não pareça representativa do ponto de vista numérico, é diatopicamente relevante, pois se distribui em partes das fronteiras Sul e Oeste do Rio Grande do Sul, ou seja, nas áreas de fronteira com países hispânicos.

No entanto, *chicochoelo* não foi registrado por nenhum dicionário oficial consultado, ou seja, é um termo não dicionarizado, tanto em português quanto em espanhol. Encontramos apenas no Dicionário de Regionalismos do Rio Grande do Sul de Nunes & Nunes (2003) com o sentido de rótula ou osso móvel da articulação do joelho do bovino, acompanhado de carne e também no Dicionário Gaúcho de Oliveira (2005) com a mesma acepção de rótula ou osso móvel da articulação do joelho da rês, quando acompanhada de carne gorda e como variação da palavra *chicosuelo*.

Sendo assim, o que pode ter acontecido nessa região é que a palavra que era usada para denominar a rótula do joelho dos animais, na atividade com o gado, se expandiu semanticamente e passou a denominar também a rótula das pessoas, o que parece ter acontecido com *garrão*, que, de acordo com Garcia (1953) adquire o sentido de calcanhar na América, como vimos 4.1.9.

## ATLAS LINGÜÍSTICO-ETNOGRÁFICO DA REGIÃO SUL DO BRASIL (ALERS)

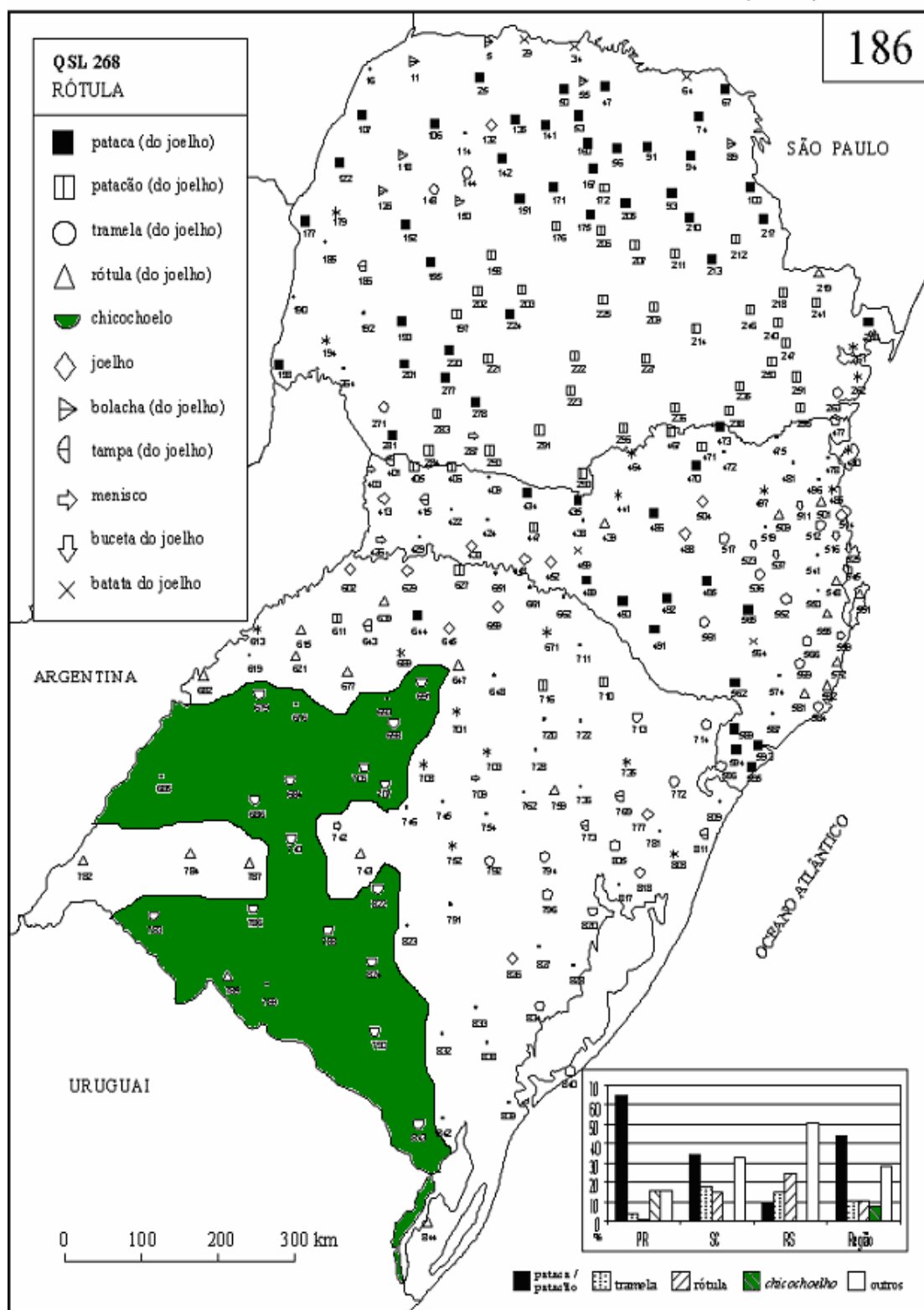


Figura 14 – Mapa correspondente ao item 268 do QSL – Rótula.  
Variante hispânica: Chicochoelo.

Outra possibilidade de origem dessa palavra seria a junção de *chico*, que em espanhol significa, entre outras acepções, o adjetivo *pequeno*, o que pode ter levado os falantes a associar ao sentido *pequeno Joelho* e levaria à formação da palavra *chico-choelo*, porém, *choelo* não está registrado nem nos dicionários portugueses nem nos dicionários espanhóis consultados. Sendo assim, poderíamos cogitar a hipótese de ser um composto híbrido: *chico* (espanhol) + *Joelho* (português), no entanto, no momento, só é possível fazermos especulações acerca desse item que merece maiores investigações.

#### 4.1.11 Rengo, lunanco

Com a finalidade de levantar variantes lexicais usadas para designar *manco*, fez-se a seguinte pergunta: *A pessoa que tem uma perna mais curta?*

Os resultados podem ser visualizados na figura 15, que corresponde ao mapa 210 do ALERS e ao item 318 do QSL.

Como pode ser constatado no mapa da figura 15, as palavras que predominam na Região Sul é *manco* e *manquitola*, que correspondem a mais de 60% das respostas em toda a Região, distribuindo-se predominantemente em todo o Paraná, em praticamente toda Santa Catarina e no Norte do Rio Grande do Sul. No entanto, na maior parte do RS prevalecem as variantes *rengo* e *lunanco*, as quais se localizam em toda a faixa fronteira Sul e Oeste do Estado, atingindo também o Centro do Estado e parte do Noroeste, além de serem constatadas em alguns poucos pontos do Centro, Sul e Leste de Santa Catarina.

A palavra *rengo* é registrada no DRAE como vinda do latim *renīcus*, de *ren*, *renis*, *riñón*, que quer dizer coxo por lesão das cadeiras ou quadris, mas que em Cuba, no México, na Argentina e no Uruguai assume o sentido de coxo por lesão em um pé ou perna.

Já o Novo Dicionário Aurélio assume que a palavra vem do espanhol platino *rengo* que remete a doença nos quartos traseiros dos cavalos, que, impedindo-os praticamente de andar, os inutiliza para qualquer trabalho. Também é um brasileirismo que se usa para dizer do cavalo que manca de uma perna, ou seja, coxo.

## ATLAS LINGÜÍSTICO-ETNOGRÁFICO DA REGIÃO SUL DO BRASIL (ALERS)

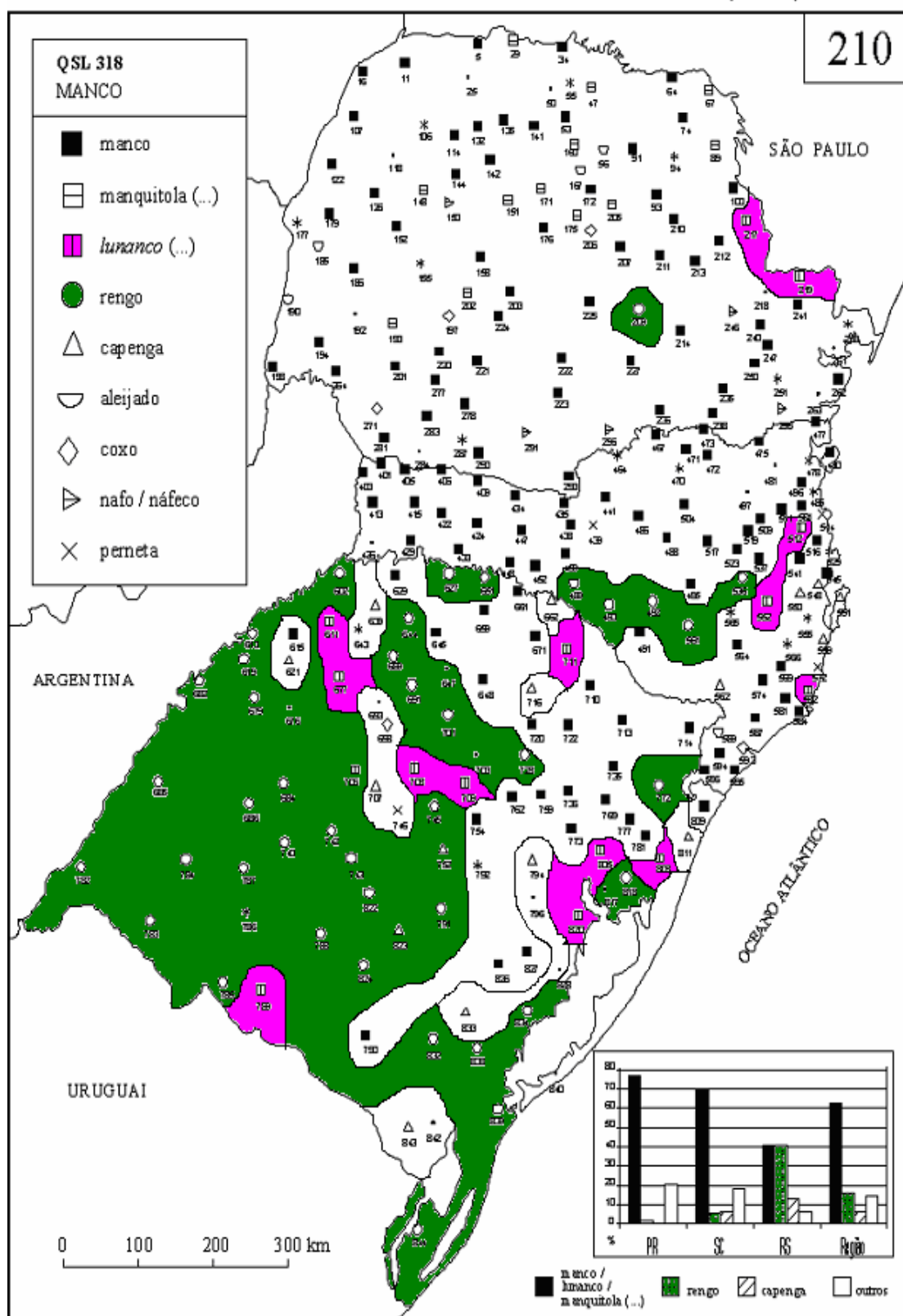


Figura 15 – Mapa correspondente ao item 318 do QSL – Manco.  
Variantes hispânicas: Rengo, lunanco.

Braun (1998) afirma que *rengo* diz respeito ao sentido da perna, quando o posterior vai rengueando. Quando é da frente é mancando, si se trata de animal. Gente que caminha mal é *renga* ou *manca* por igual. Relacionada a isso o autor cita um provérbio usado muito a preceito se alguém simula um defeito fazendo-se *chancho rengo*.

Já para *lonanco*, o autor assegura que é o nome dado ao cavalarião, potrilho, cavalo ou potro, com um quarto mais baixo que outro, geralmente destroncado, às vezes o ser pealado, às vezes numa rodada. Mas que não impede em nada que pingo ande ou corra. Para o autor, é o mesmo *lunanco* do vocábulo castelhano e cita “Fui galopar um bagual / potro alazão – labareda. / Que estampa! A crina uma seda! / Daria um flete de branco. / – Plancou-se... E, no levantar, que pena! Com a perna no ar! / meu lindo potro... *Lonanco*.” (AURELIANO apud BRAUN, 1998, p. 220).

O autor faz ainda outra citação: “Crie junto ao seu olhar / potranca pra o seu andar / e estará bem montado. / Não pegue qualquer potranca / pois le pode dar ‘*lunanca*’ / cheia de manha e de ‘lado’” (IBARRA apud BRAUN, 1998, p. 221).

Nunes & Nunes (2003) conceituam *rengo* da mesma forma que Braun (1998), porém mencionam que o termo pode ser usado para dizer do animal ou da pessoa que manqueja de uma das pernas.

Os autores citam uma expressão muito usada nos campos gaúchos *rengo que nem cusco*<sup>26</sup> *velho em dia de geadas* e a explica contando que sempre que cai geadas os cachorros de idade sofrem e, parece, o reumatismo os castiga, deixando-os rengos, capenguando e, por isso, diz-se das pessoas ou animais que claudicam ao caminhar, e, também, das que precisam de auxílio sempre que desejam fazer alguma coisa melhor.

O termo *lunanco* é relacionado, pelos autores, ao cavalo que tem um quarto mais baixo do que o outro, porém, podendo ser aplicado também a pessoas.

Já Oliveira (2005) diferencia *manco* de *rengo*, pois este diz-se do cavalo que claudica de uma pata traseira. Diferentemente de *manco*, que é o animal que claudica de uma pata dianteira.

Obaldía (2006) traz ainda outra expressão *renguear de la otra pata* que é o mesmo que ser rival em pensamento político ou afeição desportiva.

Como vimos acima, parece que estamos diante de mais duas palavras usadas para nomear uma qualidade destinada a animais, mas usadas também para adjetivar pessoas, ou

---

<sup>26</sup> Entenda-se por cusco o cachorro.



seja, segue e hipótese de que a atividade constante com animais na Região Sul faz com que os termos sejam generalizados e aplicáveis aos seres humanos.

#### 4.1.12 Guampudo

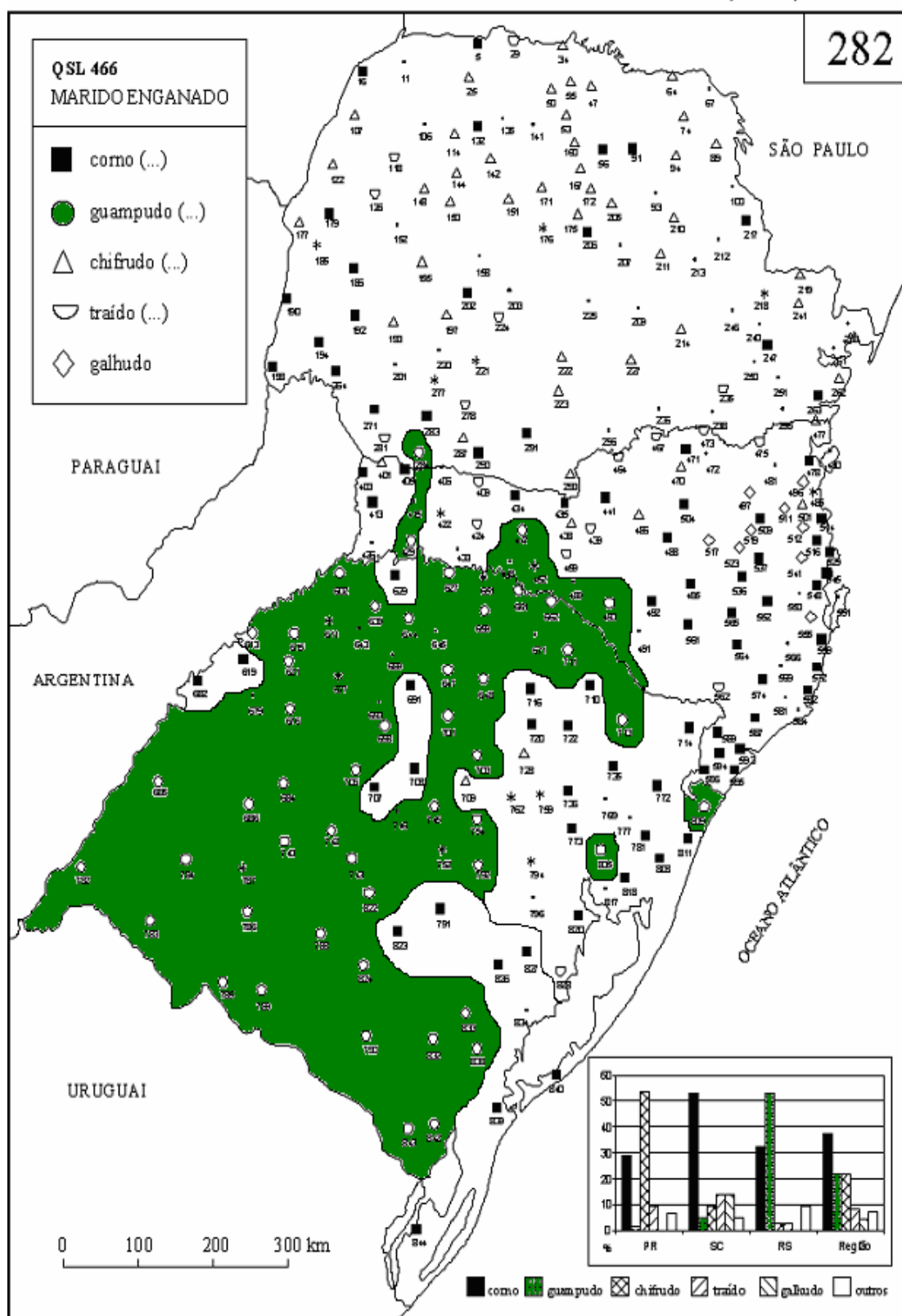
Com a intenção de levantar variantes lexicais usadas para designar *marido enganado*, o ALERS fez a seguinte pergunta: *(Como se chama) O marido que a mulher passa pra trás com outro homem?*

Os resultados podem ser visualizados na figura 16, que corresponde ao mapa 282 do ALERS e ao item 466 do QSL.

Como pode ser averiguado no mapa da figura 16, a palavra predominante na Região Sul é *cornu*, que corresponde a quase 40% das respostas em toda a Região, distribuindo-se irregularmente no Paraná, na região Leste de Santa Catarina e Leste do Rio Grande do Sul. O segundo termo mais mencionado é *chifrudo*, porém este se restringe ao Paraná e alguns poucos pontos em SC e RS. No entanto, na maior parte do RS é registrada a variante *guampudo*, representando mais de 50% das respostas ao QSL do ALERS, com distribuição em toda a faixa fronteiriça Sul e Oeste do Estado, atingindo também o Centro e se expandindo em direção ao Oeste de SC e, como era de se esperar, esse termo está disseminado praticamente na mesma área em que são usados os termos *guampa* e *aspa* para nomear *chifre*, conforme relatado no item 4.1.7. Em outras palavras, quem tem em seu vocabulário os termos *guampa* e *aspa* para denominar os *chifres* do animal, também usa *guampudo* para denominar *homem traído pela mulher*, igualmente, quem usa a palavra *chifre* pra denominar os *chifres* do animal, usa a palavra *chifrudo* para designar *homem traído pela mulher*. No entanto, os falantes que usam o termo *aspa* não formam o adjetivo *aspudo* como poderia ser esperado.

O DRAE não trata diretamente desse termo, mas, provavelmente ele é derivado de *guampa* do quechua *wákkhra*, que, na área rural da Argentina e do Uruguai, tem o sentido de *cornu* (prolongação óssea) e, coloquialmente com o sentido de *cornu* (infidelidade matrimonial), mais usado na expressão *Meter guampas*, ou seja, trair.

## ATLAS LINGÜÍSTICO-ETNOGRÁFICO DA REGIÃO SUL DO BRASIL (ALERS)



**Figura 16** – Mapa correspondente ao item 466 do QSL – Marido enganado. Variante hispânica: Guampudo.

O Aurélio registra o termo *guampudo* como vindo de *guampa* + *-udo* e como sendo um brasileirismo usado no Rio Grande do Sul para adjetivar *grandes chifres*, ou então, no sentido figurado de corno (marido de mulher adúltera, chifrudo, galhudo, guampudo, aspudo).

Nunes & Nunes (2003) mantêm os mesmos conceitos já relatados, ou seja, *guampudo* é a qualidade de quem tem grandes chifres, chifrudo, e diz-se, também, do homem cuja mulher lhe é infiel. Os autores trazem a palavra *guampear* que remete ao ato de laçar o animal pelas guampas, ou então agredir o vacum com as guampas ou chifres, além de ser usado no sentido de ser infiel, a mulher, ao homem com quem vive.

#### 4.1.13 Bolita

Com o objetivo de levantar variantes lexicais usadas para designar *bolinha de gude*, o ALERS fez a seguinte pergunta: *As coisinhas redondas de vidro com que os meninos gostam de brincar?*

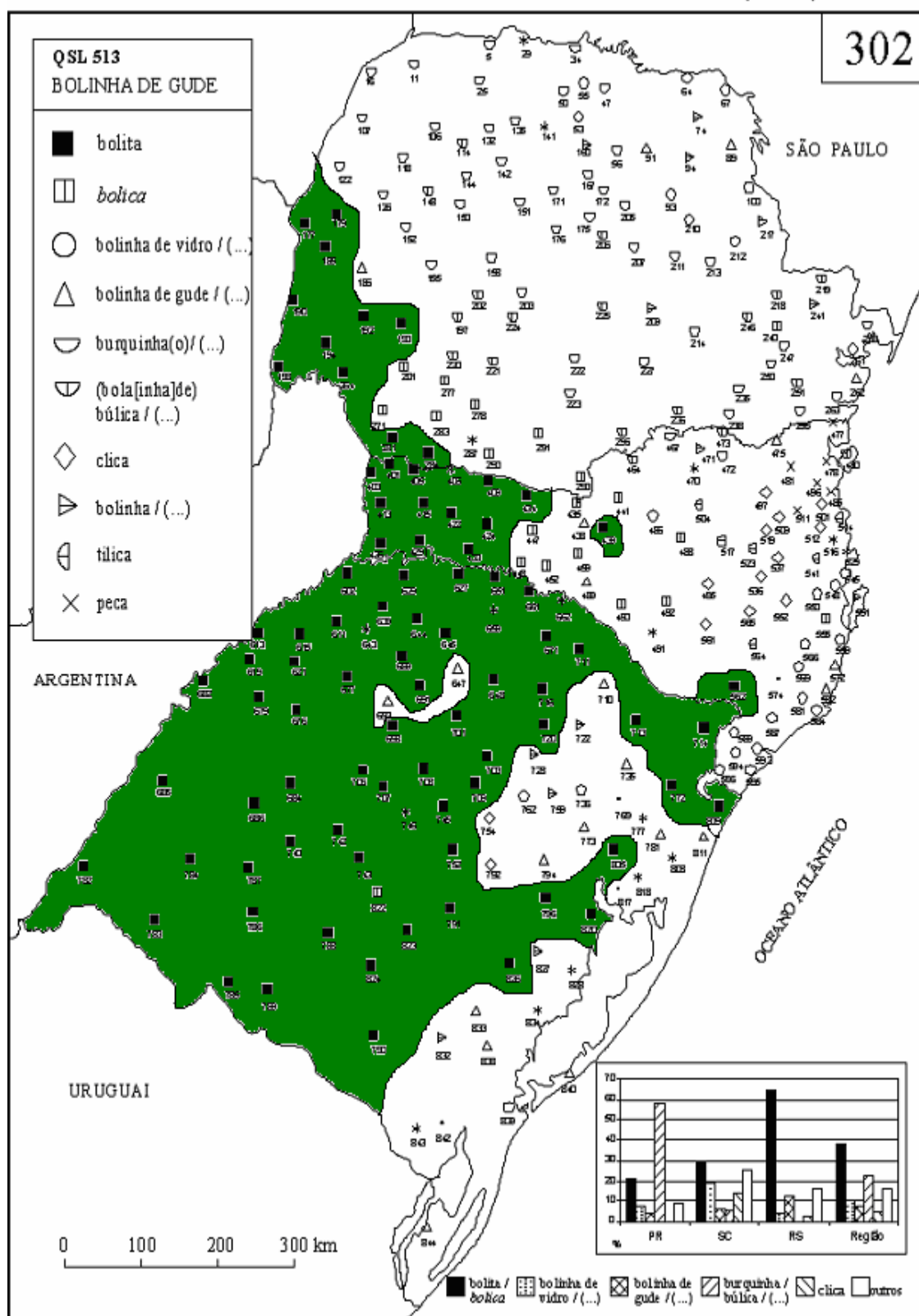
Os resultados podem ser visualizados na figura 17, que corresponde ao mapa 302 do ALERS e ao item 513 do QSL.

Como pode ser constatado no mapa da figura 17, a palavra que se destaca na Região Sul é *bolita*, porém bem arealizada, abrangendo a região Centro-oeste do Rio Grande do Sul, Oeste de Santa Catarina e Oeste do Paraná, seguida pela variante *burquinha (o)*, que está mais restrita ao Norte e Leste do Paraná e as variantes *bolinha de vidro* e *clica*, esta restrita à região do Vale do Itajaí em Santa Catarina e a primeira abrangendo o Sul e Leste do Estado com algumas ocorrências o norte do Paraná. No entanto, na maior parte do RS a variante predominante é *bolita*, representando mais de 60% das respostas ao QSL do ALERS e concorrendo com poucas ocorrências de *bolinha de gude* na região litorânea e serrana.

Para o DRAE a palavra *bolita* (na Argentina chamado de *canica*) vem do francês dialetal *canique*, e este do neerlandês *knikker*, derivado do verbo *knikken* ou *knicken* que quer dizer romper ou quebrar e que, hoje, diz-se de um jogo das crianças que se faz com bolas pequenas de barro, vidro ou outra matéria dura.

Para o Aurélio, *bolita* vem do espanhol platino *bolita*, considerado como um brasileirismo do Rio Grande do Sul onde significa gude (jogo infantil em que se procura fazer entrar em três buracos bolinhas de vidro, ou os carocinhos pretos do fruto do saboeiro, ganhando o jogador que chega primeiramente de volta ao primeiro buraco).

## ATLAS LINGÜÍSTICO-ETNOGRÁFICO DA REGIÃO SUL DO BRASIL (ALERS)



**Figura 17** – Mapa correspondente ao item 513 do QSL – Bolinha de gude.  
Variante hispânica: Bolita.

Garcia (1953) propõe que *bolita* é simplesmente o diminutivo de bola em espanhol, e que, na América (Argentina) pode significar tatu ou bola de gude.

Nunes & Nunes (2003) sugerem que *bolita* ou *bolica* são sinônimas e remetem a uma pequena bola de vidro ou de ágata com que os meninos jogam, além de ser também o nome do jogo feito com essas bolas.

Nosso Informante argentino acrescenta que no Rio da Prata, *bolita*, além de ser o jogo infantil já mencionado é também é chamado o nascido na Bolívia.

#### 4.1.14 Bodoque

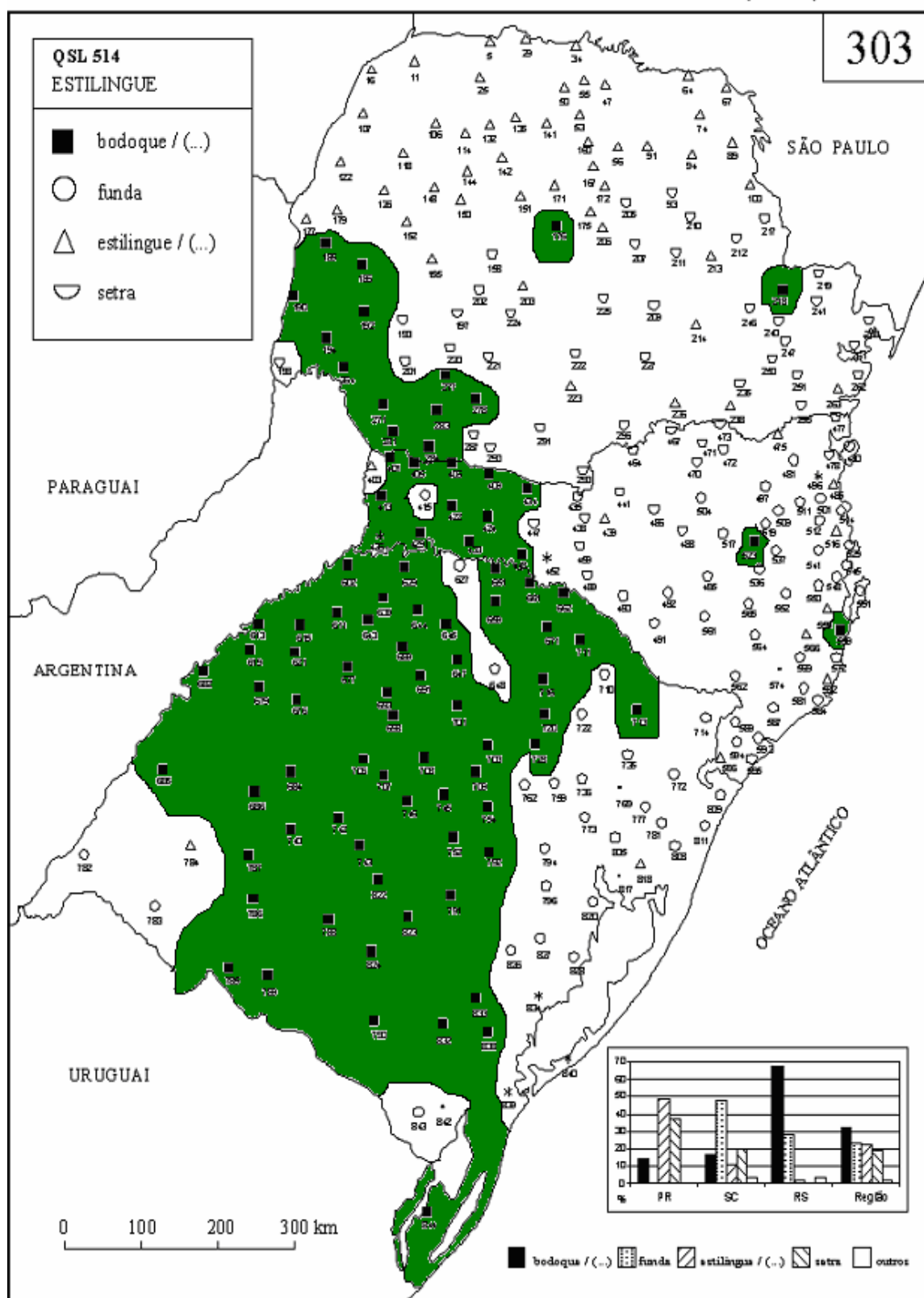
Com a intenção de levantar variantes lexicais usadas para designar *estilingue*, o ALERS fez a seguinte pergunta: *O brinquedo feito de uma forquilha e duas tiras de borracha?*

Os resultados podem ser visualizados na figura 18, que corresponde ao mapa 303 do ALERS e ao item 514 do QSL.

Como pode ser examinado no mapa da figura 18, a variante que se sobressai na Região Sul é *bodoque*, que corresponde a pouco mais de 30% das respostas em toda a Região, distribuindo-se predominantemente em todo o Centro, Sul, Oeste e Norte do Rio Grande do Sul, Oeste de Santa Catarina e Oeste do Paraná. Essa variante concorre com a variante lusa *funda* usada em toda a região litorânea do RS e de SC (representando mais de 20% das respostas em toda a Região Sul), com *setra* usada na região Central de SC e no Centro e Leste do PR e com *estilingue* do inglês *sling* usada mais ao Norte do PR.

Como podemos visualizar na figura 18, a distribuição geográfica de *bodoque* coincide com a arealização de *bolita*, como foi tratado no item 4.1.12, ou seja, seriam dois espanholismos que nomeiam brincadeiras infantis que teriam se disseminado no mesmo espaço geográfico e, provavelmente, pelos mesmos indivíduos, os quais podem ser os tropeiros, no século passado, ou os próprios migrantes gaúchos no processo de ocupação do Oeste de SC e PR, rumo aos Estados do MS.

## ATLAS LINGÜÍSTICO-ETNOGRÁFICO DA REGIÃO SUL DO BRASIL (ALERS)



**Figura 18** – Mapa correspondente ao item 514 do QSL – Estilingue.  
Variante hispânica: Bodoque.

Quanto à origem da palavra *bodoque*, o DRAE considera como sendo do árabe hispânico *búnduq* (*avelãs*), este do árabe clássico *bunduq*, e este do grego *κορυον ποντικον* (noz pontiaguda) que significa bola ou bolinha de barro feita em turquesa e endurecida ao ar, como uma bala de mosquete, a qual servia para atirar com uma arma artesanal “ballesta” (arma formada por um arco, uma corda e um mecanismo que serve para lançar flechas de bодоques. Coloquialmente a palavra é usada para caracterizar uma pessoa de curtos alcances, ou seja, uma relação ao curto alcance da arma (o bodoque).

O Aurélio se refere ao *bodoque* como sendo do grego *pontikón* e *pontikón Káryon* que significa noz do ponto, avelã, atribuído ao árabe *bunduq* (avelã), e aponta como um brasileirismo que se usa para designar um arco para atirar bolas de barro endurecidas ao fogo, pedrinhas etc. ou, também, qualquer dessas bolas, é sinônimo de atiradeira.

Para Garcia (1953), *bodoque* é o nome da bola que se atirava com a besta e, também, na linguagem figurada significa pessoa ignorante.

Braun (1998) descreve *bodoque* como um brinquedo e arma do piazado de bombachas, o qual é formado por duas tiras de borracha presas a um couro sovado, numa ponta e do outro lado à forquilha de madeira e, de acordo com o autor, dá uma pedrada certa se bem espichado.

Sobre a feitura do *bodoque* o autor cita uma passagem do poeta tradicionalista Glaucus Saraiva:

Depois – um par de borrachas / macias e emparelhadas, / forquilha bem aparada, / de pitangueira ou camboim, / mais um courinho e – por fim, / estava pronto o *bodoque* / para completar o estoque / de espada – trabuco – e lança, / para o caudilho criança / que havia dentro de mim. (SARAIVA apud BRAUN, 1998, p. 62).

Para Nunes & Nunes (2003), *bodoque* é simplesmente um arco que atira pedras em vez de flechas. Já para Oliveira (2005), *bodoque* é o nome de uma forquilha de madeira ou de metal, munida de elástico, com que se atiram pequenas pedras, e usada geralmente por crianças para matar passarinhos. É conhecido também por atiradeira e estilingue.

Como se vê, *bodoque* tem dois sentidos, um tradicional e outro regional. O primeiro corresponde ao sentido descrito pelo Dicionário Aurélio, isto é, “arco para atirar bolas de barro”; o segundo, em resposta à pergunta do ALERS, em extensa área do Sul do Brasil, ao longo das fronteiras com os países hispânicos, significa *estilingue* ou *funda*, com o qual se atira bolas de barro ou pequenas pedras, por meio de um instrumento feito de forquilha, tiras de borracha e um pedaço de couro, onde se acomoda a pelota (bola ou pedra) que será lançada

em direção de um objeto ou animal. Geralmente, na área rural, os meninos usam o *bodoque* para matar passarinhos ou ainda, com bolinhas de mamona, para atirar um contra o outro.

#### 4.1.15 Pandorga, pandolga, bandorga

Com a finalidade de levantar variantes lexicais usadas para designar *papagaio de papel*, fez-se a seguinte pergunta: *(Como se chama) O brinquedo feito de varetas cobertas de papel que se empina no vento por meio de uma linha?*

Os resultados podem ser visualizados na figura 19, que corresponde ao mapa 304 do ALERS e ao item 515 do QSL.

Como pode ser verificado no mapa da figura 19, a palavra que se sobressai na Região Sul é *pandorga*, o que, juntamente com as variantes fonéticas *pandolga* e *bandorga*, corresponde a mais de 50% das respostas em toda a Região Sul, distribuindo-se predominantemente em todo o Rio Grande do Sul, Leste e pontos no Centro e Oeste de Santa Catarina e em alguns poucos pontos no Oeste do Paraná.

No entanto, no RS as três variantes (*pandorga*, *pandolga* e *bandorga*) somam 90% das respostas, co-ocorrendo com poucas ocorrências das variantes *pipa* e *papagaio* em alguns pontos do Norte e Leste do Estado.

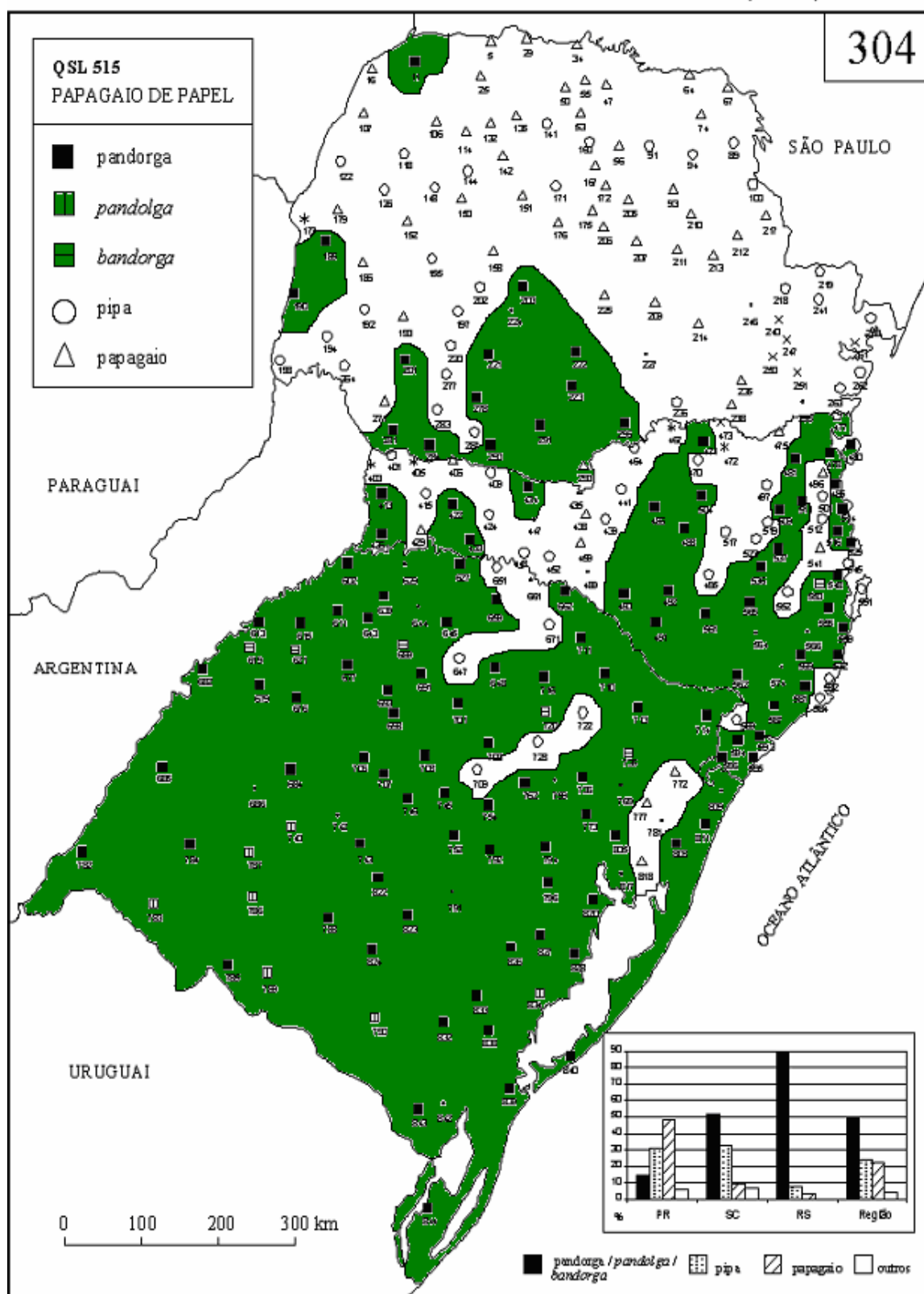
Quanto a origem da palavra, o DRAE sugere que *pandorga* seja do latim *pandurīca* e este de *pandūra* (espécie de alaúde), que, em algumas acepções, se confunde com *andorga* (ventre, cavidade no corpo de animais vertebrados), mas diz-se também de um *cometa* (*pipa*, *papagaio*) que sobe ao ar.

Já o Aurélio admite que *pandorga* venha do espanhol *pandorga*, que se usa para designar uma música desafinada e sem compasso, ou então uma mulher muito gorda, obesa, pantufa. Além disso, é um brasileirismo que pode significar tolo ou o mesmo que *papagaio* por ex., “O céu povoado de inquietas *pandorgas*. Outros meninos erguem-nas, o dia inteiro” (LINS apud AURÉLIO, 1986, p. 1256).

Obaldía (2006) afirma que *pandorga* é o mesmo que *cometa*, o qual se define como um brinquedo construído com galhos e tecido ou papéis especiais, que se monta amarrando um fio e aproveitando o vento, e pode tratar-se como brasileirismo.



## ATLAS LINGÜÍSTICO-ETNOGRÁFICO DA REGIÃO SUL DO BRASIL (ALERS)



**Figura 19** – Mapa correspondente ao item 515 do QSL – Papagaio de papel. Variantes hispânicas: Pandorga, pandolga, bandorga.

Nunes & Nunes (2003) descrevem a *pandorga* como sendo um papagaio feito de papel e, ao mesmo tempo, como um adjetivo dado a uma pessoa pateta, tola, toleirão, atoleimada, ingênuo, boba, mole, sem vivacidade. Vejamos um exemplo da primeira acepção:

Oh! Aquela pandorga, Waldemar. / Viajei com ela para a infância. / O meu quintal surgiu ensolarado. / E com ele menino dos cavalinhos de pau, / dos laços de cipó, / das pandorgas coloridas, / dos barcos de papel / que fugiam na água das sarjetas... / – Não posso ver uma pandorga, / sem chorar!” (RIPOLL apud NUNES & NUNES, 2003, p. 348).

Oliveira (2005) descreve mais detalhadamente como é feita a *pandorga*, ou seja, é o brinquedo que consiste em uma armação de varetas de bambu, ou de madeira leve, coberta de papel fino, e que, por meio de uma linha, se empina, mantendo-se no ar. É o mesmo que *pipa* ou *papagaio*.

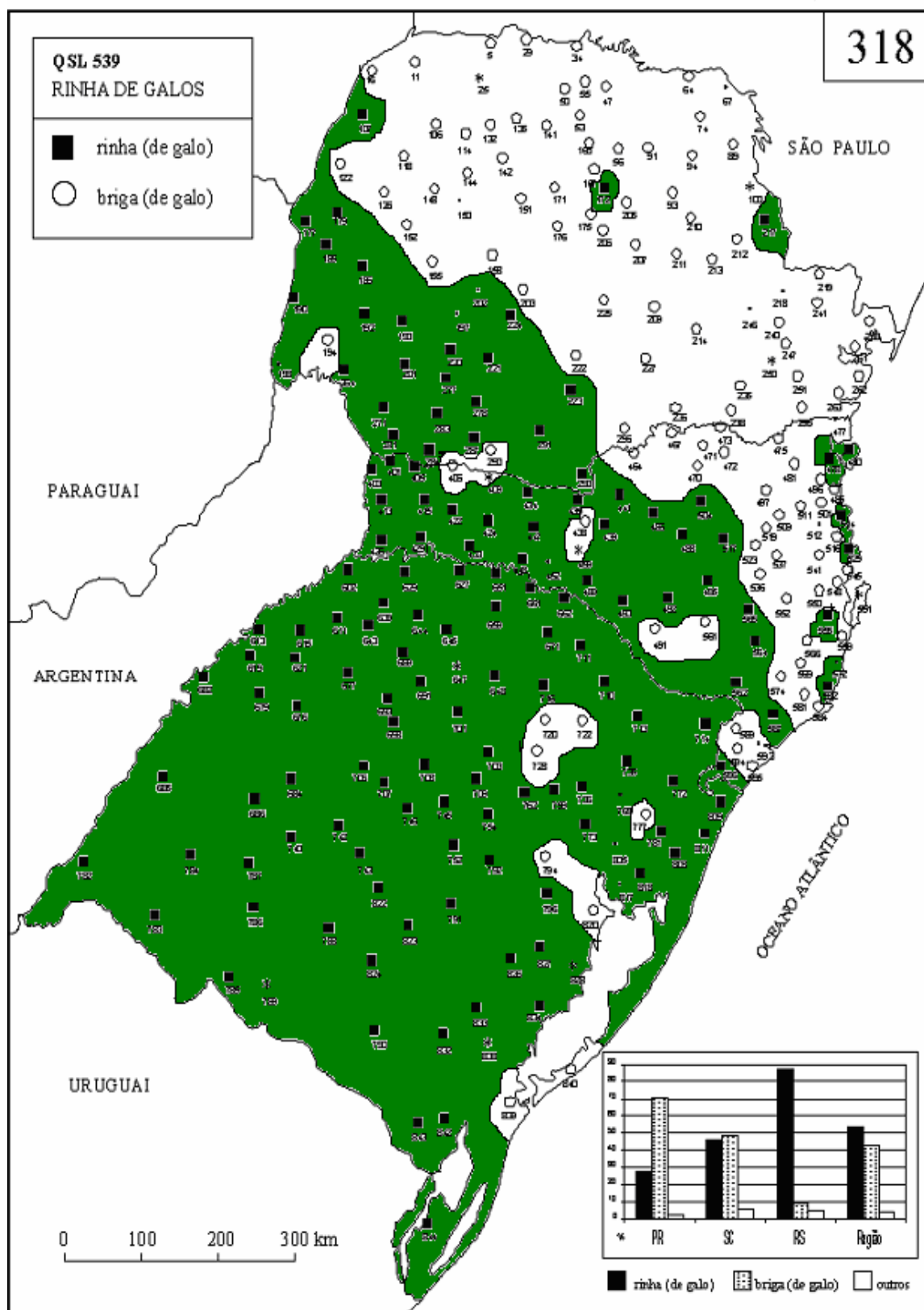
O autor cita também uma palavra relacionada ao termo, *pandorgueiro*, que nomeia aquele que solta ou faz pandorga. Já Garcia (1953) cita o termo *pandorguear*, que na América Mexicana significa chacotear, trocar, zombar.

#### **4.1.16 Rinha de galo**

Com o objetivo de levantar variantes lexicais usadas para designar *rinha de galos*, o ALERS fez a seguinte pergunta: *Quando se colocam dois galos numa roda e se faz com que eles se ataquem, isso é uma...?*

Os resultados podem ser visualizados na figura 20, que corresponde ao mapa 318 do ALERS e ao item 539 do QSL.

## ATLAS LINGÜÍSTICO-ETNOGRÁFICO DA REGIÃO SUL DO BRASIL (ALERS)



**Figura 20** – Mapa correspondente ao item 539 do QSL – Rinha de galos.  
Variante hispânica: Rinha de Galos.

Como pode ser averiguado no mapa da figura 20, existem apenas duas variantes na Região Sul para designar a briga de galos. São elas: *rinha* e *briga*, as quais estão diatopicamente bem distribuídas, fazendo um movimento de baixo para cima em um sentido Sul-Oeste e outro movimento de cima para baixo em um sentido Norte-Leste. Sendo assim, a variante predominante no Rio Grande do Sul é *rinha de galos*, perfazendo quase 90% das respostas obtidas pelo QSL. Já no Paraná, a variante predominante é *briga de galos*, somando mais de 70% do total das respostas. Santa Catarina está dividida entre as duas variantes com 45% das respostas para *rinha de galos* e por volta de 48% das respostas para *briga de galos*. Esse cenário confirma as hipóteses das fotografias lingüísticas de Altenhofen (2002) mencionadas no Cap. II, que Santa Catarina se configura como um Estado de transição lingüística.

Quanto à origem, como o DRAE não traz palavras compostas, não consta *rinha de galo*, apenas *riña* que, para a Real Academia, é uma pendência, questão ou quimera. Já o Aurélio traz *rinha* como sendo do espanhol platino *riña* (de galos) e um brasileirismo que significa tanto a briga de galos como o lugar onde se promovem brigas de galos, também chamado de renhideiro, rinhadeiro, rinhedeiro. Por extensão *rinha* significa briga, peleja, luta.

Braun (1998) descreve *rinha de galo* como uma peleia ou briga de galo largamente conhecida e cita a quadra popular que diz: “Há muita plata investida ao redor de um rinhedeiro. Os homens jogam dinheiro e os galos jogam a vida” (BRAUN, 1998, p. 195). O autor faz ainda um poema tradicionalista relacionado a essa prática:

Valente galo de briga / guasca vestido de penas, / quando arrastas as  
chilenas / no tambor do rinhedeiro / no teu ímpeto guerreiro / vejo um  
gaúcho avançando / ensangüentado, peleando, / no calor do entreveiro. /...  
Deus te deu como ao gaúcho / que jamais dobra o penacho / essa altivez de  
índio macho / que ostentas á quando pinto, / a diferença que sinto / é que o  
guasca – bem ou mal, / só luta por um ideal / e tu brigas por instinto.”  
(BRAUN, 1998, p. 295-296).

O autor cita também um poema em espanhol de D. Viscacha: “Vos sos pollo y te convienen / toditas estas razones: mis consejos y lecciones / no echas nunca em el olvido: / en las *riñas* he aprendido / a no peliar sin puyones.” (VISCACHA apud BRAUN, 1998, p. 296)

Braun descreve como se preparam os galos e se organizam as rinhãs:

Se aposta, também, dinheiro. Depois de “calçar as puas”, de aço ou prata, cada duas, um par, para o galo frenteiro, ou para o galo caneleiro, para o preto, para o colorado, para o batata, para o pintado, para o zaino, osco ou gallino, ou para qualquer galo fino seja tordilho ou prateado. Galo que é

bem cuidado pelo seu compositor, se tem raça, é peleador, traz um prazer redobrado. O jogo é franco e honrado, basta a palavra, no mais, e aquelas falas normais depois que se diz: é *rinha*. Quem não conhece, adivinha todo aquele falatório, todo aquele repertório – de galo – não de galinha... O batoque e a biqueira, as gaiolas, passeadores, compositor, corredores, e a nomenclatura inteira, da linguagem *rinhedeira*: saltador, que pega e larga frente ao rival, numa carga; saidor briga correndo, voltando e se defendendo; plumeador, bica pateando; tirador, atropelando... que bica, atira e pateia, tudo é forma de peleia; revô é tiro no ar, atirado, sem bicar; baralhador que abaralha e o tiro do outro falha; mascador, o que mastiga e não atira na briga; rebatedor, o que mira, sem pegar nada e atira num balaço à moda antiga! Pra remate que se diga que o rinhedeiro é o tambor que mamador é mascador já no tempo da vovó, que batará é o carijó, cochincho o galo ordinário e nesse vocabulário da nossa indiada pachola, o suro é o galo sem cola e falar mais eu nem posso, em regime como o nosso: - cada qual na sua gaiola. (BRAUN, 1998, p. 297-298).

Nunes & Nunes (2003) trazem alguns termos relacionados à *rinha de galo* como *rinhador* (o galo preparado para rinhas e, também, do indivíduo que gosta de brigar ou que anda sempre metido em brigas), *rinhar* (fazer rinha de galos, brigarem os galos, brigarem, disputarem, pelejarem, contenderem as pessoas) e *rinhedeiro* e *rinhadeiro* (lugar onde se fazem as rinhas de galo. O mesmo que *renhideiro*).

#### 4.1.17 Carreira

Com a intenção de levantar variantes lexicais usadas para designar *corrida de cavalos*, o ALERS fez a seguinte pergunta: *Quando dois ou mais cavalos disputam numa reta para ver qual é o mais rápido?*

Os resultados podem ser visualizados na figura 21, que corresponde ao mapa 320 do ALERS e ao item 541.a do QSL.

Como pode ser constatado no mapa da figura 21, a palavra que se destaca na Região Sul é *carreira*, correspondendo a mais de 50% das respostas, distribuindo-se predominantemente em todo o Rio Grande do Sul, no Oeste e Centro de Santa Catarina e no Oeste do Paraná.

No RS, o termo *carreira* compreende quase 90% das respostas ao QSL, enquanto em Santa Catarina é de 40% (concorrendo com 40% das respostas para *corrida*) e, no Paraná, *carreira* abarca pouco mais de 10% das respostas. Neste Estado, a variante predominante é *corrida de cavalos*, que se distribui em todo o Norte e Leste do PR e também no Leste de SC.

## ATLAS LINGÜÍSTICO-ETNOGRÁFICO DA REGIÃO SUL DO BRASIL (ALERS)

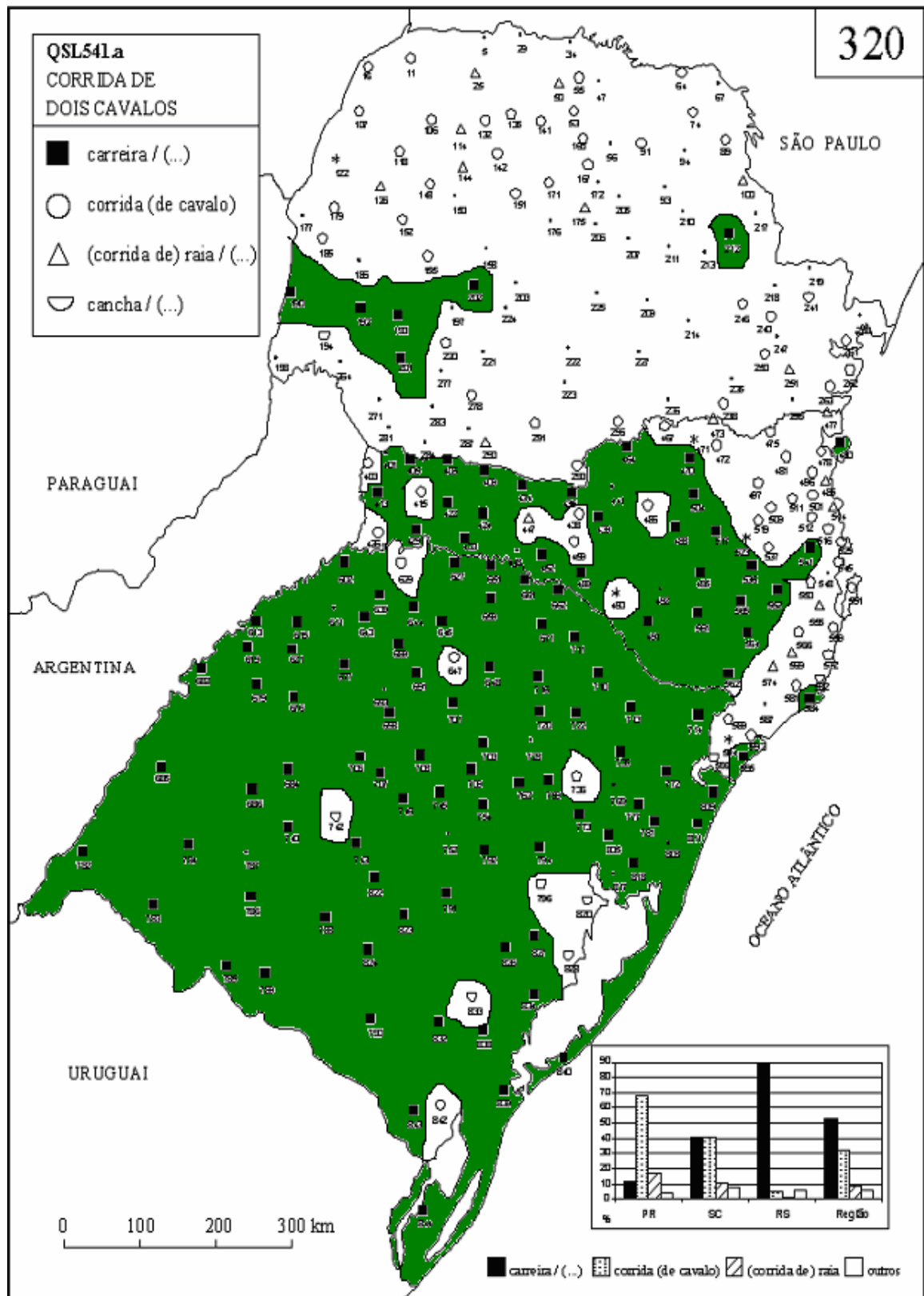


Figura 21 – Mapa correspondente ao item 541.a do QSL – Corrida de dois cavalos. Variante hispânica: Carreira de cavalos.

Para o DRAE, *carrera* vem do latim *carrariā*, de *carrus* (carro). Ação de correr, tanto para pessoas como para animais, ou então um certo espaço para corrida.

Para o Aurélio, *carrera* vem do latim vulgar *carraria* ou *via carraria* (caminho de carro) que expressa corrida veloz ou correria. No turfe é o mesmo que páreo. É considerado um brasileirismo que pode significar rua que abre espaço regular entre duas fileiras de plantação de milho. Na Bahia, significa corredeira e no Rio Grande do Sul *carreiramento*

De acordo com Nunes & Nunes (2003), *carreira* é o nome dado a uma corrida de cavalos, em cancha reta. Mas quando participam da carreira mais de dois pares, esta toma o nome de Penca ou Califórnia. É o mesmo que carreiramento ou carreirada.

[...] – Eu só gosto de carreira em cancha reta. / Muito mais divertido. / Ele se recorda bem e, depois, o Horácio e o Clementino falam muito nessas carreiras. Sempre saem brigas. O Horácio conheceu um sujeito muito esperto, que armava botequim numa barraca ao lado do cancha. A barraca, bebidas, copos iam numa carroça, puxada por um cavalinho de pêlo pelado aqui e ali. Depois das corridas principais, atam-se carreiras menores. O sujeito sempre achava quem quisesse correr com o seu matungo de pêlo pelado. Quantas corresse, quantas ganhava: o espertalhão disfarçara em matungo puxador de carroça um parceiro...” (MACHADO apud NUNES & NUNES, 2003, p. 97-98).

Oliveira (2005) menciona algumas palavras e expressões ligadas à prática da *carreira* como: 1) *carreira de mau jogo* é a carreira na qual os competidores procuram prejudicar um ao outro com manobras sujas, tais como puxando na cola do cavalo adversário, tentando desequilibrá-lo ou tirá-lo do trilho; 2) *Carreira de um cavalo só* é a corrida ganha com muita facilidade; 3) *Carreira encardida* é a corrida difícil de antecipar o resultado devido ao fato de que os cavalos são mesmo nível; 4) *Carreira grande* é a principal corrida de uma carreirada; 5) *Carreirada* é o nome dado à reunião para a realização de corridas de cavalos e 6) *Carreirista* é a pessoa que frequenta ou aprecia corridas de cavalos.

#### 4.1.18 Jogo de /da tava

Com a intenção de levantar variantes lexicais usadas para designar *jogo do osso*, o ALERS fez a seguinte pergunta: *O jogo em que se atira um osso para ver quem tem sorte?*

Os resultados podem ser visualizados na figura 22, que corresponde ao mapa 323 do ALERS e ao item 546 do QSL.

## ATLAS LINGÜÍSTICO-ETNOGRÁFICO DA REGIÃO SUL DO BRASIL (ALERS)

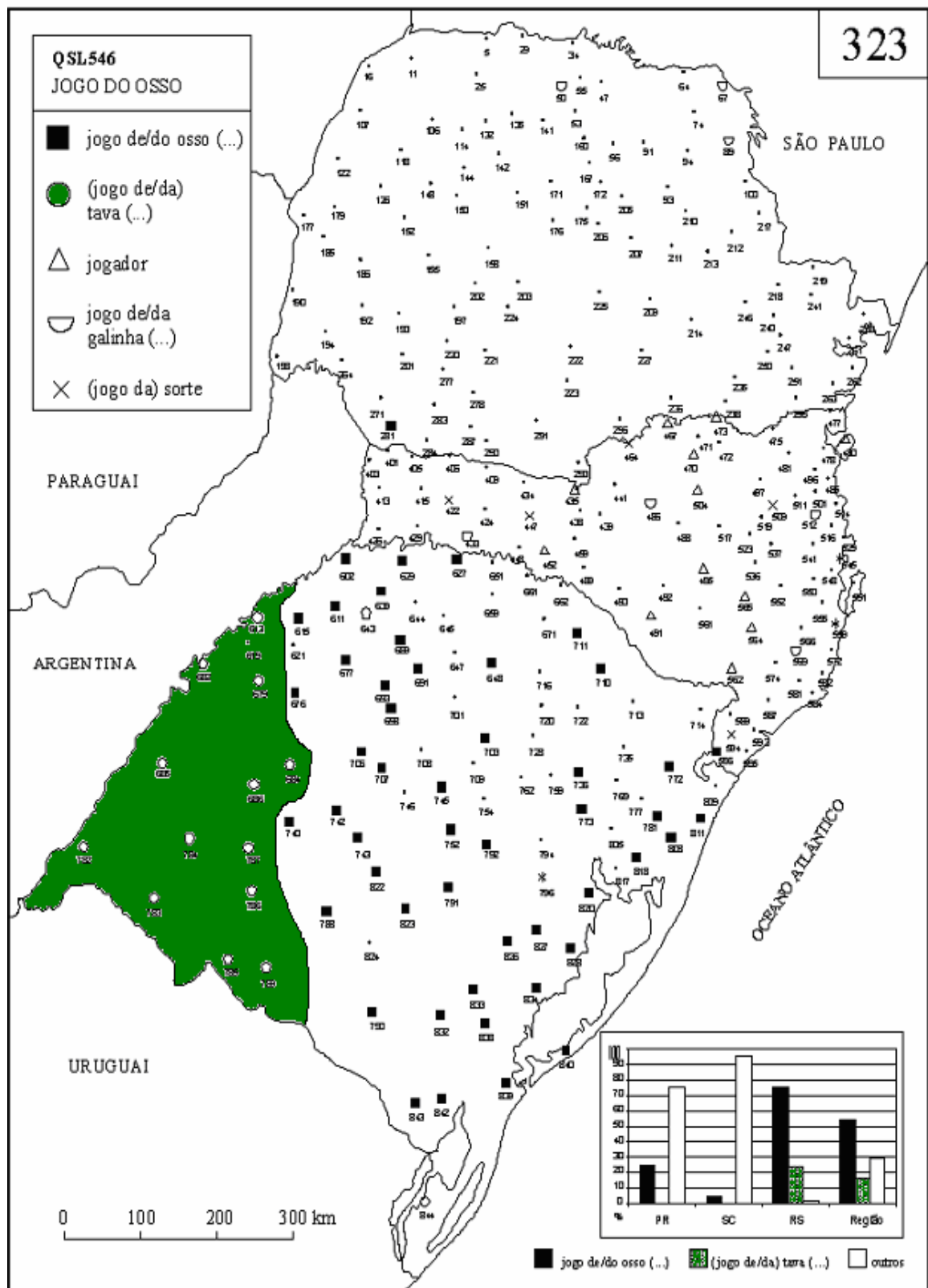


Figura 22 – Mapa correspondente ao item 546 do QSL – Jogo do osso.  
Variante hispânica: Jogo de/ da tava.



Como pode ser examinado no mapa da figura 22, a palavra que se destaca na Região Sul é *jogo do osso*, que corresponde a mais de 50% das respostas na Região, distribuindo-se principalmente no Centro e Leste do Rio Grande do Sul (embora haja muitas respostas prejudicadas neste e nos outros estados). Já em Santa Catarina as variantes mencionadas foram *jogador*, *jogo da sorte* e *jogo de/ da galinha*, variante esta constatada também em alguns pontos do Paraná.

No entanto, o que chama a atenção na configuração desse mapa é a distribuição das variantes *jogo de/ do osso* e *jogo de/ da tava* no espaço que delimita o Estado do RS, pois é possível traçar uma isoléxica clara que parte do extremo sul do Estado, em Santa Vitória do Palmar, e se desloca em direção ao Oeste do Estado, passando por Dom Pedrito, Santiago, São Luís Gonzaga até chegar ao Noroeste do Estado na cidade de Santo Augusto. Ou seja, a configuração do mapa da figura 22 é diatopicamente relevante para esta pesquisa, pois reforça a hipótese de que o contato com o espanhol intenso e efetivo nessa região do Estado do RS deixou marcas no português falado na zona rural nessa região.

Quanto à origem do termo, *jogo de/ da tava (taba)*, o DRAE sugere que *taba* é do árabe hispânico *ká'ba* e este do árabe clássico *ka'bah* que significa jogo em que se atira ao ar uma *taba* de carneiro, ou outro objeto similar, e se ganha ou se perde segundo a posição em que caia aquela.

O Aurélio considera *tava*, variante de *taba*, vindo do espanhol platino *taba*. Brasileirismo do Rio Grande do Sul que constitui o osso do jarrete da rês *vacum* e é ao mesmo tempo um jogo gaúcho, que consiste em se atirar ao ar o *tava* com um lado chato e outro redondo, vencendo aquele que fizer tombar a parte chata (*sorte*) para baixo.

Garcia (1953) afirma que *taba*, em espanhol, é o mesmo que *astrálogo* e também, o jogo do osso. Além disso o autor traz expressões como *menear taba* (na América, Argentina, quer dizer charlar, dar à trela) e *menear (uno) las tabas* (no sentido figurado significa andar com muita pressa).

Braun (1998) acrescenta ainda que *Jogo da tava* é o mesmo *Jogo de osso*, conhecido, em toda a vasta campanha. É o mesmo *jogo de tava*, ou *carnicol* em castelhano. E o autor prossegue

[...] trazido ao solo pampeano pelos andejos da Espanha, que o guasca, cheio de manha, agauchou com perícia dando mais arte e malícia no chão de nossa campanha. E o guasca o levou consigo às rudes *tabas* selvagens, onde os índios, personagens barbarescas deste chão, o fizeram diversão nas suas disputas brabas, Talvez daí o nome *tabas* dado ao osso do garrão. E o astrálogo da rês foi sendo chamado *taba* que o selvagem falquejava

desquinando cada lago, um deles bem achatado, outro com reintrância forte, é a *cara* chamada sorte e o *culo* é o lado aplainado (coroa). Consiste o jogo em lançar a *tava* no ar, girando, duas ou três voltas dando na direção da “raia” conforme o lado que caia o jogador perde ou ganha. É o jogo que, na campanha dá peleia a la gandaia. Houve um tal de João das Pedras, no meu pago Missioneiro, indiosito carpeteiro, mais feio do que um macaco, mas que na *tava* era taco. Que eu vi, num dia de olada, botar quarenta “clavada” dentro do mesmo buraco. (BRAUN, 1998, p. 206-207).

Nunes & Nunes (2003) confirmam a versão de Braun (1998) e acrescenta que o *Jogo da tava* é um jogo muito usado na fronteira, principalmente pela baixa camada social. O autor descreve ainda mais detalhadamente as regras e o espaço destinado ao jogo

Vancê sabe como se joga o osso? / Ansim: / Escolhe-se um chão parelho, nem duro, que faz saltar, nem mole, que acama, nem areento, que enterra o osso. / É sobre o firme macio que convém. A cancha com uma braça de largura, chega, e três de comprimento; no meio bota-se uma raia de piola, amarrada em duas estaquinhas ou mesmo um risco no chão, serve, de cada cabeça da cancha é que o jogador atira, sobre a raia do centro: este atira daqui pra lá, o outro atira de lá pra cá. / O osso é a *taba*, que é o osso do garrão da rês vacum. O jogo é só de *culo* ou *suerte*. / *Culo* é quando a *taba* cai com o lado arredondado pra baixo: quem atira assim perde logo a parada. *Suerte* é quando o lado chato fica embaixo: ganha logo e sempre. / Quer dizer: quem atira *culo* perde, se é *suerte* ganha logo e arrasta a parada. / Ao lado da raia do meio fica o *coimeiro* que é o sujeito depositário da parada e que a entrega logo ao ganhador. O coimeiro também é que tira o barato – para o pulpeiro. Quase sempre é algum aldragante velho e sem-vergonha, dizedor de graças. / É um jogo brabo, pois não é? / pois há gente que se amarra o dia inteiro nessa cachaça e parada a parada envida tudo: os bolivianos, os arreios, o cavalo, o poncho, as esporas. O facão nem a pistola, isso, sim, nenhum aficionado joga; os fala-verdade é que têm de garantir a retirada do perdedor sem debocheira dos ganhadores ... e, cuidado ... muito cuidado com o gaúcho que saiu da cancha do osso de marca quente!...” (LOPES NETO apud NUNES & NUNES, 2003, p. 253-254).

Vê-se nessas descrições que *jogo da tava/tabá* se refere a um jogo de gaúchos, os quais podem ser os homens do campo de qualquer país da América do Sul, pois vejamos o que dizem dois hispanofalantes sobre esse item: “a *taba* é um jogo de gaúchos, se usa um osso do joelho da vaca, se lança ao ar e deve cair em ‘cara ou coroa’” (Informante 1, argentino de Buenos Aires). *Jogo da tava* é o “jogo de gaúchos chilenos do sul, se joga com ossos de bois (Informante 2, chileno de Concepción).

Dessa forma, é perfeitamente compreensível que em quase toda a área do estado do Paraná e em algumas áreas de Santa Catarina e Norte do Rio Grande do Sul, esse item não

tenha sido registrado, ou seja, as pessoas que responderam ao inquérito do ALERS<sup>27</sup> não conhecem esse jogo e por isso não o nomearam. Trata-se então de uma palavra que representa uma cultura de um povo, de uma determinada região, que não é constatada em outro.

#### 4.1.19 Guisado

Com a intenção de levantar variantes lexicais usadas para designar *carne moída*, o ALERS fez a seguinte pergunta: *Como se chama a carne depois de passar na máquina?*

Os resultados podem ser visualizados na figura 23, que corresponde ao mapa 348 do ALERS e ao item 592 do QSL.

Como pode ser verificado na figura 23, o mapa do ALERS constatou somente duas variantes para designar a carne que é moída à máquina, *carne moída* e *guisado*, as quais formam uma área dialetalmente interessante, pois embora a variante *carne moída* predomine em todo o Estado do Paraná e Santa Catarina, compreendendo quase 90% das respostas em toda a Região Sul, ela se comporta de uma forma diferente no Rio Grande do Sul, sendo registrada em parte do Noroeste do Estado, do Centro e do Litoral. Já a variante *guisado*, que soma cerca de 35% das respostas no RS, ocupa um espaço considerável no extremo Sul do Estado, na fronteira com o Uruguai, se expandindo em direção ao Oeste até as cidades de São Borja e Três de Maio, além na Região Litorânea em municípios como Rio Grande e São José do Norte e também alguns poucos pontos no norte do Estado.

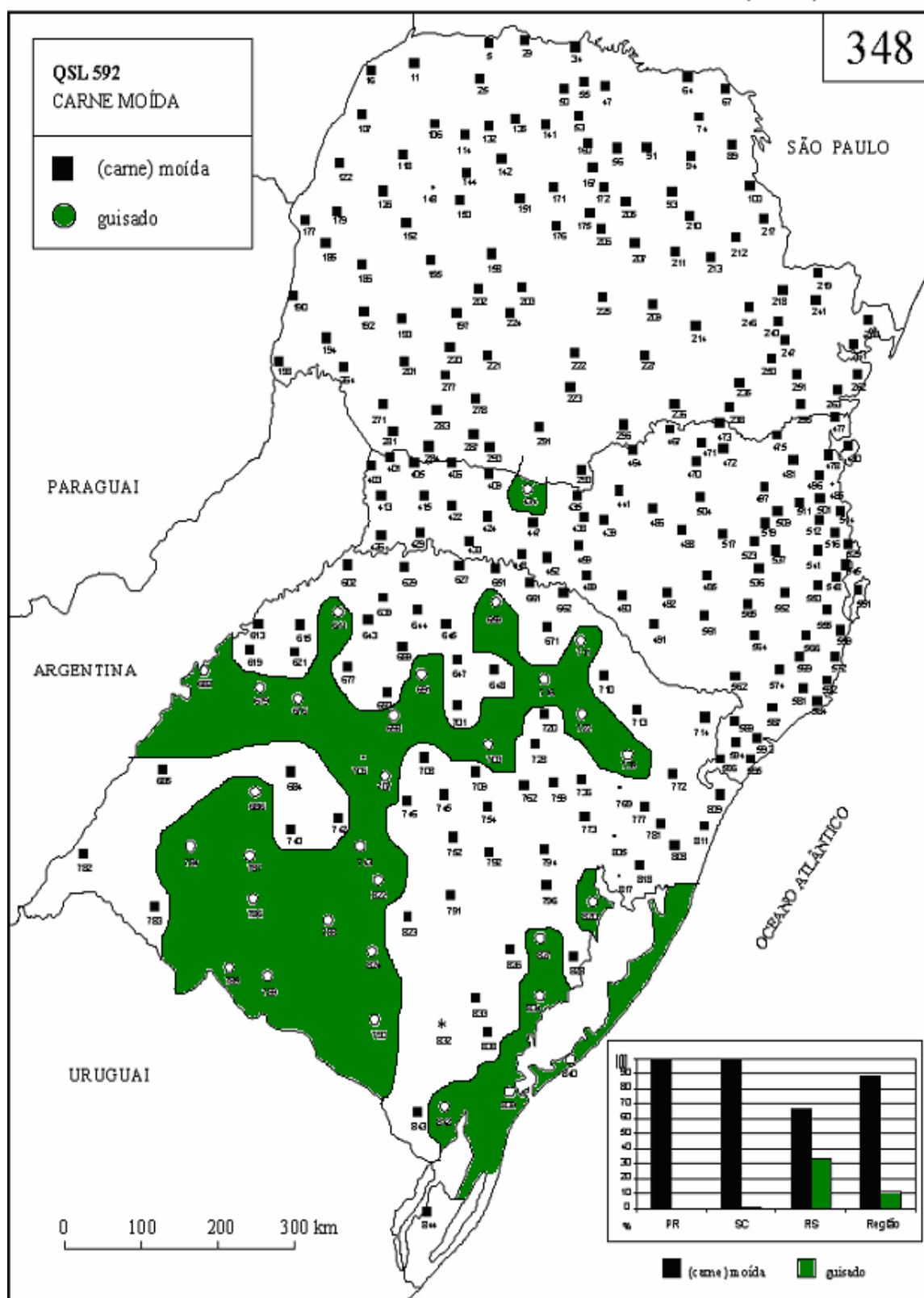
A hipótese é que a variante *guisado* tenha sido uma influência do espanhol que, segundo o DRAE, vem do verbo *guisar*, ou então o guiso preparado com molho, depois de refogado. Guiso de pedaços de carne, com molho e geralmente com batatas.

O Aurélio também considera *guisado* como o particípio substantivado de *guisar*, preparação culinária com refogado, ensopado, e um brasileirismo do Sul do Brasil que significa picadinho de carne fresca ou de charque. Ou seja, a mesma descrição feita por Nunes & Nunes (2003) e Oliveira (2005).

---

<sup>27</sup> O banco de dados do ALERS registra nos mapas as respostas prejudicadas ou não obtidas com um símbolo “•”, como pode ser verificado no mapa da figura 22.

## ATLAS LINGÜÍSTICO-ETNOGRÁFICO DA REGIÃO SUL DO BRASIL (ALERS)



**Figura 23** – Mapa correspondente ao item 592 do QSL – Carne moída.  
Variante hispânica: Guisado.

O que pode ter acontecido nessa região do Sul do Brasil é que, um termo que já era usado em espanhol para denominar um tipo de comida que leva carne picada nos países hispânicos tenha se especializado aqui para nomear especificamente a carne que é picada na máquina.

#### 4.1.20 Borracho

Com o intuito de levantar variantes lexicais usadas para designar *bêbado*, o ALERS fez a seguinte pergunta: *Que nomes dão a uma pessoa que bebe demais?*

Os resultados podem ser visualizados na figura 24, que corresponde ao mapa 350 do ALERS e ao item 596 do QSL.

Conforme podemos observar no mapa da figura 24, as palavras que predominam na Região Sul são *bêbado* e *beberrão*, as quais juntas correspondem a mais de 70% das respostas em toda a Região, distribuindo-se em grande parte do Paraná, em Santa Catarina e no Norte, Noroeste e toda a faixa Leste do Rio Grande do Sul. No entanto, em boa parte da faixa Oeste do RS, nas áreas mais próximas à fronteira com o Uruguai e a Argentina, prevalece a variante *borracho* para denominar alguém que bebe demais, a qual não é constatada em nenhuma outra área da Região Sul.

De acordo com o DRAE, *borracho* vem de *borracha*, adjetivo que significa ébrio (embriagado pela bebida) aquele que se embriaga habitualmente.

Da mesma forma, o Aurélio designa a palavra *borracho* como vinda de *borracha* e é a qualidade de quem está ébrio ex. “Bebendo esse licor, fiquei borracho / E depois doido”. (CASTRO apud AURÉLIO, 1987, p. 277).

García (1953) também afirma que em espanhol *borracho* é o mesmo que *bêbado*. No sentido figurado quer dizer ébrio, cego, doido (possuído de alguma paixão) e, na América, significa também passado, podre (falando-se de frutas). O autor cita algumas palavras afins como *borrachera* (embriagar-se), *borrachera* (bebedeira), *borrachería* (casa de bebidas (taberna)), *borrachez* (embriaguez), *borrachín* (beberrão) e *borrachón* (bêbado).

Oliveira (2005) acrescenta que *borrachão* adquire no RS, além do significado mencionado acima, o sentido de *chifre de boi preparado para conduzir cachaça ou outro líquido*.

## ATLAS LINGÜÍSTICO-ETNOGRÁFICO DA REGIÃO SUL DO BRASIL (ALERS)

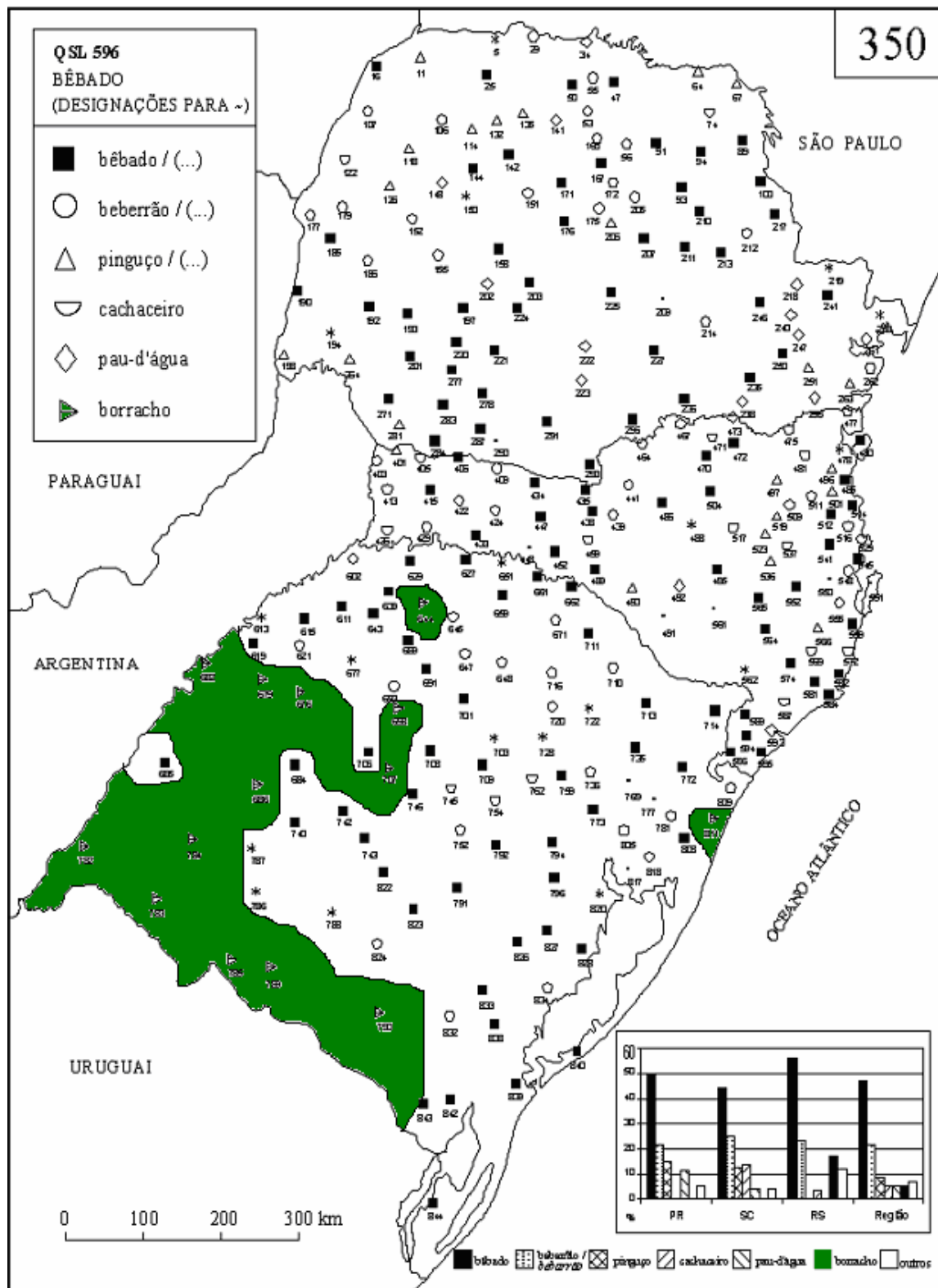


Figura 24 – Mapa correspondente ao item 596 do QSL – Bêbado.  
Variante hispânica: Borracho.

Sendo assim, estamos novamente diante de um empréstimo lexical de uma palavra que está registrada tanto em português quanto em espanhol, o que nos leva a reforçar a hipótese de que o contato robustece as semelhanças, ou seja, diante de várias opções lexicais para designar um mesmo sentido, adjetivo ou ação, é escolhida aquela que é comum às duas línguas, o que pode ter a função de os falantes se tornarem inteligíveis nos dois lados da fronteira e/ou de caracterizar uma identidade campeira ou pampeana fronteiriça, distinta do restante da Região. Veja a palavra “borracho” em textos de Millôr Fernandes no Anexo 4.

#### 4.1.21 Bolicho

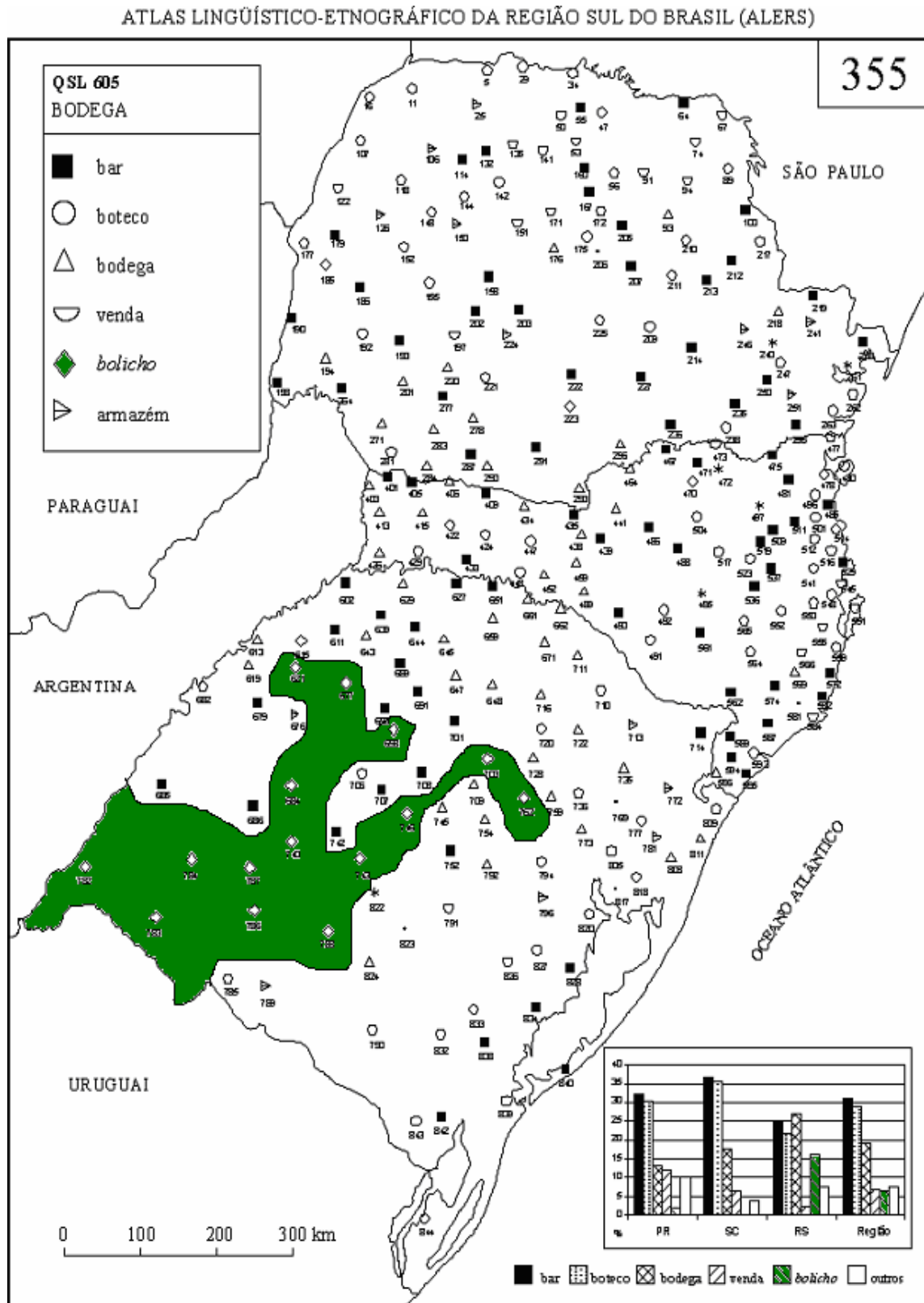
Com a intenção de levantar variantes lexicais usadas para designar *bodega*, o ALERS fez a seguinte pergunta: *Aonde vão os homens para beber uma cachacinha? (lá também se pode comprar alguma coisa).*

Os resultados podem ser visualizados na figura 25, que corresponde ao mapa 355 do ALERS e ao item 605 do QSL.

Como pode ser constatado no mapa da figura 25, as palavras que se sobressaem na Região Sul são *bar* e *boteco*, que correspondem, juntas, a mais de 60% das respostas em toda a Região, distribuindo-se de forma disforme em todo o Paraná, onde somam cerca de 63% das respostas obtidas pelo ALERS, em Santa Catarina atingem cerca de 72% das respostas e no Rio Grande do Sul chegam a 47% das respostas.

Outra variante que se destaca nesse mapa da figura 25 é *bodega*, que soma 20% das respostas em toda a Região Sul, mas se distribui de forma mais uniforme, mais especificamente no Norte do RS e no Oeste de SC e do PR.

Porém, a variante que interessa ao objetivo deste trabalho é *bolicho* que forma uma área dialetal bem definida que parte das cidades fronteiriças de Uruguaiana e Quaraí se deslocando em direção ao Centro do Estado até a cidade de Soledade e em direção ao Oeste até a cidade de Santa Rosa. Como podemos hipotetizar, essa variante pode ter entrado no RS há séculos atrás pela atividade agropecuária comum aos dois lados da fronteira, época em que era comum, devido ao pouco comércio existente na região, os peões de estância e os próprios patrões se encontrarem para beber e jogar nos *bolichos* e, ao mesmo tempo, se abastecerem com os mantimentos para a casa e o galpão.



**Figura 25** – Mapa correspondente ao item 605 do QSL – Bodega.  
Variante hispânica: Bolicho.



Quanto à origem do termo, o DRAE afirma que vem de *boliche* que quer dizer estabelecimento dedicado ao comércio e ao varejo de diversas mercadorias.

O Aurélio não registra a palavra *bolicho*, mas sim *boliche*, que, segundo o dicionário, vem do espanhol platino *boliche* e se caracteriza como um brasileirismo que significa jogo que consiste em atirar uma bola de madeira ou de outro material pesado por uma pista estreita, visando a derrubar um conjunto de balizas de madeira com o feitiço de garrafas. Além disso, pode nomear o estabelecimento em que se joga boliche, ou (no RS) bolão, ou, ainda um brasileirismo do Rio Grande do Sul que significa bodega.

O Aurélio traz também os termos *bolichear*, que vem do espanhol platino *bolichear* e é um brasileirismo do Rio Grande do Sul, que significa a ação de exercer a profissão de bolicheiro (vender a pequeno varejo, mascatear), que vem do espanhol platino *bolichero* e igualmente é considerado um brasileirismo do RS que significa proprietário de boliche ou também freqüentador de boliches.

Garcia (1953) se refere a *boliche* como sendo, na América, o mesmo que armazém de escasso sortimento e *bolichear* como sendo aquele que se ocupa em negócios de pouca importância.

Obaldía (2006) acrescenta que, em espanhol, *bolichón* é o *boliche* onde se vende bebidas, se servem comidas rápidas (minutas) e se joga por dinheiro ao bilhar e às cartas.

Gobello (1982) afirma que, na linguagem popular lunfarda, *boliche* significa um pequeno despacho de bebidas com lugar reservado a partidas de naipes ou de taba. Pequeno comércio em geral. O autor menciona ainda que o termo vem do germânico *boliche*, o mesmo que casa de jogo.

Braun (1998) enriquece a descrição e afirma que *bolicho* é a venda, bodega da velha pampa bravia, o mesmo que pulperia, altar do fumo e da canha. É pequeno e não se acanha de ter tão pouco ali dentro. Foi ele o primeiro centro social da nossa campanha. O autor cita poemas tradicionalistas que falam sobre o termo:

[...] Nos olhos tontos de sono / como em espelhos pequenos / aquele corpo moreno / com crespos que o vento bate. / o auroma a flor e o sereno / que vem na prosa em cochicho... / – que auroma!... Não vi em *bolicho* / nem nos baús dos mascates. (AURELIANO apud BRAUN, 1998, p.66).

O autor faz referência a Aparício Silva Rillo, que descreve com mais detalhes a aparência e a função do *bolicho* da campanha:

Parede de pau-a-pique / sete braças de comprido, / chão de barro bem batido / cobertura de capim. / garrafas nas prateleiras / se entreveram com chaleiras, / peças de chita e de brim. / Balcão picado de faca, / com algum furo de bala. / posto ao comprido na sala / assim meio atravessado. / um banco pra freguesia / e um letreiro que anuncia / que não se vende fiado. / *Bolicho* de portas largas / que não respeita feriados / que só fecha nos Finados / e no dia da Paixão. / Bolicho que dá-se o gosto / de nunca pagar imposto / pro Tesouro da Nação.

Nunes & Nunes (2003) resume *bolicho* como sendo o nome de uma casa de negócio de pequeno sortimento e de pouca importância, bodega ou taberna e também pode ser casa de jogo, além de ser o nome dado a um certo jogo de origem espanhola, ou seja, o mesmo que *boliche*.

Os autores citam também alguns dizeres sobre a convivência dos gaúchos nos *bolichos*: “[...] *Uma gurizada que vai crescendo na indolência, no vício, nos balcões dos bolichos[...]*” (SYLVIO JÚLIO apud NUNES & NUNES, 2003, p. 69); “*Bolicho / É a fonte aberta no pago / Onde ao fechar da semana, / A gauchada se irmana / Ao pé da carta ou de um trago*” (CHICO RIBEIRO apud NUNES & NUNES, 2003, p. 69); “*Nas trades poeirentas de verão o bolicho sopra na cara do viajante o seu hálito forte de cachaça*” (DUNCAN apud NUNES & NUNES, 2003, p. 69); e “*É melhor que tu conheças / o poder do meu capricho: / pra matar uma saudade / basta a canha do bolicho*” (LEIRIA apud NUNES & NUNES, 2003, p.70).

Como vimos acima, o *bolicho* faz parte da cultura e dos costumes do gaúcho dos pampas e este gaúcho é encontrado tanto do lado brasileiro da fronteira quanto dos lados uruguaio e argentino. Portanto, essa identificação de usos e costumes carrega consigo, além das comidas, do mate, do trato com o gado, também características lingüísticas marcadas pelo contato entre as culturas lusas e hispânicas e esses vinte itens relacionados no decorrer deste texto são apenas pequenas demonstrações dessa língua peculiar do extremo Sul do Brasil.

#### **4.2 VARIANTES SUPOSTAMENTE HISPÂNICAS E COGNATOS**

São consideradas variantes supostamente hispânicas ou cognatas, neste trabalho, aquelas que formam uma arealização geolingüística menor que o primeiro grupo, das quais algumas estão registradas em dicionários espanhóis, mas que não apresentam indícios claros,

de acordo com a bibliografia consultada, de que são realmente empréstimos lexicais do espanhol; ou então, no caso das palavras cognatas, são aquelas que pertencem às duas línguas, português e espanhol, mas que se distribuem somente perto das fronteiras com os países hispânicos.

#### 4.2.1 Ladeira/ladeirão

Com o objetivo de coletar variantes lexicais usadas para designar *encosta*, o ALERS fez a seguinte pergunta: *Como chamam aqui o lado de ... (Ver item 001)?*

De acordo com o mapa do ALERS referente a esse item, não há uma palavra que se destaque numericamente na Região Sul, porém, no RS a palavra *ladeira/ ladeirão* alcança cerca de 40% das respostas, se distribuindo no Sul, Centro, Oeste e partes do Leste do Estado, atingindo também alguns pontos do Oeste de SC e do PR, além de alguns poucos pontos no Leste e Centro desses Estados.

O item está registrado no DRAE como *ladera*, a qual vem de *lado* e é um adjetivo pertencente ou relativo ao lado de alguma coisa, além disso é um declive de um monte ou de uma altura.

Para o Aurélio, *ladeira* também vem de *lado* + *-eira* e é o nome de uma inclinação mais ou menos acentuada de terreno (rampa), ou ainda uma rua mais ou menos íngreme.

Os demais dicionários portugueses e espanhóis consultados conceituam o termo da mesma forma dos acima relatados e o nosso informante 1 (um) acrescenta que, além de *ladera* ser o lado de uma montanha é também o nome dado a uma pessoa que apóia a outra, particularmente a um caudilho político.

Dito de outra forma, *ladeira* é um vocábulo comum às duas línguas (embora em espanhol não seja ditongada, *ladera*) e, devido a isso, se manteve no RS e nas Regiões próximas à fronteira.

#### 4.2.2 Taipa (de pedra)

Com a finalidade de coletar variantes lexicais usadas para designar *barragem (muro)*, o ALERS fez a seguinte pergunta: 021 – *quando se constrói um muro para segurar água, como chamam aqui a água que se junta ali?* 022: *como se chama este muro?*

A palavra que se destaca na Região Sul é *taipa*, que corresponde a pouco mais de 25% das respostas em toda a Região, porém, distribuindo-se predominantemente no Rio Grande do Sul, onde atinge 60% das respostas. Nesse Estado, a variante está localizada no Oeste (fronteira com a Argentina e o Uruguai), em todo o Centro e Noroeste e em partes do Leste do Estado. Além disso, a variante *taipa* é constatada pelo ALERS em alguns poucos pontos do Sul, Centro e Oeste de Santa Catarina e em dois pontos do Oeste do Paraná.

Esses pontos, onde foi constatada a presença da variante *taipa*, coincidem novamente com a rota dos tropeiros, com a região fronteira, e também com a área de migração dos gaúchos em direção ao Norte do Estado, o que pode ter contribuído para o aparecimento do termo em SC e no PR. Isso porque, embora o termo também exista em português, ele não aparece em grande parte do PR e SC, local onde surgem sinônimos lusos como *barragem, aterro, represa, muro, parede* etc., ou seja, mais uma vez a semelhança entre um item existente nas duas línguas (português e espanhol) reforça seu uso na região fronteira.

Para o DRAE, *taipa*, no Uruguai, significa muro que se utiliza para conter a água no cultivo de arroz.

O Aurélio afirma que *taipa* é o nome da parede feita de barro ou de cal e areia com enxaiméis e fasquias de madeira, tabique, estuque, taipal, pau-a-pique, por ex. “através das paredes de taipa caiada, ouvia-se o ressonar tranqüilo do João Pimenta e do Felisberto” (INGLÊS DE SOUSA apud AURÉLIO, 1987, p. 1641).

No entanto, para o Dicionário Houaiss (2001, p. 2659), *taipa* é proveniente do árabe hispânico e, apesar de existir em português e espanhol, ao que parece, tem uso mais largo em espanhol, daí a preferência nas regiões de contato.

Já Nunes & Nunes (2003) concordam com o DRAE e afirmam que *taipa* é o nome das represas de leivas, nas lavouras de arroz. Igualmente, *taipa* significa uma cerca de pedra, na região serrana, por ex. “Em tudo o mesmo cenário: / Velhas taipas de um jardim, / e as árvores seculares / que, como eu, chegam ao fim” (OLIVEIRA apud NUNES & NUNES, 2003, p. 474).

Para Oliveira (2005) *taipa* é o nome dado a uma parede (geralmente de pedra e terra) que se ergue para represar a água e fazer um pequeno açude.

Como podemos deduzir das definições acima mencionadas, a conceituação de *taipa* depende do tipo de atividade dos falantes em questão, mas, tanto em português quanto em espanhol a palavra conceitua praticamente os mesmos elementos.

### 4.2.3 Bergamota

Com o objetivo de coletar variantes lexicais usadas para designar *bergamota*, o ALERS fez a seguinte pergunta: *uma fruta menor que a laranja, que se descasca com a mão?*

As palavras que se destacam na Região Sul são *bergamota* e *vergamota* que correspondem a mais de 60% das respostas em toda a Região distribuindo-se maciçamente em todo Rio Grande do Sul, onde atinge 95% das respostas, e em Santa Catarina, onde atinge cerca de 70% das respostas e em poucos pontos do Paraná, onde não chega a 20% das respostas. Nesse Estado, as variantes predominantes são *mexerica*, *tangerina* e *mimosa*, que juntas somam cerca de 70% das respostas.

Quanto à origem, o DRAE considera *bergamota* vinda do italiano *bergamotta* (de *Bérgamo*), que é uma variedade de pêra com muito suco e aromática e, também, uma variedade de lima muito aromática, da qual se extrai uma essência usada na perfumaria.

Já para o Aurélio, *bergamota* vem do turco *beg armudi* que significa *pêra do príncipe*, através do italiano *bergamotta* ou do francês *bergamotte* que nomeia uma certa pêra sumarenta e que se caracteriza como um brasileirismo próprio de SC e do RS onde significa *tangerina*. Variante de *vergamota*.

Para Garcia (1953), *bergamota* é uma variedade de pêra ou uma variedade de limão. Nunes & Nunes (2003) afirmam que *bergamota* é o fruto da bergamoteira e o mesmo que laranja-cravo, laranja mimosa, mexerica, mexeriqueira, mandarina. Enquanto isso, nosso informante 1 (um) assegura que *bergamota* é uma variedade de cítrico, como a mandarina, mas maior que esta.

Enfim, não está claro o que realmente é definido por *bergamota* ou *vergamota*, porém, é presumível que na Região Sul essas variantes podem ter resistido ou pela proximidade com os países hispânicos (onde o nome é o mesmo – *bergamota*) ou pelo contato com a língua dos imigrantes italianos (onde o nome é *bergamotta*), os quais ocuparam, no século XIX boa parte dos territórios gaúchos e catarinenses, ou ainda, pelos dois motivos ao mesmo tempo.

#### 4.2.4 Lavrar

Com o objetivo de coletar variantes lexicais usadas para designar o ato ou ação de *lavar*, o ALERS fez a seguinte pergunta:... *que faz o colono, na terra, com um instrumento puxado por boi ou cavalo?*

A palavra enfatizada na Região Sul é *lavar*, que corresponde a mais de 50% das respostas em toda a Região, distribuindo-se predominantemente em todo o Rio Grande do Sul, onde soma cerca de 85% das respostas obtidas pelo ALERS, em Santa Catarina, onde atinge cerca de 50% das respostas e no Paraná, onde não chega a 25% das respostas. Nesse Estado, as variantes predominantes são *arar* e *tombar*, que juntas somam cerca de 65% das respostas, as quais se distribuem majoritariamente em todo o Norte, Centro e Leste do PR, atingindo também todo o Norte e parte do Leste de SC.

No entanto, a palavra *lavar* está bem arealizada no Sul da Região, atingindo todo o RS, e ainda todo o Sul, Centro e Oeste de SC e o Oeste do PR, coincidindo mais uma vez com a área de abrangência da rota dos tropeiros e também com a área de expansão dos colonos gaúchos em direção ao Centro e Norte do País. Dessa forma, podemos novamente estar diante de um item que existe nas duas línguas e que foi reforçado pelo contato no Sul do País.

De acordo com o DRAE *labrar* vem do latim *laborāre* que nomeia a ação de trabalhar uma matéria reduzindo-a ao estado ou forma conveniente para usá-la, por ex. “*Labrar la madera. Labrar plata*” . É o mesmo que *arar*.

Conforme o Aurélio *lavar* vêm do latim *laborare* (trabalhar) e é um verbo que significa sulcar a terra com arado ou charrua, é o mesmo que arar, amanho, cultivar. Assim como os demais dicionários de português e de espanhol que tratam a palavra *lavar*, ou *labrar*, como sinônimos de laborar, trabalhar, amanho, cultivar (as terras).

#### 4.2.5 Carreta (de duas rodas)

Com o objetivo de coletar variantes lexicais usadas para designar *carreta (de duas rodas)*, o ALERS fez a seguinte pergunta: *(Como se chama o...) Veículo de carga de duas rodas, puxado por animais?*

O vocábulo que se destaca na Região Sul é *carreta*, que corresponde a mais de 30% das respostas em toda a Região, distribuindo-se predominantemente no Sul, Centro, parte do Leste e do Oeste do Rio Grande do Sul, onde soma cerca de 60% das respostas obtidas pelo ALERS. Já em Santa Catarina, a variante se distribui no Centro, Sul e partes do Norte e Leste do Estado, no qual atinge cerca de 40% das respostas e, no Paraná, onde não chega a 10% das respostas. Nesse Estado, as variantes predominantes são *carrinho*, *carroça* e *galhota* que juntas somam cerca de 70% das respostas.

De acordo com a DRAE *carreta* vem de *carro* e significa carro comprido, estreito e mais baixo que o normal, cujo plano se prolonga em uma lança onde se segura a canga do animal. É comum ter somente duas rodas, sem ferrar. *Carreta* nomeava também um tipo de carro fechado pelos lados, que não tem as rodas ferradas, mas calçadas com pinas de madeira.

Já o Aurélio afirma que *carreta* é um carro pequeno, de duas rodas (o mesmo que carroça), pode ser também o nome dado a um carro, geralmente movido a braço, em que se conduz o caixão ou o jogo dianteiro da charrua e doutros implementos agrícolas.

Para Braun (1998, p. 97), a *carreta* é o carro de bois “de sentido universal, no pampa meridional, tem épica relevância, foi ela que – na distância – da planura abarbarada, abriu a primeira estrada, ligando a cidade à estância”. O autor enriquece a descrição da *carreta* nos poemas

Carreta de duas juntas / de três – de quatro – ou de mais; / nos descampados natais / o seu vulto impressionante, / mesmo que num rancho ambulante, / rasgando sulcos no pasto, / levou Progresso – de arrasto, / até o rincão mais distante.

E o Juca Ruivo nos canta: / – “... Carreta! És igual a mim / que também já chego ao fim, / gaudério – sempre a cruzar... / Alma velha em corpo gasto / da vida pelos rincões / vou cruzando sem um rastro / carregado de ilusões.”

E o Silva Rillo enaltece / a carreta abarbarada: / “Foste a patrulha avançada / do batalhão do progresso! / Na incerteza do regresso, / ao passo largo dos bois, / apontava novas rotas / e no rastro das cambotas / brotavam vilas depois.”

Do poeta Antonio Caggiano / Platino – um trago campero: / “Permita en el entrevero / mientras que usted se persigna / por el alma de su china, / yo me descubro sincero. / Cabizbajo y placentero / Don Mariano agradeció / y se su asiento llamó / los bueyes com la picana / y la carreta pampeana / la misma huella siguió.” (BRAUN, 1998, p. 97-98).

Já Nunes & Nunes (2003) descrevem a *carreta* como sendo um veículo tosco e pesado, de duas rodas, grande, com tolda ou não (podendo ter uma cobertura de palha ou de madeira, abaulada ou em forma de telhado, para abrigar a carga e os passageiros), puxado por

diversas juntas de bois, por ex. “carreta / Quando ao Rio Grande chegou, / - segundo os tentos da história - / suas canastras de glória / Foi ela que transportou!...” (RIBEIRO apud NUNES & NUNES, 2003, p. 98).

Os autores citam também uma passagem em Espanhol de Roberto G. Morete: “por la falda de la loma / dejando a un costado el monte / dibujando el horizonte / la vieja carreta asoma / pinta el sol su plicroma / en las piedras del camino / y a paso lento y cansino / se aleja por el sendero / al grito del carretero / apurando al buey barcino” (MORETE apud NUNES & NUNES, 2003, p. 98).

Como vemos, a carreta foi uma peça muito importante na história do transporte no Sul do Brasil, pois foi com o auxílio dela que se levantaram os templos de pedra das Missões, que se levaram as armas de guerra para as revoluções dos séculos XVIII e XIX e foi ela que conduziu os imigrantes europeus para suas novas colônias na América.

A distribuição dessa variante no espaço coincide novamente tanto com a proximidade das fronteiras com os países hispânicos como com a rota dos tropeiros e a migração dos colonos gaúchos rumo ao Norte do País, como já foi mencionado anteriormente.

#### 4.2.6 Apear, pear, apinhar

Com o objetivo de coletar variantes lexicais usadas para designar o ato ou ação de *desembarcar*, o ALERS fez a seguinte pergunta: *Quando o ônibus chega ao fim da linha, os passageiros têm que...?*

O termo que se destaca na Região Sul é *desembarcar* (com sua variante *desbarcar*) que corresponde a mais de 40% das respostas em toda a Região, distribuindo-se de forma disforme em todo o Paraná, onde soma cerca de 30% das respostas obtidas pelo ALERS, em Santa Catarina, onde atinge cerca de 40% das respostas e no Rio Grande do Sul, onde chega a 50% das respostas. Já a palavra *apear* (seguida de suas variantes *pear* e *apinhar*) alcança cerca de 20% das respostas na Região Sul, se distribuindo em faixas que vão do extremo Sul do RS até o Norte do PR, em pequenas áreas no Centro e Região Metropolitana do RS e no Centro e Leste do PR.

Para o DRAE, *apear* do latim *appedāre* (de *pes*, *pedis*, *pie*) quer dizer desmontar ou baixar alguém de uma cavalaria, de uma carruagem ou de um automóvel.



Já para o Aurélio, *apear* vem de *a + pé + ar* que é fazer pôr o pé em terra, fazer descer, desmontar, por ex.: tomando-o nos braços, apeou-a da cavalgadura. Também pode significar descer de montaria ou viatura, apearse, por ex.: “Iam todos apeando e penetrando na sala depois de terem amarrado os animais às árvores e às estacas do cercado” (SALES apud AURÉLIO, 1987, p. 139).

Os demais dicionários portugueses e espanhóis consultados também trazem a palavra *apear* com o sentido de descer do cavalo, desmontar, desembarcar da diligência, da carreta, do automóvel. Além disso a palavra *apear* pode significar, em espanhol platino e no Rio Grande do Sul, encilhar o cavalo, colocas os aperos.

Como podemos verificar, essa palavra co-ocorre com as outras variantes mencionadas anteriormente, ou seja, somente nas áreas de influência gaúcha, além disso, também é um vocábulo comum às duas línguas, o que reforça o uso da mesma nas regiões de contato.

#### 4.2.7 Machorra

Com o objetivo de coletar variantes lexicais usadas para designar *fêmea estéril*, o ALERS fez a seguinte pergunta: *a fêmea que não pode dar cria?*

O vocábulo que se destaca na Região Sul é *falhada*, que corresponde a mais de 45% das respostas em toda a Região distribuindo-se de forma disforme em todo o Paraná, onde soma cerca de 50% das respostas obtidas pelo ALERS, em Santa Catarina, onde chega a mais de 70% das respostas e no Norte e Noroeste do Rio Grande do Sul, onde não chega a 30% das respostas. Nesse Estado, a variante predominante é *machorra* que soma cerca de 65% das respostas, distribuindo-se majoritariamente em uma larga faixa de fronteira com o Uruguai e a Argentina e em grande parte do Centro, Norte, Leste e Oeste do Estado, avançando em direção às regiões centrais de SC e PR, que coincidem mais uma vez com as antigas rotas de tropeiros de mulas.

Para o DRAE *machorro (rra)* vem de *macho* que significa estéril, infrutífero e se diz da fêmea estéril e que, no México, significa mulher masculinizada.

Para o Aurélio *machorra* também vem de *macho* e diz-se de fêmea estéril, infecunda: “depois da lei do ventre livre já não valia a pena ter muitas escravas. Salvo as machorras para

o serviço doméstico, as pretas cativas caíram em funda depreciação.” (XAVIER MARQUES apud AURÉLIO, 1987, p. 1059).

Nunes & Nunes (2003) afirmam que *machorra* é a vaca ou ovelha que não dá cria ou toda fêmea estéril. Além disso, denota a mulher com jeito de homem.

#### 4.2.8 Corvo

Com o desígnio de coletar variantes lexicais usadas para designar *urubu*, o ALERS fez a seguinte pergunta: *Os tipos de pássaros do mato, do campo, do banhado, que conhece? (perguntar pelo urubu, colibri e João-de-barro).*

A palavra que se destaca na Região Sul é *corvo*, que corresponde a 60% das respostas em toda a Região, distribuindo-se em todo o Norte do Paraná, onde soma cerca de 50% das respostas obtidas pelo ALERS, em Santa Catarina, onde não atinge 10% das respostas e no Rio Grande do Sul, onde chega a 80% das respostas. Nesse Estado, a variante *corvo* é predominante, pois ocorre em todo o Estado, exceto em uma pequena área na Região Metropolitana e na Serra e outros pontos isolados no Extremo Sul e no Centro do Estado.

Conforme o DRAE, *cuervo* vem do latim *corvus*, e é o nome de um pássaro carnívoro, maior que a pomba, de plumas pretas com visos azulados escuro, bico cônico, grosso e mais comprido que a cabeça, garras fortes, asas de um metro de envergadura, com as maiores penas no meio, e rabo de contorno arredondado.

De acordo com o Aurélio, *corvo* também vem do latim *corvu* que nomeia uma certa ave passeriforme, da família dos corvídeos, especialmente as do gênero *corvus*, de coloração preta, das regiões neártica, paleártica e oriental. Brasileirismo impróprio que quer dizer *urubu*.

Já Oliveira (2005) simplifica afirmando que *corvo* é o nome pelo qual, no Rio Grande do Sul, é conhecido o *urubu*.

No português de Portugal, não é comum o uso da palavra *urubu*, pois ela é de origem tupi. Da mesma forma, esse brasileirismo não é predominante nas regiões de contato com o espanhol, pois nessas áreas prevalece o vocábulo de origem latina, comum a ambas as línguas, embora em espanhol o vocábulo seja ditongado, *cuervo*, enquanto em português não há ditongação, *corvo*.

#### 4.2.9 Jugo

Com o objetivo de coletar variantes lexicais usadas para designar *canga de boi*, o ALERS fez a seguinte pergunta: *A peça de madeira que vai no pescoço do boi, para puxar o carro ou o arado?*

O vocábulo que se destaca na Região Sul é *canga* que corresponde a mais de 95% das respostas em toda a Região, distribuindo-se predominante em todo o Paraná, onde soma quase 100% das respostas obtidas pelo ALERS, em Santa Catarina, onde atinge cerca de 99% das respostas e no Rio Grande do Sul, onde chega a 90% das respostas. Porém, nesse Estado a variante *jugo*, embora compreenda apenas 10% das respostas, forma uma arealização clara e homogênea no Extremo Sul do Estado, exatamente em uma região de intenso contato entre brasileiros e hispânicos<sup>28</sup>.

A variante está registrada no Aurélio com vinda do latim *jugu* (*canga*) que, por extensão, quer dizer a junta de bois e, na linguagem figurada, quer dizer opressão, sujeição, submissão, obediência, autoridade, domínio.

Para Nunes & Nunes (2003), *jugo* é o nome da peça de madeira usada à guisa de *canga* com que se unem os bois à carreta ou ao arado. O *jugo* é colocado na parte posterior dos chifres e a eles ligado pelas conjunturas.

De acordo com Koch (2000), essa variante pertence ao primeiro grupo de hispanismos –*jugo, piola, esquilar* e *planchar* – as quais foram largamente usadas em toda a parte meridional do Rio Grande até o começo do século XX, mas que hoje ocorrem apenas isoladamente numa faixa de aproximadamente 200 km de largura ao longo da fronteira com o Uruguai, paralelamente com os equivalentes portugueses que os vêm substituindo.

Como não temos a disposição os mapas de *piola, esquilar* e *planchar* (por pertencerem ao questionário aplicado somente ao RS), podemos afirmar apenas que *jugo* está restrito a uma área menor do mencionara Koch, pois de acordo com o mapa do ALERS referente a esse vocábulo, essa variante está localizada em uma pequena faixa territorial que parte de cidades no extremo Sul do RS (Santa Vitória do Palmar e Rio Grande) e vai até Santana do Livramento (fronteira com a cidade uruguaia de Rivera) e São Vicente do Sul (um pouco mais ao centro do Estado).

---

<sup>28</sup> Ver contextualização histórica, Cap. II.

#### 4.2.10 Pêlo (cabelo) duro

Com o objetivo de coletar variantes lexicais usadas para designar o *cabelo do índio*, o ALERS fez a seguinte pergunta: *As pessoas têm diferentes tipos de cabelo. a) Como chamam o cabelo do negro? b) E o do índio? c) Que outros tipos de cabelo conhece, ainda?*

O nome que se destaca na Região Sul é *cabelo liso* que corresponde a mais de 70% das respostas em toda a Região distribuindo-se em praticamente todo o Paraná, onde soma cerca de 75% das respostas obtidas pelo ALERS, em Santa Catarina, onde atinge mais de 90% das respostas e no Rio Grande do Sul, onde chega a 60% das respostas. Nesse Estado, a variante que nos chama a atenção é *cabelo/ pelo duro* que está concentrada na faixa de fronteira com o Uruguai e a Argentina, atingindo cidades próximas ao Centro e Norte do Estado.

Para o DRAE, *pelo* (que em espanhol não recebe acento) vem do latim *pilus* que é o cabelo da cabeça humana ou de qualquer outro mamífero.

Já Nunes & Nunes (2003) afirmam que *pêlo-duro* é o adjetivo dado ao crioulo ou genuinamente rio-grandense. Diz-se de pessoas e de animais. “Depois, o canto da raça loura / que pousando na querência / misturou as cabeleiras / do pêlo-duro e do gringo”. (LEAL apud NUNES & NUNES, 2003, p.366). Os autores mencionam outro exemplo de uso do termo: “Pingo, sendo pêlo-duro, / quebrando, amigo, um milhito, / Eu vos afirmo, eu vos juro, / Até no branco acredito!” (RIBEIRO apud NUNES & NUNES, 2003, p.366).

Para Oliveira (2005), *pêlo duro* diz-se do cavalo que é produto da crueza de raças diferentes.

#### 4.2.11 Caloteiro

Com o objetivo de coletar variantes lexicais usadas para designar o *mau pagador*, o ALERS fez a seguinte pergunta: *A pessoa que deixa suas contas penduradas?*

A palavra que se destaca na Região Sul é *velhaco*, que corresponde a mais de 55% das respostas em toda a Região, distribuindo-se em parte do Oeste e em todo o Centro e Leste do Paraná, onde soma cerca de 60% das respostas obtidas pelo ALERS, em Santa Catarina, onde atinge cerca de 65% das respostas e no Rio Grande do Sul, onde não chega a 45% das

respostas. Nesse Estado, a variante que nos chama a atenção é *caloteiro* que soma quase 20% das respostas, se localizando em toda a faixa fronteiriça com o Uruguai e em parte da fronteira com a Argentina, mas que não é constatada nos outros dois Estados.

No Aurélio, *caloteiro* está registrado como sendo o adjetivo dado àquele que caloteia, fintador.

Garcia (1953) afirma que em espanhol *calotero*, na América, significa *caloteiro*, ou, mau pagador. Já Obaldía (2006) assegura que na linguagem do Pago *calotear* é o mesmo que roubar, despojar alguém impunemente, derrotar amplamente em uma competência (esporte, jogos, tava).

Gobello (1982) menciona que *calotear*, na linguagem popular da Argentina significa estafar não pagando um gasto, furtar e vem do argótico *calotte* (roubar). Para o autor, *calotte* é um neologismo introduzido nestes últimos tempos na germania da vida galante, para designar o engano de pedir coisas ou serviços com intenção de não pagar. Em Paris é *truc* de bolsos escassos e aqui ordinariamente é uma brincadeira de tontos que se fingem diabos e que nem sempre furtam.

Portanto, estamos novamente diante de um cognato, embora em espanhol a palavra não seja ditongada, *calotero*, ela possui os mesmos significados nas duas línguas.

#### **4.2.12 Repouso (materno)**

Com o objetivo de coletar variantes lexicais usadas para designar o *puerpério*, o ALERS fez a seguinte pergunta: *Que nome dão ao repouso da mulher, por vários dias (às vezes 40), depois do parto?*

O nome que se destaca na Região Sul é *dieta*, que corresponde a mais de 60% das respostas em toda a Região distribuindo-se de forma predominante todo o Paraná, onde soma praticamente 100% das respostas obtidas pelo ALERS, no Oeste e Centro de Santa Catarina, onde atinge cerca de 45% das respostas e no Norte e Oeste do Rio Grande do Sul, onde não chega a 30% das respostas. Nesse Estado, a variante predominante é que nos chama a atenção é *repouso* que soma cerca de 30% das respostas e se distribui majoritariamente em uma larga faixa de fronteira com o Uruguai e a Argentina e em partes do Centro e Oeste do Estado, ou seja, áreas marcadas pelo intenso contato entre brasileiros e hispânicos, tanto no comércio como nas atividades agropecuárias etc.

Em espanhol existe um termo semelhante que é *reposar* (sem ditongação) o qual de acordo com o DRAE vem do latim *repasāre* (de *re* + *pasāre*) que quer dizer deter-se, descansar e é dito de uma pessoa ou de uma coisa que permanecer quieta e em paz e sem alteração. O que reforça novamente a hipótese de que o contato realça as semelhanças lexicais como já foi dito anteriormente.

#### 4.1.13 Raia

Com o objetivo de coletar variantes lexicais usadas para designar *ferrolho*, o ALERS fez a seguinte pergunta: *Um jogo em que a criança corre atrás das outras para tocar numa delas antes que alcance um ponto combinado? ... esse ponto combinado (se chama)?*

Há uma grande variedade de nomes usados na Região Sul para designar *ferrolho*, porém todos eles formando arealizações bem definidas, por ex., no Paraná a variante *pique* está distribuída por todo o Norte, Centro e Leste do Estado, já na faixa Leste de Santa Catarina predomina a variante *barra*, enquanto mais ao Norte, no Vale do Itajaí, predomina a variante germânica *frai*. No Rio Grande do Sul, temos uma pequena arealização de *ferrolho* na Região Metropolitana, de *bando* na Região Serrana de Caxias do Sul (que aparece também no Oeste de SC e do PR) e de *raia* no Centro e Oeste do Estado, constatado igualmente no Oeste de SC e do PR.

A variante que nos interessa aqui é *raia* já que ela existe também em espanhol e pode se configurar não como um empréstimo, mas, como já vimos anteriormente, um reforço das semelhanças.

O DRAE registra *raya* como vinda do baixo latim *radia*, e este do latim *radiūs* (rayo) que denota linha ou sinal comprido e estreito que por combinação de uma cor com outra, por prega ou por fenda pouco profunda, se faz ou se forma natural ou artificialmente num corpo qualquer. É o nome dado ao término, confim ou limite de uma nação, província, região ou distrito, além do término que se põe a algo, tanto no físico como no moral. Pode ser também o nome dado a cada um dos pontos ou tantos que se ganham em determinados jogos, e que, comumente se apontam com *raias*.

Aurélio também traz *raia* como originária do latim *radia* ou *radiu* (de carro, de luz) que significa risca, traço, linha, linha da palma da mão ou então limite, fronteira. Igualmente

aos demais dicionários consultados que reconhecem *raia* como sinônimo de linha, traço, risca, sinal largo ou estreito.

Já Para Nunes & Nunes (2003), *raia* pode significar também a cancha, ou seja, a pista de corridas de cavalos e também cada um dos trilhos por onde correm os cavalos.

Como vemos nas significações da palavra “*raya*” dada pelo DRAE, visualiza-se que os conceitos são semelhantes ao conceito de “ferrolho”, além disso, quando consultamos os nativos<sup>29</sup>, tivemos a mesma resposta, ou seja: “*un línea dibujada en un papel, o una marca hecha con objeto punzante en una superficie*” o que podemos relacionar facilmente com o espaço destinado, nas brincadeiras infantis, ao ponto neutro, o qual, muitas vezes, é desenhado no chão, numa árvore, na parede etc. Sendo assim, estamos mais uma vez diante de uma palavra comum às duas línguas e que, no Sul do Brasil, tem seu uso reforçado pelo contato.

#### 4.2.14 Crioulo

Com o objetivo de coletar variantes lexicais usadas para designar *cigarro de palha*, o ALERS fez a seguinte pergunta: *Que nome se dá ao cigarro feito de palha de milho e fumo?*

A palavra que se destaca na Região Sul é *palheiro*, que corresponde a mais de 70% das respostas em toda a Região, distribuindo-se de forma disforme em todo o Paraná, onde soma cerca de 65% das respostas obtidas pelo ALERS, em toda Santa Catarina, onde atinge cerca de 85% das respostas e no Rio Grande do Sul, onde chega a 68% das respostas. Nesse Estado, a variante que nos chama a atenção é *crioulo* que soma cerca de 20% das respostas e que forma uma boa arealização em toda a faixa Oeste de fronteira com a Argentina se deslocando rumo ao Oeste de SC e do PR. Além disso, essa variante forma outra faixa que parte do extremo sul do Estado e que corta todo o RS e se desloca em direção ao Centro-Oeste de SC e do PR, ou seja, são arealizações que novamente coincidem com o intenso contato entre brasileiros e hispânicos e com o deslocamento dos gaúchos rumo ao Centro do país.

Para Aurélio, *crioulo* vem de *criar* e, entre outras acepções, é um brasileirismo que significa cigarro feito de palha e fumo de rolo. Já Crioulo do Pastoreio é um brasileirismo próprio do Sul do Brasil que significa Negrinho do Pastoreio.

---

<sup>29</sup> Informante 1: Argentino de Buenos Aires, homem, 44 anos.

Para Nunes & Nunes (2003) diz-se *crioulo*<sup>30</sup> de quem é natural de determinado lugar, região, estado, país, ex.: “O Célio é crioulo da Canguçu”, isto é, é natural de Canguçu. Diz-se igualmente do cavalo aqui existente desde a época da colonização, que, aqui aclimatado, veio a constituir uma raça com caracteres bem definidos. Além disso, é o nome dado ao cigarro de fumo em rama enrolado em palha de milho, por ex.: “Ordinariamente não via os lugares: estava sempre entregue a si próprio, absorto nos seus cálculos e devaneios, de olhos semicerrados ao aspirar fumaças do *crioulo*, que, sem interrupção enrolava, afrouxava, apertava, acendia e reacendia...” (MAIA apud NUNES & NUNES, 2003, p. 135).

#### 4.2.15 Corpinho, corpim

Com o objetivo de coletar variantes lexicais usadas para designar *sutiã*, o ALERS fez a seguinte pergunta: *Que peça serve para sustentar os seios?*

A palavra que se destaca na Região Sul é *sutiã* (juntamente com suas variantes *sutião*, *sutiem* e *sutim*) que juntas correspondem a mais de 85% das respostas em toda a Região, distribuindo-se predominantemente em todo o Paraná, em praticamente toda Santa Catarina e em partes do Sul, Centro, Norte, Leste e Oeste do Rio Grande do Sul, onde atingem 80% das respostas. Porém, a variante que nos chama a atenção nesse Estado é *corpinho* (com sua variante *corpim*), que forma uma arealização que parte da fronteira com o Uruguai – das cidades de Quaraí e Santana do Livramento – e se desloca em direção ao Centro, Oeste e Norte do Estado, até os municípios de Catuípe (mais ao Oeste), de Tapera (mais ao Norte) e de Rio Pardo (mais ao Centro).

Essa variante é registrada em espanhol como *corpiño*, a qual, de acordo com o DRAE vem do diminutivo desusado de *cuervo* que, na Argentina e no Uruguai quer dizer *sutiã* (prenda interior feminina).

Aurélio também considera *corpinho* como sendo um diminutivo de *corpo*, mas que significa *corpete*, como no ex.: “Traja bem; comprime a cintura e o tronco no corpinho de lã fina cor de castanha” (MACHADO DE ASSIS apud AURÉLIO, 1997, p. 482). O dicionário trata o termo como sendo um brasileirismo que significa roupa íntima feminina, ou *sutiã*, nos Estados da Bahia e Minas Gerais.

---

<sup>30</sup> Para um estudo mais aprofundado sobre o uso da palavra *crioulo* ver Klassmann (2001).



Para Gobello (1982), *corpiño* é da linguagem geral que significa sutiã, ou seja, prenda de vestir interior que usam as mulheres para apertar os peitos.

#### 4.2.16 Carpim

Usado para designar *meia*, está arealizado em todo o meio Oeste do Estado do RS e em três pontos de SC e em dois no PR, perfazendo um total de 46 pontos na Região Sul. De acordo com o Aurélio o termo vem de *escarpins*, do italiano *scarpino*, *scarpe*, que significa *sapato*, e, por aférese, e com alteração de sentido. Caracteriza-se como um brasileirismo próprio do RS e é um provincianismo lusitano que significa meias curtas, peúgas.

O DRAE registra *escarpín*, do italiano *scarpino*, dimensão de *scarpa*, *zapato*, que, em espanhol, significa sapato de uma sola só e de uma só costura. O dicionário traz também a acepção de calçado interior de lã ou outra matéria, para abrigo do pé, e que se coloca em cima da meia. Já na Argentina, Bolívia, Costa Rica, Equador, Uruguai e Venezuela, *escarpín* é o nome dado ao *patudo*, ou seja, calçado de ponto, geralmente em forma de bota, que se põe nos bebês a modo de sapato ou que usam as pessoas idosas para abrigarem-se os pés quando estão na cama.

Ou seja, *carpim* é mais um cognato, existe em ambas as línguas, embora com algumas mudanças fonológicas, que sobreviveu no RS graças ao contato com o espanhol.

#### 4.2.17 Chibo/ chibarro

Embora não dicionarizada pelo Aurélio com esse sentido – de *macho reprodutor de cabras* – mas como um brasileirismo do RS que significa *cabrito inteiro, não castrado*, essa palavra é registrada pelo ALERS no extremo Sul do RS e em dois pontos no Centro e Oeste desse Estado, além de aparecer em um ponto do Oeste do PR, perfazendo um total de 6 pontos na Região Sul. Em espanhol a palavra aparece como *chivo* e *chivarro* com o mesmo sentido de *macho reprodutor*.

#### 4.2.18 Astilhar

Termo usado para designar *rachar lenha* e dicionarizado tanto em português quanto em espanhol, ou seja, é um cognato, embora em espanhol seja escrito com *ll*. É registrado pelo ALERS somente em 4 pontos no RS em uma pequena área de fronteira com a Argentina e o Uruguai.

#### 4.2.19 Rengo

Palavra usada para designar *perneta*. É registrada pelo ALERS somente em 7 pontos do Centro, Oeste e no extremo Sul do RS e, de acordo com o Aurélio, vem do espanhol platino *rengo* que quer dizer doença nos quartos traseiros dos cavalos, que, impedindo-os praticamente de andar, os inutiliza para qualquer trabalho. Essa palavra pode vir do verbo *rengar*, que, em espanhol, de acordo com o DRAE, vem do latim *renicāre*, de *ren*, *renis* (riñón) e significa descaderar, derrengar.

#### 4.2.20 Bidu e pucho

Termos usados para designar *toco de cigarro*. Ambos são registrados pelo ALERS somente em 6 pontos no RS, o primeiro no extremo Oeste na fronteira com o Uruguai e a Argentina (Uruguaiana, Alegrete, Cacequi e Rosário do Sul) e não está dicionarizado, e o segundo, *pucho* é registrado no extremo Sul do Estado (Jaguarão e Arroio Grande) e, de acordo com o Aurélio é originário do espanhol platino *pucho* e se caracteriza como um brasileirismo próprio do RS onde significa o mesmo que *guimba*.

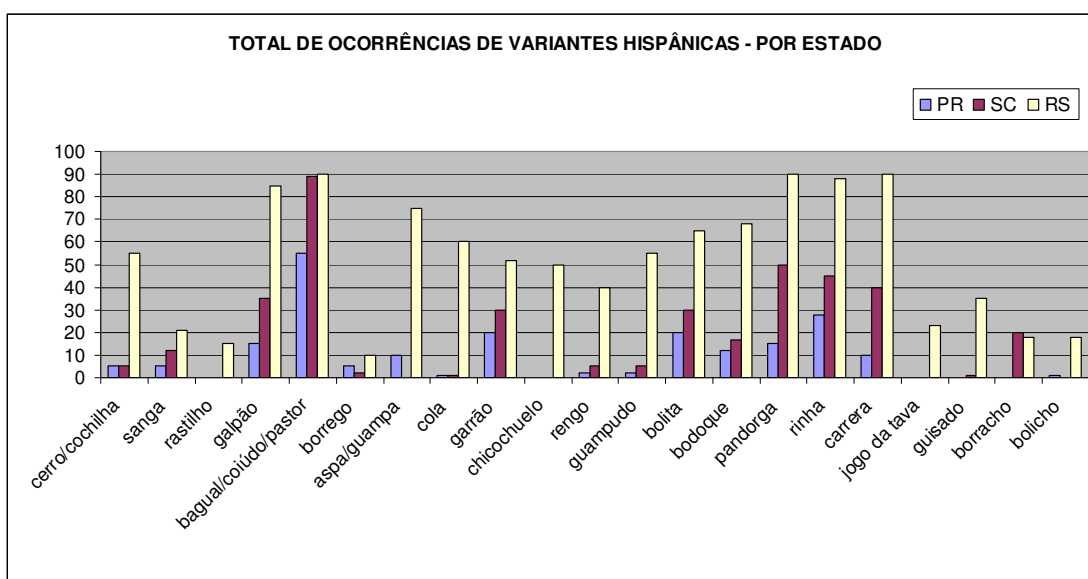
Gobello (1982) menciona que *pucho* é da linguagem popular (na Argentina) que significa resíduo, resto, ponta, ou “colilla”, que é o resto do cigarro que se tira por não ter fumado. Para esse autor a palavra vem do quíchua *púchu*, que é o mesmo que resíduo. O autor menciona também algumas expressões como “de a puchos” que significa “pouco a pouco”, “com o resto das coisas. A outra expressão é “sobre el pucho” que quer dizer “no instante”,

devido ao costume do paisano de acender um novo cigarro sobre o pucho do que estava fumando.

Nunes & Nunes (2003) e Oliveira (2005) também registram a palavra *pucho* como vinda do quíchua *puchu* que quer dizer resto e que, na linguagem do gaúcho, significa o mesmo que *prisca*, *bagana*, ou seja, a ponta do cigarro.

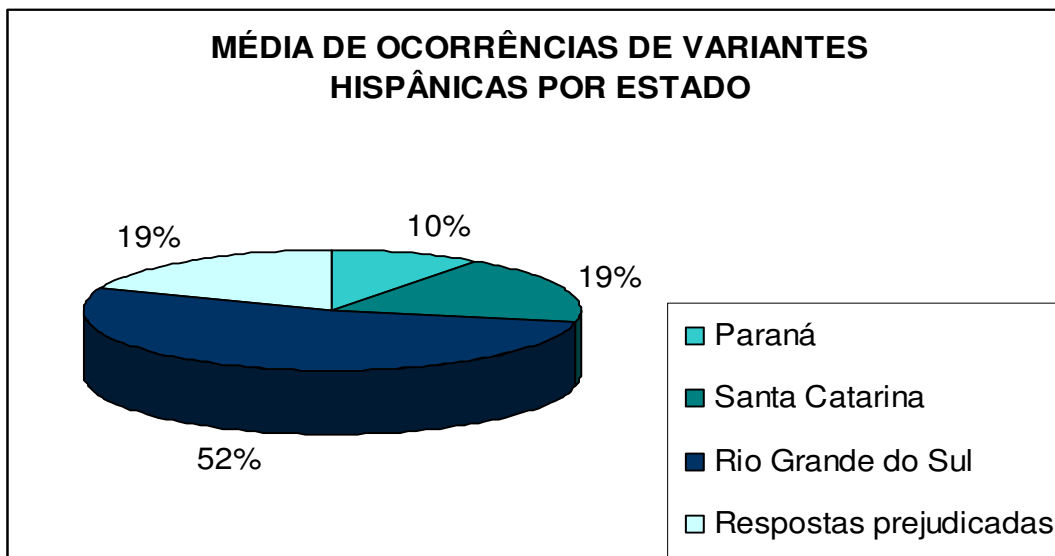
## ANÁLISES FINAIS:

Depois de visualizar todos os dados mostrados e analisados através dos mapas lingüísticos do ALERS neste trabalho, podemos concluir, de uma forma geral, que o Rio Grande do Sul é o estado da Região Sul que mais sofreu influência lexical do contato com o espanhol e isso pode ser visualizado no gráfico da figura 26 que mostra o percentual de ocorrências de cada uma das 21 variantes hispânicas nos três estados da Região Sul.



**Figura 26** - Percentual de ocorrências de variantes hispânicas nos três estados da Região Sul.

Verifiquemos também, no gráfico da figura 27, a média de ocorrências de variantes hispânicas por estado. Os 19% de respostas prejudicadas devem-se ao fato de haver um número relevante de perguntas do QSL do ALERS que, por diversos motivos, não puderam ser registrados e por isso não permitem que os resultados fechem o total de 100%.



**Figura 27** – Média de ocorrências de variantes hispânicas por estado.

Como podemos visualizar, nas figuras 26 e 27, o segundo estado mais influenciado pelas variantes hispânicas é Santa Catarina, e o estado com menor influência dessas variantes é o Paraná devido aos vários fatores de ordem histórica, geográfica e cultural já mencionados anteriormente.

Outro fator importante a ser observado depois das análises feitas no decorrer do texto é que grande parte das variantes consideradas, por nós, como hispânicas diz respeito a atividades agropastoris como é o caso de: *rastilho, galpão, bagual, coiúdo, pastor, borrego, aspa, guampa, cola, garrão, chicochoelo, rengo, guampudo e carrera*, e festas e divertimentos como é o caso de *bolita, bodoque, pandorga, rinha, carrera e jogo da tava*..

Algumas dessas palavras, que são destinadas, pelos falantes entrevistados pelo ALERS, a nomear partes do corpo ou características dos animais, são usadas também para designar partes do corpo e características dos seres humanos, é o caso de *guampa/guampudo* (nome dado aos chifres dos animais e usada para nomear o homem chifrudo), *garrão* (nome dado ao calcanhar dos animais e usado para designar o calcanhar humano), *chicochoelo* (nome dado ao joelho dos animais e usado para designar o joelho humano) e *rengo* (característica do cavalo que manca e usada para designar a característica humana de mancar).

Talvez uma das razões para o uso dessas variantes seja o fato de os falantes fazerem parte da zona rural e trabalharem com a agricultura, com o gado e com cavalos, o que os levaria a usar nomes relacionados aos animais para designar partes do corpo de pessoas. No entanto, isso não quer dizer que os falantes da zona urbana dessas mesmas cidades não usem

essas mesmas variantes, mesmo porque a grande maioria da população urbana do nosso país é de origem rural.

Outro questionamento que não podemos deixar de fazer diz respeito a origem das palavras *borracho*, *carreira* e *cola*, pois podemos questionar se elas realmente são variantes hispânicas pelo fato de serem as três de origem latina, o que nos permite indagar se elas não teriam sido trazidas para cá, para a América Latina, primeiro pelo portugueses, pelos imigrantes açorianos e não pelos espanhóis, já que a palavra *cola*, por exemplo, é muito usada em Portugal.

Infelizmente não podemos afirmar nada definitivamente porque nossos dados não nos permitem isso, sendo assim classificamos essas palavras como variantes hispânicas porque se elas encaixaram em todos os critérios estabelecidos pela pesquisa. Além disso, poderíamos supor que essas palavras teriam sido trazidas pelos açorianos se elas fossem registradas, nos mapas, nas regiões litorâneas de SC ou do RS, regiões historicamente colonizadas por imigrantes açorianos, no entanto, como podemos verificar nos mapas, isso não ocorre.

Por fim, temos que mencionar outros fatores históricos, sociais, étnicos e geográficos constitutivos da Região Sul que não foram mencionados nesta pesquisa devido ao pouco espaço de tempo, mas que podem, de alguma forma, ter influenciado o uso das variantes hispânicas em alguns lugares dessa Região e que podem fazer parte de análises futuras. Dentre esses fatores podemos destacar: a) Barreiras geográficas como rios ou fluxos facilitados como a Linha Seca e a Coxilha Grande; b) Áreas bilíngües de populações isoladas alóctones/imigrantes; c) Influência açoriana, arcaísmos; d) Atividades Agro-pecuárias; e) Tratados de fronteiras (além daqueles que foram descritos na contextualização histórica do Capítulo II), entre outros.

## CONCLUSÕES:

---

Levando em consideração que o objetivo principal desse trabalho era o de identificar variantes lexicais de origem castelhana no português falado no Sul do Brasil e delimitar os espaços geográficos em que são usadas, nas fronteiras dos três estados dessa região, formadas pelo contato português-espanhol, podemos afirmar, ao término dessa pesquisa, que, alcançamos essa finalidade, pois além de encontrarmos 21 vocábulos claramente identificados como variantes hispânicas, também encontramos outros 20 itens considerados, neste trabalho, como variantes supostamente hispânicas e cognatos que, embora não tenham sido registrados pela literatura consultada como empréstimos claros do espanhol, merecem maiores e melhores investigações futuras. Além disso, depois das análises desses 21 mapas, podemos delimitar áreas lexicais e isoléxicas na Região Sul do Brasil que se distribuem em áreas junto às fronteiras com o Uruguai e Argentina e que, ora avançam do Sul do Rio Grande do Sul em direção ao Oeste de Santa Catarina e Paraná (acompanhando a rota de migração dos gaúchos rumo à exploração do Centro-Oeste do país) e ora avançam do sul em direção ao Centro de Santa Catarina e Paraná (acompanhando a rota estabelecida pelo caminho dos tropeiros).

Quanto à nossa primeira pergunta de pesquisa, sobre se *o grau de interferência do espanhol no português é o mesmo em todos os pontos de contato?*, devemos concordar com Thun (2000), quando afirma que, no Uruguai, a influência do contato com o português é heterogênea, pois na faixa imediatamente limítrofe à fronteira o português segue se fortalecendo graças ao contato contínuo com o Brasil ao passo que, mais longe da fronteira, na zona distante, a vitalidade do português diminui. Sendo assim, podemos afirmar que o mesmo se aplica ao português de contato com o espanhol, nas áreas limítrofes aos países hispânicos, já que, quanto mais longe das fronteiras, menor é a interferência das variantes de origem hispânica.

Nossa segunda pergunta de pesquisa indagava sobre *quais seriam os itens lexicais do espanhol incorporados ao português no Sul do Brasil, de acordo com o ALERS?* Pois a literatura consultada apontava, entre outros vocábulos, as palavras *coxilha, sanga, planchar, piola, esquilar, cerro, rastilho e jugo* como tomados do espanhol platino. De fato, podemos afirmar que encontramos, nos dados do ALERS, outras variantes hispânicas que são, além de *cerro, coxilha, sanga, rastilho e jugo* já descritas pela literatura, *galpão, bagual, coiúdo (colhudo), pastor, borrego, guampudo, aspa, guampa, cola, garrão, chicochoelo, rengo, lunanco, bolita, bodoque, pandorga (pandolga, bandorga), rinha de galo, carreira, jogo*

*da/de tava, guisado, borracho e bolicho*, consideradas, nesse trabalho, como indícios claros de empréstimos do espanhol. Além dessas palavras acima mencionadas, encontramos outras variantes supostamente hispânicas e cognatas, ou seja, palavras que já estão largamente difundidas no português brasileiro, ou então, palavras que pertencem aos dois idiomas e que resistem (ou não foram substituídas por outras variantes lusas), nas regiões de fronteira, pela semelhança. São elas: *ladeira (ladeirão), taipa (de pedra), bergamota, lavrar, carreta (de duas rodas), appear (pear, apinhar), machorra, corvo, jugo, pêlo (cabelo duro), caloteiro, repouso (materno), raia, crioulo, corpinho (corpim), carpim, chibo (chibarro), astilhar, rengo, bidu e pucho*.

Nossa terceira e última pergunta questionava se *era possível, com base em variantes lexicais, delimitar as áreas dialetais do português de contato com o espanhol?*, considerando que, ao longo das fronteiras com o Uruguai, a Argentina e o Paraguai, existem pontos com maior contato comercial, fluxo de pessoas, turistas etc. do que em outros. Sendo assim, era e esperado que, nos lugares de contato mais intenso, ocorresse maior influência da língua espanhola no léxico do português, formando áreas lexicais mais homogêneas. Nessa perspectiva, imaginava-se que na fronteira de Santa Catarina com a Argentina, houvesse pouca influência, assim como em algumas regiões do RS. Mais uma vez nossa hipótese se confirmou, porém, em parte, pois, embora a fronteira de Santa Catarina tenha pouco contato (geográfico, comercial, turístico etc.) ela sofre a influência dos migrantes gaúchos que se deslocam em direção ao Centro-Oeste do país, como foi várias vezes mencionado nessa pesquisa.

A difusão de empréstimos do espanhol varia quanto ao modo e quanto à intensidade. Há casos cuja diatopia se restringe a áreas de fronteira, em particular às fronteiras meridionais com o Uruguai e Argentina: *rastilho, coiúdo (colhudo), chicochoelo, borracho, jogo da tava*. Outras variantes, além de serem largamente usadas nas regiões próximas às fronteiras, alcançaram grande difusão, ocorrendo, inclusive, em regiões de baixo ou nenhum contato com o espanhol, entre as quais estão: *galpão, bolita e bodoque*.

Há também casos de variantes registradas em alguns pontos de fronteira, mas não em outros, avançando, às vezes, pelo território, em áreas afastadas da fronteira, como é o caso de *sanga, coxilha, garrão, aspa*. As causas da maior ou menor difusão são diversas, mas o deslocamento de populações na Região Sul, seja em razão do comércio de gado, seja devido a migrações internas em busca de novas terras, tem alta relevância, pois com os falantes, também desloca-se a língua, ou deslocam-se as línguas.



No entanto, devemos admitir que podem ter escapado aos nossos olhos muitos vocábulos de influência espanhola, pois é comum ao pesquisador se acostumar aos dados e imaginar que eles não servem, ou então que eles são perfeitos. Sendo assim, acabamos sendo subjetivos embora tenhamos que ser objetivos. Porém, não temos a intenção de acabarmos aqui com todas as discussões acerca dos empréstimos lexicais do espanhol no português brasileiro, pelo contrário, nos sentimos quase pioneiros na área e acreditamos que discussões mais aprofundadas sobre o tema enriqueceriam muito a dialetologia brasileira.

Como se sabe, o português falado no Sul do Brasil e, mais especificamente nas regiões de fronteira, onde o contato com o espanhol é mais intenso, apresenta centenas de outras palavras atribuídas a esse contato. Isso é facilmente comprovado na interação lingüística com habitantes desses lugares e na literatura, tanto em textos em prosa (ver, por exemplo, *Rapa de tacho* v. I, II e III de Silva Rilho), quanto em poemas e letras de música gauchesca. Todavia, sem o método geolingüístico de investigação, pouco se pode dizer sobre a distribuição diatópica e sobre os grupos sociais responsáveis pela difusão. Há ainda que ressaltar que, as conseqüências lingüísticas atribuídas ao contato português-espanhol no Sul do Brasil não se restringem aos empréstimos lexicais. Muitos outros aspectos, tanto gramaticais quanto pragmáticos-discursivos, caracterizam essa variedade de português existente nessa região. Nesse sentido, nosso estudo é uma pequena e inicial contribuição na descrição desse português.

Devemos mencionar, também, que, devido às limitações do banco de dados do ALERS não podemos fazer afirmações categóricas acerca do assunto em questão, já que são entrevistados apenas um indivíduo por ponto de inquérito conforme o modelo da geolingüística tradicional. No entanto, isso não invalida a pesquisa já que a recorrência de um item em cidades próximas reafirma o uso do mesmo naquela região.

Por fim, esperamos despertar nos futuros leitores um interesse no assunto e desejamos ter contribuído, ao menos modestamente, com os estudos em dialetologia no Sul do Brasil, principalmente os sobre o contato do português com o espanhol, já que os estudos continuam sendo escassos nessa área.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS:

---

AGUILERA, Vanderci de Andrade. Estudos dialetológicos no Paraná: caminhos e perspectivas. In: GÄRTNER, Eberhard; HUNDT, Christine; SCHÖNBERGER, Axel (eds). *Estudos de geolingüística do português americano*. Frankfurt am Main: TFM, 2000 (Biblioteca luso-brasileira; vol.18).

\_\_\_\_\_. O português em contato com as línguas de imigrantes no Sul do Brasil. In: GÄRTNER, Eberhard; HUNDT, Christine; SCHÖNBERGER, Axel (eds). *Estudos de geolingüística do português americano*. Frankfurt am Main: TFM, 2000 (Biblioteca luso-brasileira; vol.18).

AGUILERA, V. *Atlas lingüístico do Paraná*. Curitiba: Imprensa Oficial do Estado do Paraná, 1994.

ATLAS LINGÜÍSTICO-ETNOGRÁFICO DA REGIÃO SUL DO BRASIL (ALERS). Volume 1: *Introdução*; Volume 2: *Cartas Fonéticas e Cartas Morfosintáticas*. ALTENHOFEN, Cléo V.; KLASSMANN, Mário Silfredo; KOCH, Walter (orgs.) et al. Porto Alegre: Ed. da UFRGS; Florianópolis: Ed da UFSC; Curitiba: Ed. da UFPR, 2002.

ALTENHOFEN, Cléo Vilson. Áreas lingüísticas do português falado no sul do Brasil: um balanço das fotografias geolingüísticas do Alers. In: VANDRESEN, Paulino (org). *Variação e mudança no português da Região Sul*. Pelotas: EDUCAT, 2002. p. 115-145.

BERTOLOTTI, Virgínia. Tuteo y voseo en el Uruguay durante el siglo XIX. In: VIEIRA, Vera Regina de Aquino; COSTA, Maria José Damiani; BARROS, Luizete Guimarães (orgs). *Hispanismo 2004: língua espanhola*. 3. Congresso Brasileiro de Hispanistas; Florianópolis: UFSC, 2006.

BIDERMAN, Maria Tereza Camargo. O Léxico. In: OLIVEIRA, Ana Maria Pinto Pires; ISQUERDO, Aparecida Negri (orgs). *As ciências do léxico, lexicologia, lexicografia, terminologia*. Campo Grande, MS: Editora UFMS, 1998.

BRANDÃO, Silvia Figueiredo. *A Geografia Lingüística no Brasil*. São Paulo: Ática, 1991.

BRAUN, Jayme Caetano. *Vocabulário Pampeano*. 2ª ed. Porto Alegre: EDIGAL, 1998.

BRUM, Nilo Bairros de. *Caminhos do Sul*. Porto Alegre: Metrópole, 1999.

BUNSE, H.; KLASSMANN, M. S. *Estudos de dialetologia no Rio Grande do Sul (problemas, métodos, resultados)*. Porto Alegre: Faculdade de Filosofia, UFRGS, (1969).

CALVET, Louis-Jean. *Sociolingüística: uma introdução crítica*. São Paulo: Ed. Parábola, 2002.

CARDOSO, Suzana Alice Marcelino; MOTA, Jacyra Andrade. Dialetologia e ensino da língua materna. In: GÖRSKI, Edair Maria. COELHO, Izete Lehmkuhl (org). *Sociolingüística e ensino: contribuições para formação do professor de língua*. Florianópolis: Ed. da UFSC, 2006.

CARDOSO, Suzana Alice Marcelino. Tinha Nascentes razão?(Considerações sobre a divisão dialetal do Brasil). *Estudos Lingüísticos e Literários*, Salvador, v.5, p.47-59, 1986.

\_\_\_\_\_. A geolingüística no Brasil. Quinto Império. *Revista de Cultura e Literaturas de Língua Portuguesa*, Salvador, n.7, p. 11-24, 1996.

\_\_\_\_\_. A Geolingüística no Terceiro Milênio: Monodimensional ou Pluridimensional?. *Revista do GELNE*, Fortaleza, v.4, n.1/2, p. 215-223, 2006.

CARNIATO, Miriam Cristina. *A neutralização das vogais postônicas finais na comunidade de Santa Vitória do Palmar*. Universidade Católica de Pelotas: EDIPUCRS, 2000. (Dissertação de Mestrado).

COSERIU, Eugenio. *Sentido y Tareas de la Dialectología*. México: Instituto de Investigaciones Filológicas Centro de Lingüística Hispánica, 1982.

DICIONÁRIO HOUAISS DA LÍNGUA PORTUGUESA. Rio de Janeiro: Objetiva, 2001.

ELIZANCÍN, Adolfo. *Dialectos en Contacto – Español y Portugues en España y America*. Arca Editorial S.R.L.: Montevideo – Uruguay, 1992.

ESPIGA, Jorge. O contato do português com o espanhol no sul do Brasil. In: VANDRESEN, Paulino (org). *Variação , Mudança e Contato Lingüístico no Português da Região Sul*. Pelotas: EDUCAT, 2006.

FERREIRA, Carlota; CARDOSO, Suzana Alice Marcelino. *A dialetologia no Brasil*. São Paulo: Contexto, 1994, p. 11-21.

FERGUSON, Charles A. Diglossia. In: FONSECA, Maria S. Vieira da; NEVES, Noema Facure. *Sociolingüística*. Rio de Janeiro: Eldorado, 1974 (1959).

FURLAN, Oswaldo Antônio. *Influência açoriana no português em Santa Catarina*. Florianópolis: Editora da UFSC, 1989.

GARCIA, Hamilcar de. *Dicionário Espanhol-Português*. 4ª ed. Porto Alegre: Editora Globo, 1953.

GARMADI, Juliette. *Introdução à socio-lingüística*. Lisboa: Publicações Dom Quixote, 1983.

GOBELLO, Jose. *Diccionario Lunfardo*. 4ª ed. Buenos Aires – Argentina: Pena Lillo Editor, 1982.

KLASSMANN, M. S. Arealidade do Português no Atlas Lingüístico-Etnográfico da Região Sul do Brasil: o sintagma CRIOULO. In: *XII Encontro Regional do Projeto VARSUL*, 2001, Porto Alegre. Anais em preparação, 2001.

KOCH, Walter. O povoamento do território e a formação de áreas lingüísticas. Contribuição do Atlas Lingüístico-Etnográfico da Região Sul ao estudo da fronteira lingüística entre o Brasil e o Uruguai. In: *Práticas de integração nas fronteiras: temas para o Mercosul*. Porto Alegre: Ed. da UFRGS; Inst. Goethe/ICBA, 1995. p.192-206.

\_\_\_\_\_. In: GÄRTNER, Eberhard; HUNDT, Christine; SCHÖNBERGER, Axel (eds). *Estudos de geolinguística do português americano*. Frankfurt am Main: TFM, 2000 (Biblioteca luso-brasileira; vol.18).

KRIEGER, Maria da Graça. Lexicografia: o léxico no dicionário. In: SEABRA, Maria Cândida Trindade Costa. (org.). *O léxico em estudo*. Belo Horizonte: Faculdade de Letras da UFMG, 2006. p. 157-171.

MARGOTTI, Felício. Variações de gênero no Português do sul do Brasil. In: *XI Seminário do Centro de Estudos Lingüísticos e Literários do Paraná*, 1997, Cascavel. XI Seminário do CELLIP - Língua, Literatura e Modernidade: Caderno de Resumos, 1997.

\_\_\_\_\_. Ensino de Português e Variantes Morfossintáticas. In: *V Encontro Internacional de Língua e Culturas Lusófonas - Universos da Língua Portuguesa*, 1998, Buenos Aires. Universos da Língua Portuguesa, 1998.

\_\_\_\_\_. *Redução variável do ditongo nasal [-ãw] em Chapecó/SC e Flores da Cunha/RS*. ENCONTRO REGIONAL DO VARSUL, 12. Porto Alegre, 2001. Comunicação.

\_\_\_\_\_. *A perspectiva da geolinguística pluridimensional*. Cadernos do IL, Porto Alegre, v. 26/27, p. 67-74, 2003.

\_\_\_\_\_. *Difusão sócio-geográfica do português em contato com o italiano no sul do Brasil*. 2004. Tese (Doutorado em Lingüística) – Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2004.

MARGOTTI, Felício Wessling. VIEIRA, Hilda Gomes. Indicadores de áreas lexicais em Santa Catarina: subsídios para políticas de ensino de língua portuguesa. In: GÖRSKI, Edair Maria. COELHO, Izete Lehmkuhl (org). *Sociolingüística e ensino: contribuições para formação do professor de língua*. Florianópolis: Ed. da UFSC, 2006.

MENDOZA SASSI, M. P. *A palatalização na cidade de Santa Vitória do Palmar*. 1998. Dissertação (Mestrado em Lingüística), Universidade Católica de Pelotas, Pelotas, 1998.

MERCER, José Luís da Veiga. *Áreas fonéticas do Paraná*. Curitiba, 1992. (Tese acadêmica).

MIGNONI, Rosália Procasko Lacerda. *A transferência e a aquisição das vogais espanholas /e/ e /o/, em substantivos e adjetivos, por falantes universitários brasileiros*. 2000. Dissertação (Mestrado em Lingüística), Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2000.

NASCENTES, Antenor. *Esboço(s) para a elaboração do atlas lingüístico do Brasil*. [Questionário. Pontos de inquérito.] Rio de Janeiro: Casa de Cultura Rio Barbosa, 1958. 22p.

\_\_\_\_\_. *Bases para a elaboração do Atlas Lingüístico do Brasil (II)*. [Elaboração do questionário geral]. Rio de Janeiro: Casa de Rui Barbosa; MEC, 1961. 40P.

\_\_\_\_\_. Características de uma área lexical heterogênea na região sul do Brasil. In: VANDRESEN, Paulino (org). *Variação, Mudança e Contato Lingüístico no Português da Região Sul*. Pelotas: EDUCAT, 2006.

NOVO DICIONÁRIO AURÉLIO DA LÍNGUA PORTUGUESA. Rio de Janeiro: Editora Nova Fronteira S.A. 1986.

NUNES, Zeno Cardoso; NUNES, Rui Cardoso. *Dicionário de Regionalismos do Rio Grande do Sul*. 10ª ed. Porto Alegre: Martins Livreiro, 2003.

OLBADÍA, José María. *El habla del pago*. Montevideo – Uruguay: Ediciones de la Banda Oriental S.R.L, 2006.

OLIVEIRA, Ana Maria Pinto Pires de. Regionalismos Brasileiros: a questão da distribuição geográfica. In: OLIVEIRA, Ana Maria Pinto Pires; ISQUERDO, Aparecida Negri (orgs). *As ciências do léxico, lexicologia, lexicografia, terminologia*. Editora UFMS: Campo Grande, MS, 1998.

OLIVEIRA, Alberto Juvenal de. *Dicionário Gaúcho*. 3ª ed. Porto Alegre: AGE, 2005.

RADTKE, Edgar. THUN, Harald. Nuevos Caminos de la Geolingüística Románica. Un Balance. In: RADTKE, Edgar. THUN, Harald (Hrsg). *Neue Wege der romanischen Geolinguistik*. Acten des Symposiums zur empirischen Dialektologie. (Heidelberg/ Mainz 21-24.10.1991) Kiel: Westensee-Verlag, 1996. p.25-49.

ROVEDA, Suzana Damiani. *Elevação da vogal média átona final em comunidades bilíngües: português e italiano*. 1998. Dissertação (Mestrado em Lingüística), Pontifca Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 1998.

RODRIGUEZ, C. V. Áreas lingüísticas no Rio Grande do Sul: conjunto de fatores determinantes. In: *Congresso Internacional da Associação de Lingüística e Filologia da América Latina*, 9., 1990. UNICAMP, 1998. v.4, p.13-20.

SANTOS, Sílvio Coelho dos. *Nova história de Santa Catarina*. Ed. da UFSC: Florianópolis, 2004.

SANTOS, H.P. *Dicionário Espanhol-Português*. Edição Especial. São Paulo: Editora LEP S. A., 1960.

SILVA, Maria Emília Barcellos da. Competência e perspectivas dos estudos de base lexical. In: OLIVEIRA, Ana Maria Pinto Pires; ISQUERDO, Aparecida Negri (orgs). *As ciências do léxico, lexicologia, lexicografia, terminologia*. Editora UFMS: Campo Grande, MS, 1998.

STURZA, Eliana Rosa. *Línguas de Fronteira: o desconhecido território das práticas lingüísticas nas fronteiras brasileiras*. Ciência e Cultura, São Paulo, p. 47-50, 2005.

THUN, Harald. La geolingüística como lingüística variacional general (con ejemplos del Atlas Lingüístico Diatópico y Diastrático del Uruguay). In: INTERNACIONAL CONGRESS OF ROMANCE LINGUISTICS AND PHILOLOGY (21.:1995: Palermo). *Atti del XXI Congresso Internazionale di Linguistica e Filologia Romanza*. Org. Giovanni Ruffino.

Tübingen: Niemeyer, 1998. p. 701-729, incluindo resumo dos tópicos principais da seção 5, p.787-789.

\_\_\_\_\_. O português americano fora do Brasil. In: GÄRTNER, Eberhard; HUNDT, Christine; SCHÖNBERGER, Axel (eds). *Estudos de Geolingüística do português americano*. Frankfurt am Main: TFM, v.15, 2000. p. 185-227.

VANDRESEN, Paulino. *A lingüística no Brasil*. Comciência. 2001. Disponível em <<http://www.comsciência.br>> Acesso em 02 jan. 2008.

VIEIRA, Hilda Gomes. *Aspectos a considerar na Elaboração de um Atlas Lingüístico*. ENCONTRO DO CELSUL, 1. Florianópolis, 1995. *Anais do CELSUL*. Florianópolis, v.1, p.3007-315, 1997.

\_\_\_\_\_. *Realização das Oclusivas /t/ e /d/ no Português de Santa Catarina*. In: Odete Pereira da Silva Menon. (Org.). *Variação lingüística do Português no Brasil*. 1 ed. Curitiba: Universidade Federal do Paraná, 1998, p. 155-170.

\_\_\_\_\_. *Importância do Atlas Lingüístico para o Ensino/Aprendizagem da Escrita na Escola*. Estudos Lingüísticos, São Paulo, v.28, p. 263-268, 1999.

\_\_\_\_\_. *Variantes da Língua Portuguesa no Estado de Santa Catarina, Brasil*. ACTAS do XIV Encontro Nacional da APL, Lisboa, v.2, 2000.

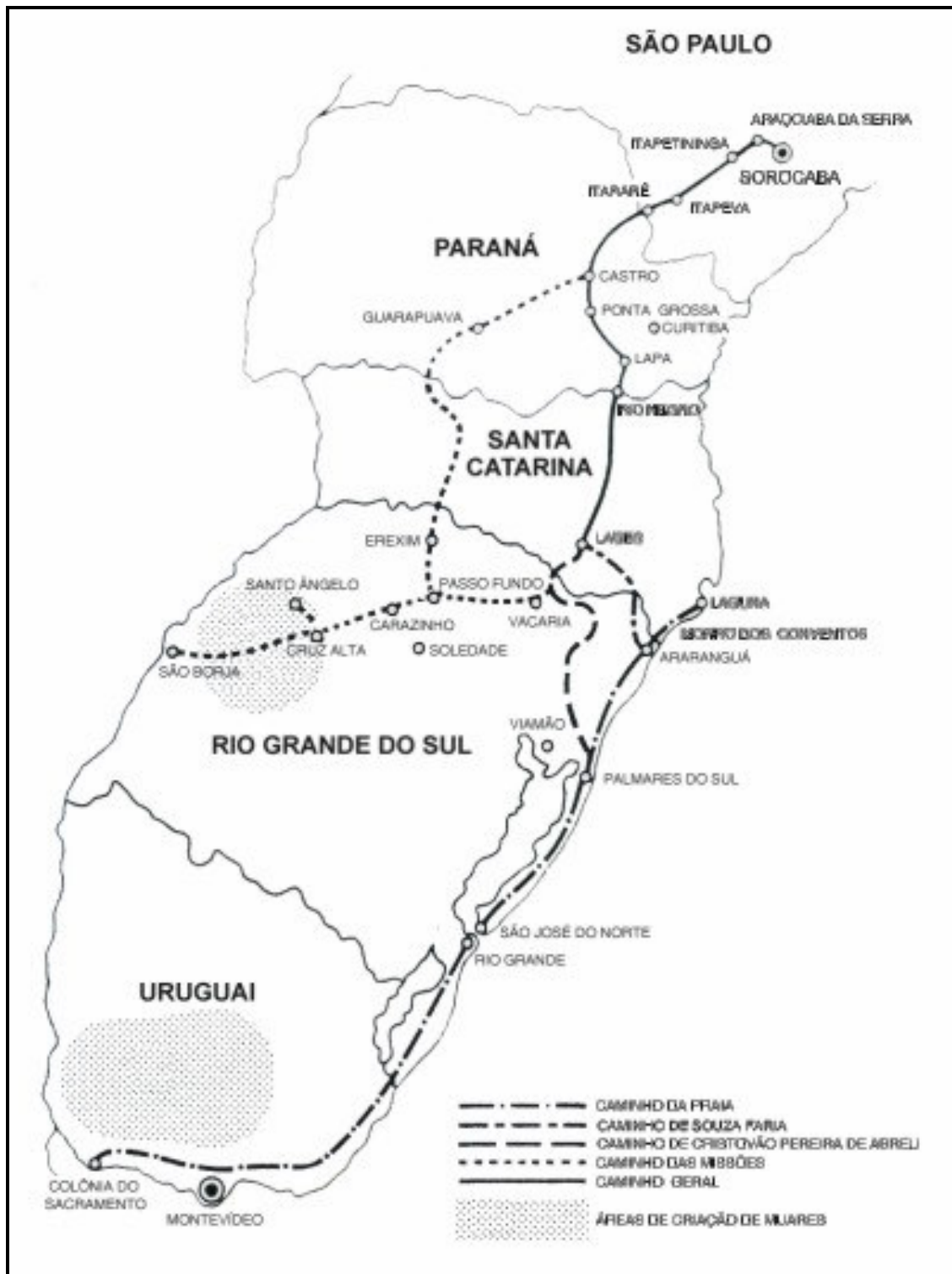
VIEIRA, Maria José Blaskovski. *Neutralização das vogais médias postônicas*, 1994. Dissertação (Mestrado em Lingüística), Universidade Federal do Rio Grande do Sul, 1994.

WAGNER, Cláudio. *Geolingüística: problemas de ajuste en situaciones de contacto*. In: RADTKE, Edgar. THUN, Harald (Hrsg). *Neue Wege der romanischen Geolinguistik*. Acten des Symposiums zur empirischen Dialektologie. (Heidelberg/ Mainz 21-24.10.1991) Kiel: Westensee-Verlag, 1996. p.25-49.

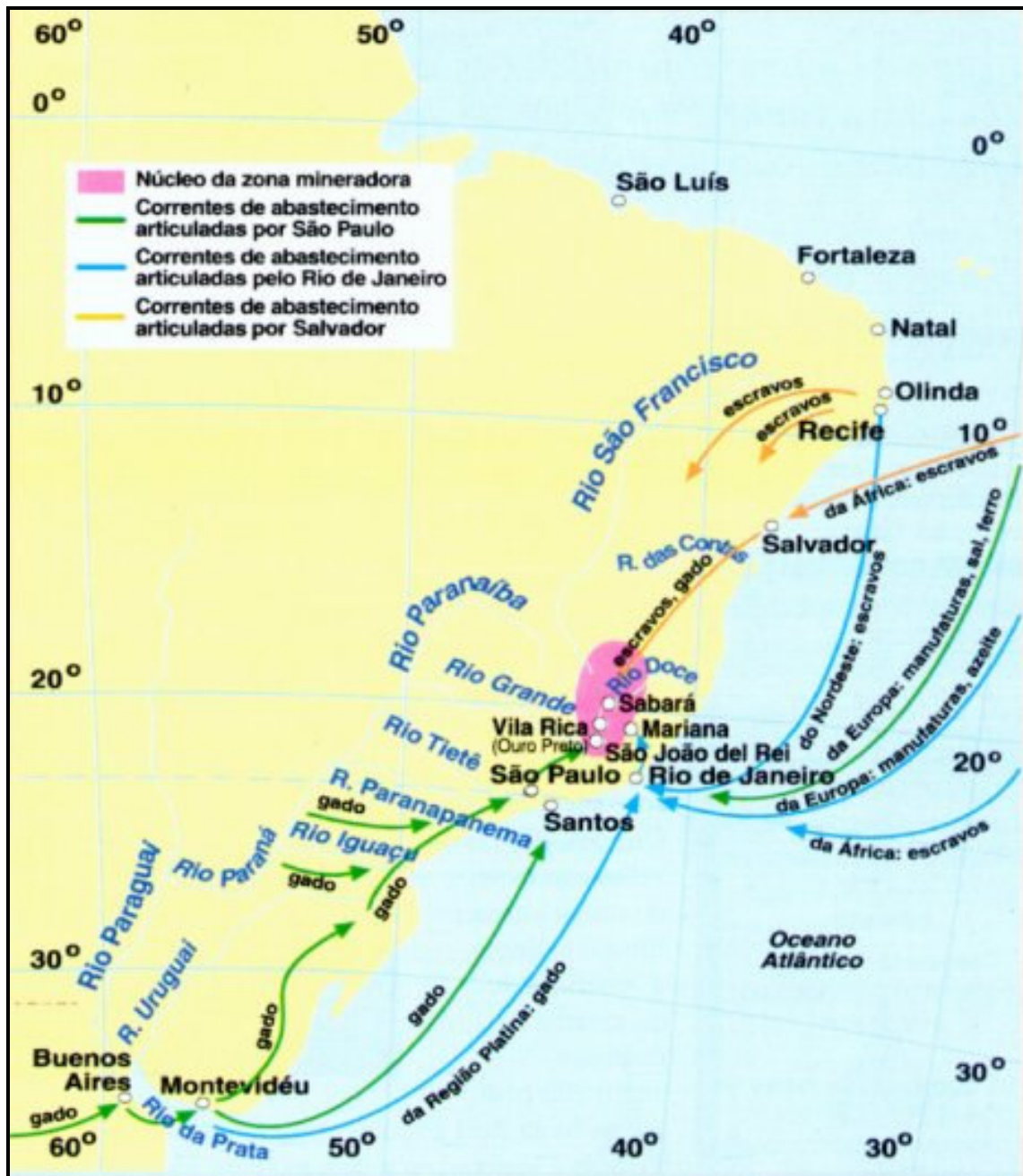
WEINREICH, Uriel. *Languages in Contact: Findings and Problems*. The Hague; Paris: Mouton, 1974 [1953].

WINKELMANN, Otto. *La geolingüística pluridimensional y el análisis de situaciones de contacto lingüístico*. RADTKE, Edgar. THUN, Harald (Hrsg). *Neue Wege der romanischen Geolinguistik*. Acten des Symposiums zur empirischen Dialektologie. (Heidelberg/ Mainz 21-24.10.1991) Kiel: Westensee-Verlag, 1996. p.25-49.

ANEXOS:



Mapa 1: Principais rotas do caminho dos tropeiros.



Mapa 2: Caminho dos tropeiros na América.



**Mapa 3:** Rede de pontos do ALERS, situando antigas rotas de tropeiros e os limites dos tratados de fronteira no extremo sul.

Último texto

Poemeu - A superstição é imortal

**Millôr Fernandes**

Quando eu era bem menino  
Tinha fadas no jardim  
No porão um monstro albino  
E uma bruxa bem ruim.

Cada lâmpada tinha um gênio  
Que virava ano em milênio  
E, coisa bem mais perversa,  
Sapo em rei e vice-versa.

Tinha Ciclope, Centauro,  
Autósito, Hidra e megera,  
Fênix, Grifo, Minotauro,  
Magia, pasmo e quimera.

Mas aí surgiram no horizonte  
Além de Custer e seus confederados  
A tecnologia mastodonte  
Com tecnologistas bem safados  
Esses homens da ciência me provaram  
Que duendes, bruxas e omacéfalos  
Eram produtos imbecis de meu encéfalo.  
Nunca existiram e nunca existirão:  
uma decepção!

Mas continuo inocente, acho.  
Ou burro, bobo, ou **borracho**.  
Pois toda noite eu vejo todo dia  
Tudo que é estranho, raro, ou anomalia:  
Padres sibilas  
Hidras estruturalistas  
Ministros gorilas  
Avis raras feministas  
Políticos de duas cabeças  
Unicórnios marxistas  
Antropólogas travessas  
Mactocerontes psicanalistas  
Cisnes pretos arquitetos  
Economistas sereias  
Democratas por decreto  
E beldades feias  
Que invadem a minha caverna  
E me matam de aflição  
Saindo da lanterna  
Da televisão.

[http://www.releituras.com/millor\\_menu.asp](http://www.releituras.com/millor_menu.asp). Acessado em 28.05.2008.

Daily Millor

Dicionário Português/ Português

por Millôr Fernandes

A cumieira, a cimeira, a cúpula, trouxe de novo à discussão se devemos ou não devemos admitir influência de línguas estrangeiras. Ah, Portugal não fala língua estrangeira? Então vejam se entendem este texto:

"Estava a conduzir meu automóvel numa azinhaga com um **borracho** muito gira ao lado, quando dei com uma bossa na estrada de circunvalação que um bera teve a lata de deixar. Escapei de me espalhar à justa. Em havendo um bufete à frente convidei a chavala a um copo.

Botei o chiante na berma e ordenamos ao criado de mesa, uma sande de fiambre em carcaça eu, e ela um miau. O panasqueiro, com jeito de marialva paneleiro, um chalado da pinha, embora nos tratando nas palminhas, trouxe-nos a sande com a carcaça esturrada (e sem caganitas!), e, faltando-lhe o miau, deu-nos um prego duro".

Não entenderam. Preferem javanês? Então eu traduzo para a língua que se fala no Brasil:

"Eu dirigia meu carro por um caminho de pedras tendo ao lado uma gata espetacular, quando vi um lombo na estrada de contorno que um escroto teve o descaramento de fazer. Por pouco não bati nele. Como havia em frente uma lanchonete, convidei a gata a tomar um drinque. Coloquei o carro no acostamento e pedimos ao garçom sanduíche de presunto com pão de forma\*, eu, e ela sanduíche de lombinho. O gozador, com jeito de don Juan bicha, muito louco, embora nos tratando muito bem, trouxe o sanduíche com o pão queimado (e sem azeitonas!) e não tendo sanduíche de lombinho, trouxe um de churrasquinho duro."

Vou confessar: só me foi possível traduzir o trecho acima por ser o rico possuidor de dois dicionários de português/ português. O primeiro é de 1981; Dicionário Lusitano-Brasileiro, Edições Plaquette, Rio. Um livreto artesanal, de Eno Teodoro Wanke. Contém pouco mais de 1000 palavras. O segundo, Dicionário Contrastivo Luso-Brasileiro, da Guanabara, é de Mauro Villar. Já está feito com todo o approach científico-linguístico e tem, calculando por alto, mais de 12.000 verbetes. Além de português/português é também um dicionário de português/português, se é que percebem.

Além dos dois dicionários português-português, sou ainda o rico proprietário de garfo e faca com as insígnias da Pide, a temida polícia política portuguesa. Recebidos de presente, depois da Revolução dos Cravos.

Como escrevi durante anos em Portugal, fui, com alguns amigos, catar nos arquivos policiais o que havia lá contra mim, e lá eles me deram os talheres. Ah, outra glória minha em Portugal foi o dia em que Salazar, o Fidel Castro Luso, lendo minhas páginas, disse a um embaixador: "Este gajo tem piada - pena que escreva tão mal o português." O panaca sabia das coisas.

\* Nota minha: carcaça não é pão de forma, é um pãozinho muito parecido com o nosso francês, só que bem mais seco e muito menos crocante.

E eu tenho certeza de que deve existir alguma outra tradução errada no segundo texto. Deixo a tarefa para os leitores portugueses.

[http://thelibongiraffe.typepad.com/diario\\_de\\_lisboa/2004/09/daily\\_millor.html](http://thelibongiraffe.typepad.com/diario_de_lisboa/2004/09/daily_millor.html). Acessado em 28.05.2008.

## **Borracho**

Autoria: Glaucus Saraiva

Pobre borracho... ajoelhado  
no oratório do bolicho!  
Teu presente é como o lixo  
que sobrou do teu passado.  
Tens o futuro castrado  
de esperança e ilusões.  
Te incorporaste aos balcões  
das pulperias do pampa...  
Se vives a meia guampa  
encharcado de bebida,  
é pra esquecer a caída  
dessa outra bebedeira  
que tomas, a guampa inteira,  
no copo amargo da vida.

Mastigando o teu silêncio,  
como quem reza baixinho,  
vais garganteando aos pouquinhos  
teu ato de contrição,  
feito de canha e limão  
por monges de estranha cúria,  
nesta liturgia espúria  
praticada no balcão.

Mas não tem quem te absorva,  
nem que ouça a tua reza...  
Geralmente te despreza  
a maioria, borracho.  
E, assim, vais vivendo guacho  
de carinho e compreensão.  
Mas eu te respeito, irmão,  
pois diz o velho ditado  
que até Deus, penalizado,  
frente a criança e ao borracho.  
Deus coloca a mão por baixo...

Todos nós somos borrachos,  
a canha é que é diferente.  
Eu conheço muita gente  
que rola por este mundo  
vivendo dramas profundos,  
embriagado de dor.

Outros, borrachos de amor,  
dão tudo, dão corpo e alma,  
vivendo a íntima calma  
que só nos traz a bondade.

Alguns, ébrios de vaidade,  
bebem tragos de si mesmo  
e vão ostentando a esmo  
garrafões de narcisismo,  
canha feita de egoísmo,  
indiferença e arrogância.  
Outros, pobre ignorância,  
se embriagam de dinheiro  
e fazem da vida celeiro  
para amontoar a riqueza,  
vivendo a extrema pobreza  
da indigência espiritual.  
Algum prefere o imortal  
licor feito de esperança  
e a realidade amansa  
bebendo ilusão e sonho.

E, por fim, nos vem tristonho,  
empochado em desencanto,  
um que bebe o próprio pranto,  
destilado, com certeza,  
do alambique da tristeza  
que bate no peito seu!  
Agora peço: por Deus,  
bolicheiro do meu pago,  
venha no mais outro trago  
que este borracho... sou eu!

<http://www.paginadogaicho.com.br/poes/gb-borr.htm>. Acessado em 28.05.2008.

**Anexo 4:** Textos de Millôr Fernandes com usos da palavra *Borracho* e outros autores.